

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO PROFISSIONAL EM
HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA

**FERRAMENTAS DA HISTÓRIA LOCAL PARA APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03: O
JORNAL A ALVORADA E A FRENTE NEGRA PELOTENSE COMO
PROVOCADORES DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA ANTIRRACISTA**

NATIELE GONÇALVES MESQUITA

**RIO GRANDE
2014**

NATIELE GONÇALVES MESQUITA

**FERRAMENTAS DA HISTÓRIA LOCAL PARA APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03: O
JORNAL A ALVORADA E A FRENTE NEGRA PELOTENSE COMO
PROVOCADORES DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA ANTIRRACISTA**

Trabalho apresentado como requisito final para aprovação no Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação da Professora Dr.^a CARMEM G. BURGERT SCHIAVON.

**RIO GRANDE
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M582f Mesquita, Natiele Gonçalves
Ferramentas da história local para aplicação da Lei 10.639/03:
o jornal *A Alvorada* e a Frente Negra Pelotense como
provocadores da consciência histórica antirracista / Natiele
Gonçalves Mesquita – 2014.

135 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Rio Grande,
Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado Profissional
em História, 2014.

Apresenta bibliografia.

Orientação: Profa. Dra. Carmem G. Burgert Schiavon.

1. História – Estudo e ensino. 2. Antirracismo 3. Brasil. [Lei n.
10.639, de 9 de janeiro de 2003]. I. Título.

CDU. : 371.3:94

Índice para o catálogo sistemático:

1. História – Estudo e ensino	371.3:94
2. Antirracismo	316.482.5
3. Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]	37(094.5)

Bibliotecária Responsável

Carolina Meirelles Meroni

CRB 10/ 2187

NATIELE GONÇALVES MESQUITA

**FERRAMENTAS DA HISTÓRIA LOCAL PARA APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03: O
JORNAL A ALVORADA E A FRENTE NEGRA PELOTENSE COMO
PROVOCADORES DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA ANTIRRACISTA**

Trabalho apresentado como requisito final para aprovação no Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação da Professora Dr.^a CARMEM G. BURGERT SCHIAVON.

Aprovada em 15 de setembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carmem G. Burgert Schiavon (Orientadora) / PPGH-FURG

Prof. Dr. Francisco das Neves Alves / PPGH-FURG

Prof. Dr. José Antônio dos Santos / UFRGS

- Se vida de nego é difícil a fala franca nos dá a direção.

Se ser livre é um compromisso o fim disso será a união.

*A Corrente nem prende nem me liberta, mente aberta me fez entender,
que no mundo uma coisa se deu por certa,
liberdade se cria pelo saber.*

(GOG, Nelson Maca, Higo Melo)

Dedico a todos lutadores e lutadoras
negras do Brasil, do passado e do presente,
que mesmo diante de todas as adversidades e
perseguições, seguem resistindo das
mais diversas formas ao nosso sistema
excludente e segregacionista, contrariando
o projeto da oligarquia brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo incentivo inicial na forma de concessão de bolsa, que contribuiu para os primeiros 6 meses na pós-graduação. Igualmente, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e aos professores e professoras nele envolvidos, pela coragem em tirar do papel o primeiro Mestrado Profissional em História no Brasil, trazendo, de forma inédita, a formação do educador histórico como fundamental na construção da ciência da História e, em especial, à professora Júlia Mattos, coordenadora do programa, pelo seu compromisso, dedicação e doação para que este curso de mestrado atinja seus objetivos de excelência e reconhecimento.

À Bibliotheca Pública Pelotense (BPP), por me aceitar por um curto espaço de tempo como sua funcionária, inaugurando minha carteira de trabalho como profissional de História e por me inspirar na construção do anteprojeto, entendendo quando optei por deixar o trabalho em curso lá para vivenciar outras experiências. Da BPP, agradeço em especial à dona Angela, ao Felipinho pelos momentos de descontração e ao Dan, por me encorajar no ingresso do mestrado.

Às professoras Adriana Senna e Gianne Atallah, por me oportunizarem o trabalho como tutora à distância da Pós-Graduação em *Rio Grande do Sul: Sociedade, Política e Cultura* da FURG, garantindo a manutenção nos demais meses de mestrado e aprendendo muito sobre educação presencial e à distância.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Carmem Schiavon, que me acolheu na FURG e de forma compreensiva, paciente e comprometida, me acompanhou durante toda a caminhada, entendendo e sabendo lidar com minhas dificuldades, dividindo suas angústias, alegrias, projetos e data de aniversário.

Aos colegas de mestrado que conheci neste íterim e que souberam contribuir e motivar diante da minha inexperiência: Maria Luíza, Luciana, Marcelo, Ana Paula, Maria de Lourdes, Tatiana, Jaqueline e, em especial, à Michele, pela sua generosidade nos auxílios metodológicos e pelos momentos de frustração e descontração que compartilhamos.

À Mariluci e Débora, pela troca de experiências, reclames, conselhos e risadas e, junto delas, a Alessandra, por me ajudar na construção do projeto, me aconselhar na caminhada e pela constante preocupação e interesse pelo meu trabalho.

Aos companheiros de vida e de luta do Levante Popular da Juventude, que compreenderam minhas ausências e contribuíram nos momentos de desopilação: Tiago, Thay, Pic, Hélio, Kel, Elô, Ju, Samara, Manu, Gilse, Fran, Letícia e, principalmente, minha confidente e guru, Debora Maria, que têm me ensinado na prática o sentido da solidariedade. À Helena, por me divertir e me animar quando me desmotivei.

Agradeço às minhas amigas de graduação e de vida, Louise, Kate, Mica, Morgana e Natasha, por dividirmos angústias, planos, alegrias, mesmo à distância e mesas de bar quando próximas.

À minha família, Joice, Adão, Yuri e Dani, por todo o suporte para chegar até aqui. Agradeço ao meu companheiro Rodrigo, pelo seu amor incondicional, incentivo e apoio diário.

Por fim, agradeço à Escola Luís Carlos Corrêa da Silva e seus profissionais, que têm contribuído na minha autoconstrução enquanto educadora e, principalmente, aos meus alunos e alunas, que têm feito dos meus dias uma aventura inesperada, repleta de energia e espontaneidade.

RESUMO

Esta Dissertação tem como objetivo problematizar a educação nas relações étnico-raciais, trazendo à tona a discussão da Lei n.º 10.639/03 e algumas possibilidades de trabalho a partir do periódico *A Alvorada*. Para tanto, se apontará a História local, da cidade de Pelotas, como um elemento de construção de proximidade com os educandos e educandas da Escola Estadual de Ensino Fundamental Luís Carlos Corrêa da Silva. Desse modo, a partir da perspectiva da História local, se insere o periódico *A Alvorada*, que circulou nesta cidade entre os anos de 1907 e 1965 e fora organizado por intelectuais negros da cidade, para propagandear as pautas, demandas e atividades da comunidade negra local. Assim, no ano de 1933, é formada a Frente Negra Pelotense, tendo como protagonistas diversos intelectuais do próprio jornal, fazendo deste o principal veículo de informação da Frente na cidade. Sendo assim, utiliza-se da análise de conteúdo do periódico no ano de 1933, para inferir acerca das menções à Frente Negra Pelotense para que então, fosse construída uma atividade pedagógica com alunos da cidade da educação básica. Nesta direção, apresenta-se o resultado da atividade realizada com duas turmas do 7º ano da Escola Luís Carlos Corrêa da Silva, no ano letivo de 2014, a fim de se discutir e problematizar o trabalho com os preceitos da Lei 10.639/03 no cotidiano escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Lei 10.639/03, jornal *A Alvorada*, Ensino de História, Frente Negra Pelotense.

ABSTRACT

This Dissertation aims to problematize education in ethnic-racial relations, bringing up the discussion of Law No. 10,639 / 03 and some possible work from the journal *A Alvorada*. For this, we will point the local history, the city of Pelotas, as a construction element of closeness with the students the Elementary School of the State of the Rio Grande do Sul Luis Carlos Corrêa da Silva. Thus, from the perspective of local history, the periodic *A Alvorada*, which circulated in this city between the years 1907 and 1965 and was organized by black intellectuals of the city, to propagandize the agendas, demands and activities of the local black community . Thus, in 1933, is formed the Frente Negra Pelotense having how intellectual protagonists of the newspaper itself, making this the main information vehicle of Front of town. Thus, it uses the content analysis of the journal in 1933, to infer about the references of Black Front Pelotense to then be built an educational activity with students of the city of basic education. In this direction, we present the result of the activity carried out with two groups of Year 7 of School Luís Carlos Corrêa da Silva, in the academic year 2014 in order to discuss and problematize the job with the provisions of Law 10,639 / 03 in the daily school .

KEY-WORDS: Law 10,639/03, *A Alvorada* newspaper, Teaching History, Black Front Pelotense.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – CONSTRUÇÃO DO RACISMO E DA LUTA ANTIRRACISTA: EMBATES QUE REFLETEM NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	20
1.1 Construção e desconstrução teórica do racismo no Brasil e no Rio Grande do Sul.....	22
1.2 Movimento negro, antirracismo e educação: caminhos percorridos para a implementação da lei 10.639/03	33
1.3 O jornal <i>A Alvorada</i>	38
1.4 Educação nas relações étnico-raciais.....	40
CAPÍTULO II – PROBLEMATIZANDO O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS POTENCIALIDADES	44
2.1 Educação Histórica e construção de consciência histórica antirracista	47
2.2 Movimento social como exemplo pedagógico	50
2.3 O uso da fonte <i>A Alvorada</i> em sala de aula: desafios e possibilidades.....	52
2.4 História local – a cidade de Pelotas e alternativas de trabalho com esta realidade	64
CAPÍTULO III – A EXPERIÊNCIA COM O JORNAL A ALVORADA NO TRABALHO COM A LEI 10.639/2003	69
3.1 A comunidade e a clientela da Escola Luís Carlos Corrêa da Silva	70
3.2 Perfil dos educandos e educandas do 7º ano da Escola Luís Carlos	73
3.3 Construindo a proposta para a sala de aula	76
3.4 As interpretações a partir do <i>A Alvorada</i> e da Frente Negra Pelotense	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
Fontes	106
Fontes auxiliares	106
Referências bibliográficas	108
ANEXOS	112
ANEXO I	113
ANEXO II	129
ANEXO III	130

ANEXO IV-A	131
ANEXO IV-B	132
ANEXO IV-C	133
ANEXO IV-D	134
ANEXO IV-E	135

INTRODUÇÃO

O interesse com a área da educação teve início, ainda, durante a graduação em Licenciatura em História na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), momento em que sempre foi incômoda a sensação de que o ensino de História não estaria sendo priorizado, tampouco a formação de profissionais na área da educação. Entretanto, a negligência com estes debates por parte do corpo docente e também discente, fez com que outros caminhos fossem descobertos a fim de sanar esta lacuna que muito inquietava, visto que o objetivo do ingresso no curso sempre foi o de lecionar História na educação básica.

Os motivos para o ingresso podem ser vistos como utópicos e fantasiosos, pois pensava-se que um professor de História podia mudar o mundo aos poucos, como um conjunto de formigas, que movimentava seu formigueiro. Hoje, a partir da perspectiva de dentro da sala de aula de uma Escola do Estado do Rio Grande do Sul, pode-se olhar para trás e perceber uma certa ingenuidade mas que, de uma determinada forma, permanece viva, porque o mundo ainda precisa ser mudado e a educação é estratégica, tanto para a mudança, como também para a reprodução de um modelo de sociedade de oportunidades mais igualitárias.

Para suprir esta lacuna formativa, os espaços do movimento estudantil universitário foram decisivos para que se construísse estudos a respeito do papel da universidade, do estudante universitário e dos profissionais que a instituição está formando. A partir disso, o ensino de História passou a ser um pouco menos idealizado e mais uma preocupação. Neste contexto de militante estudantil, os debates de inclusão na universidade constituem a tônica de grande parte dos discursos produzidos pelos sujeitos, que refletem acerca da função social da universidade e, neste contexto, se passou a “enxergar a invisibilidade” a que diversos grupos estavam expostos no ensino superior, tais como jovens menos favorecidos economicamente, homossexuais, mulheres, indígenas, negros, entre outros.

Nisso, a aproximação com diversos militantes de movimentos sociais, entre

eles o movimento negro, percebeu-se que direitos já conquistados pela população negra não estavam sendo assegurados. Mais que isso, muitos dos problemas sociais a que o Brasil está sujeito, são sentidos muito mais pela população negra que, embora seja difícil de se admitir, não está completamente incluída e muito menos representada na sociedade brasileira.

Nesse processo de “redescobrimto” do Brasil que o estudante de História vivencia, passa-se a assimilar o papel do ensino de História, pois se olha para o passado, para as experiências escolares e pouco se enxerga com relação à diversidade nos conteúdos, embora, muitas vezes, as veja na sala de aula. Aqui, há o momento em que se percebe o quão o ensino de História pode cumprir um papel modificador – ou perpetuador – de estereótipos e, não obstante, a perpetuação ainda é a forma mais fácil de lidar com os mesmos, visto que o silêncio reproduz e aceita que os preconceitos e discriminações das mais variadas matrizes ocorrem.

Quando uma estudante de graduação, de certa forma, decepcionada com a forma como se dava as relações e a produção de conhecimento dentro da universidade se depara com o final do seu curso e com o desafio da construção do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, há um momento de avaliação e reavaliação de sua trajetória e de que caminhos se quer percorrer a partir de então. Foi quando, na disciplina de História da África, se teve contato com o livro “Memória d’África: a temática africana em sala de aula”, obra de Maurício Waldman e Carlos Serrano, trabalho em que os autores apresentam uma série de reproduções estereotipadas da África, em variados âmbitos escolares, e onde constata-se que a negritude precisa ser valorizada na Escola, pois o outro espaço de valorização da mesma, é o próprio movimento negro e este, como todos os movimentos sociais, tem uma série de dificuldades em aglomerar simpatizantes e divulgar seus ideais. Entendendo a valorização do negro como um ato pedagógico, o espaço da Escola passa a ser o alvo da reflexão, tendo em vista que é o local de maior alcance e a primeira instância onde todos e todas têm contato com a história do conhecimento.

Sendo assim, se passou a buscar na cidade de Pelotas, as ações de implementação da Lei nº. 10.639/03¹ como forma de diagnosticar a realidade deste

¹ A Lei, fruto de uma luta histórica do Movimento Negro brasileiro, coloca a obrigatoriedade do ensino de História da África e cultura afro-brasileira em todos os educandários do Brasil, principalmente nas

debate no dia a dia das Escolas. Perante isso, como Trabalho de Conclusão de Curso, se foi até a antiga Secretaria Municipal de Educação (SME), atual Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) e constatou-se que, desde a sanção da referida Lei (em 2003), até o ano de 2010, a mesma ofereceu um total de 200 horas de curso de formação continuada visando contemplar a temática prevista na Lei. Além disso, os espaços oferecidos eram, muitas vezes, propostos por militantes negras da educação que protagonizavam o debate – até mesmo anteriormente à sanção da Lei – e, diante disso, pode-se deduzir que a temática ainda não havia sido expandida para outros educadores e educadoras, parecendo ser de responsabilidade de docentes negras a discussão acerca desta temática e tirando a responsabilidade dos demais professores e gestores. Frente a esta constatação, supôs-se que os investimentos na aplicação da Lei ainda estavam muito tímidos na localidade, mesmo passados 7 anos e, mais que isso, tratando-se de uma região do Rio Grande do Sul, marcada pela contribuição da mão de obra negra escravizada e, como reflexo disso, uma considerável população negra.

A partir de então, a ideia de contribuir com um diagnóstico pareceu insuficiente diante da urgência da questão – visto que a população negra é invisibilizada na História há mais de 400 anos². Sendo assim, passou-se a buscar uma proposta de ação pedagógica, que colocasse no centro do debate a discussão da cultura afro-brasileira.

Neste íterim, surge o Mestrado Profissional em História, da Universidade Federal do Rio Grande, o primeiro do Brasil, que tinha como público alvo professores da rede de ensino e a área de concentração “História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem”, trazendo a temática do ensino de História para o centro do programa de pós-graduação. Diante disso, uma resistência a cursar um curso de mestrado foi então dissolvida diante da possibilidade de se estudar, pela primeira vez, o ensino de História.

Daí em diante, abriram-se outros horizontes e se teve conhecimento da

disciplinas de História, Artes e Literatura. A íntegra desta Lei está disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm>

² Vale sublinhar que não se pretende, com isso, afirmar que trabalhos acadêmicos possam revolucionar a realidade do racismo no Brasil, mas, como já fora mencionado anteriormente, a produção feita na universidade deve ter um papel de contribuição para a sociedade, partindo de um problema coletivo para propostas de intervenção no cotidiano.

produção científica que tem sido feita em diversos países a respeito do ensino de História e a construção da Educação Histórica como teoria o conhecimento histórico e da prática deste como sendo intrínseco à sua natureza, através do ensino. Aqui, se conheceu o trabalho de autores, tais como Jörn Rüsen (Alemanha), Isabel Barca (Portugal), Peter Lee e Rosalyn Ashby (Reino Unido) e, no Brasil, o núcleo formado pela professora Maria Auxiliadora Schmidt, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Nesta esfera, descobriu-se uma produção bibliográfica que não se tinha conhecimento e também contribuiu para diferentes propostas metodológicas de análise.

No entanto, ao construir o anteprojeto de dissertação, o espaço de trabalho era outro, a Bibliotheca Pública Pelotense com vistas do objetivo de em um próximo passo, adentrar ao trabalho docente. Neste contexto, se construiu uma intimidade maior com o periódico *A Alvorada*, disponível em parte no acervo da Hemeroteca da mesma biblioteca. Este jornal, por sua vez, circulou na cidade de Pelotas entre os anos 1907 e 1965, sendo organizado, escrito e impresso por um grupo de intelectuais negros, que reivindicavam em suas páginas o acesso à educação, o fim do racismo, preconceito e discriminação, entre outras temáticas que circundavam o cotidiano da população negra pelotense e brasileira no contexto de sua publicação.

Sendo assim, se objetivou, em princípio, construir uma proposta pedagógica em que o periódico fosse o protagonista do diálogo entre fontes históricas, imprensa, cultura afro-brasileira e Movimento Negro. No entanto, estes objetivos foram constituídos em uma realidade distante da sala de aula, a partir do trabalho em um espaço de memória, o qual iria dialogar com o ensino Escolar.

Em princípio, se trabalharia com o acervo disponível da Bibliotheca Pública Pelotense do *A Alvorada*, que vai de 1931 a 1957 (com intervalo de 11 anos, entre os anos 1935 e 1956). Porém, vislumbrando o objetivo da prática pedagógica, o período foi reduzido a 1 ano, visto que para a construção de tal atividade, seria necessário um foco.

Para tanto, optou-se por focar, no ano de 1933 e na fundação da Frente Negra Pelotense, um núcleo inspirado na Frente Negra Brasileira (criada em 1931, em São Paulo), que tinha o principal objetivo de empreender a demanda educacional à população negra pelotense como uma via de ascensão social e transposição do

racismo. Para analisar o periódico, utilizou-se da técnica da análise de conteúdo, a partir da categoria “Frente Negra Pelotense”, para se observar as principais ideias que circundavam a temática e, a partir disto, se construir a proposta de atividade.

Neste meio tempo, se ingressou no magistério, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Luís Carlos Corrêa da Silva, localizada na zona periférica da cidade de Pelotas, lecionando-se para as turmas matutinas de 6º e 7º ano. Neste ínterim, diversas dificuldades foram vivenciadas, visto que a realidade da sala de aula e do cotidiano escolar se mostraria um tanto diversa daquela idealizada até então.

Deparou-se, neste momento, com uma tensão em torno do currículo e dos conteúdos programáticos previstos para os referidos anos escolares, fazendo com que a temática afro-brasileira – embora prevista na Lei já referida – ficasse soterrada no envolvimento de outros temas, da necessidade de avaliação, de recuperação de aulas e conteúdos e, principalmente, da própria experiência de ensinar História para jovens de 11 a 16 anos, até então, nunca antes vivenciada. Nesse momento, o choque entre teoria e prática, idealização e realidade foi sentido e abordar a História para estes jovens passa a ser um grande desafio didático e metodológico, o qual ainda encontra-se em curso.

“Para que serve a História”? “Por que História é tão chato”? “Por que preciso escrever se não é aula de Português”? “Por que preciso desenhar se não é aula de Artes”? “Por que eu preciso saber disso se eu não era nem nascido e aconteceu lá do outro lado mundo”? “Por que a ‘senhora’ não dá questionário, como a outra professora”? “Por que História agora é tão difícil, se no 5º ano não era”?... Estas e muitas outras questões passaram a ser indagações cotidianas e, embora algumas já fossem esperadas e as respostas já estivessem prontas, muitas vezes as explicações não parecem convencer e o pensar o ensino de História e a didática de História passam a ser o maior dos obstáculos.

Sendo assim, encontrou-se muita dificuldade em se construir a atividade a partir do periódico *A Alvorada*, visto todos os meandros do cotidiano escolar, somado ao próprio desconhecimento de como trabalhar o ensino de História de forma a construir uma cognição histórica. Além do mais, trazer à tona o Movimento Negro e a discussão do racismo como temáticas a serem abordadas em sala de aula, também lança mão, por si só, de mais um desafio que provoca toda a Escola a pensar sobre

suas práticas na educação nas relações étnico-raciais para além do 20 de novembro.

Fruto desse conjunto de desafios e desassossegos, segue a presente Dissertação, a qual encontra-se organizada em 3 capítulos, da seguinte forma:

– O primeiro capítulo, intitulado *Construção do racismo e da luta antirracista: embates que refletem na educação escolar*, traz um apanhado da construção do racismo no Brasil e no Rio Grande do Sul, bem como da luta antirracista através do ensino, travado pelo Movimento Negro e que teve, como um dos reflexos de sua organização a própria Lei 10.639/03. Não obstante, também se aborda o histórico do periódico *A Alvorada*, trazendo quem eram os sujeitos que o produziam e suas respectivas trajetórias. Ao final desta seção, se realiza uma discussão relacionada à educação das relações étnico-raciais.

– No capítulo a seguir, denominado *Problematizando o ensino de História e suas potencialidades*, coloca-se o debate em torno da negligência do ensino perante a ciência da História e, em contraponto, a constituição da linha da Educação Histórica. Além disso, também aborda-se o Movimento Negro como um espaço pedagógico em si, tanto no que tange à formação interna, quanto externa, da organização. Adiante, se trará as Unidades de Registro – a partir da análise de conteúdo – que agrupam as ideias mais frequentes no que se refere a Frente Negra Pelotense no periódico, bem como a análise destas. Por fim, aborda-se a História local como uma perspectiva de aproximação do educando com os conteúdos de História.

– Por fim, o terceiro capítulo, intitulado *A experiência com o jornal A Alvorada no trabalho com a Lei 10.639/2003*, contextualiza a comunidade na qual a Escola Luís Carlos Corrêa da Silva – local de aplicação da atividade – está inserida. Bem como, o perfil dos educandos e educandas de 7º ano – ano em que se deu a prática, com duas turmas – e o processo de construção da proposta. Encerrando-se o capítulo, apresenta-se a análise das interpretações das assertivas dos alunos e alunas referente a atividade realizada em sala de aula, dividindo-as em três Perfis conceituais, afim de se compreender o processo cognitivo em que as reflexões encontram-se inseridas.

Assim, percebe-se que, ao final, a proposta inicial deste trabalho, que seria de

apontar uma atividade pedagógica que contemplasse a Lei 10.639/03, fora sucedida da análise das reflexões dos educandos e educandas ao serem apresentados ao periódico *A Alvorada* e à *Frente Negra Pelotense*, bem como as provocações acerca do racismo nos seus espaços de convívio. Isto demonstrou-se pertinente, pois para a avaliação da atividade e do processo de ensino-aprendizagem, as considerações dos estudantes acerca da mesma são essenciais. Não obstante, foi com base no marco metodológico utilizado pela autora Isabel Barca, na matriz da Educação Histórica, que se visualizou essa possibilidade e se compreendeu o seu sentido cognitivo.

Vale ressaltar que, embora esta Dissertação esteja no formato de narrativa, dividida em 3 capítulos e, ao final, com as considerações finais, o trabalho não é algo conclusivo no sentido de definitivo/acabado, pois, o processo de ensino-aprendizagem com os alunos e alunas do 7º ano da Escola Luís Carlos ainda tem o restante do ano letivo para ocorrer e, a atividade aqui apresentada, tende a ser reconstruída e replicada em outras turmas, bem como em outros anos letivos que virão. Ademais, sublinha-se que esta atividade não pretende encerrar a implementação da Lei 10.639/03 em si, pois são diversos os meandros que a temática da história e da cultura afro-brasileira e africana permite traçar e inúmeras são as possibilidades didáticas de trabalho com a juventude a partir da referida lei; em outras palavras, sublinha-se que este foi somente o passo inicial.

CAPÍTULO I – CONSTRUÇÃO DO RACISMO E DA LUTA ANTIRRACISTA: EMBATES QUE REFLETEM NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

O conceito de racismo, conforme a reflexão de Munanga, provém da ideia que consiste em classificar a diversidade humana em “raças”, como na Zoologia e Botânica se fez com animais e plantas. Destas áreas do conhecimento, a ideia de “pureza” e “superioridade” foi transportada para os seres humanos de modo a ratificar as relações de domínio e de exploração entre classes sociais. Diante do conhecimento de territórios longínquos no século XV, o mundo ocidental se depara com outros grupos étnicos e passa a utilizar a categoria de “raça” para classificar os “outros” povos (MUNANGA, 2003, *passim*). Neste momento, nasce o racismo, que consiste em classificar de forma vertical as diferenças entre os seres humanos, desde características físicas, até genéticas. Desta forma, ocorreu a origem do racismo brasileiro, que colocou a população ameríndia e africana em um patamar de inferioridade em relação à população branca europeia.

Com base nestas considerações, concorda-se com a noção de que um dos diversos espaços de consolidação deste racismo é a Escola e, ao mesmo tempo, um local onde o racismo pode ser desconstruído. A partir de então, este capítulo versará acerca das teorias raciais brasileiras do século XIX, bem como analisará a consolidação destas e sua queda. Também se pretende debruçar acerca da trajetória dos estudos acadêmicos relacionados à participação negra na construção da sociedade brasileira, levando-se em consideração o período de escravidão, o pós-abolição e a contemporaneidade. Neste prisma, objetiva-se salientar as produções historiográficas do Rio Grande do Sul e da cidade de Pelotas, visto que este trabalho leva em consideração a história local da população negra como um estratégico aspecto para o ensino de História. Tais elementos são emergentes na medida em que estes estudos surtem reflexo no processo de ensino-aprendizagem em História, partindo-se do princípio de que o imaginário reproduzido na sala de aula

sobre a população negra brasileira pode contribuir para a prática do racismo ou para destituí-lo, sendo este segundo o objetivo das reflexões aqui pretendidas.

As teorias raciais que influenciaram o imaginário acerca da população negra brasileira será objeto deste estudo, além de se tecer uma ponderação sobre a luta antirracista empreendida pela população como forma de contraponto às tentativas de minimizar a participação negra na sociedade e na História. Desta forma, o movimento negro se insere na abordagem histórica a partir de 1889, tendo-se em mente a datação de Petrônio Domingues, que analisa a organização negra no período da República brasileira. Anterior a isto, a luta da população negra centrava-se, principalmente, em sua liberdade, o que não deixa de ser um movimento organizativo. Mas, não só isso, também se organizavam em torno das pautas que lhes eram emergentes, como a alfabetização, socorros mútuos, entre outras coisas. Não obstante, este trabalho se debruçará sobre o movimento negro no período posterior a escravidão, visto que a história dos negros no Brasil, posteriormente a este marco histórico (1888), é por vezes suplantada. Desta forma, tendo como objeto de estudo o período em que a população negra no Brasil construiu seus espaços de autonomia, participação e autoafirmação, se pretende contribuir para a constituição de reflexões e práticas pedagógicas positivas em relação à população negra. Para tanto, se utilizará o conceito de movimento negro, trazido Petrônio Domingues, que coloca este como sendo

a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular, os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político sócio e cultural. [...] O movimento negro é o sujeito político que canaliza os interesses, as reivindicações e o projeto político da coletividade negra (DOMINGUES, 2005, p. 28).

Sendo assim, segundo Domingues, a categoria de movimento negro surge forjada a partir da própria discriminação ou, em alguns casos, da segregação racial a que a população negra é sujeitada, fazendo com que se crie uma necessidade organizativa dos mesmos. Diante disso, a auto-organização negra urge como um espaço de encaminhar as demandas de negros e negras de forma planejada e coletiva, construindo, assim, suas lutas, resistências e conquistas.

Nesta esteira, se atentará para a inserção da educação no debate do movimento negro como eixo indispensável na consolidação dos direitos étnico-raciais da população negra, culminando na lei 10.639/03 e seus desdobramentos. Entretanto, neste prisma também se insere na esfera local, o periódico *A Alvorada*, surgindo como um marcante espaço de manifestação do movimento negro na região, bem como as discussões acerca da educação trazidas nas páginas do jornal em questão, na primeira metade do século XX.

Além disso, ainda neste capítulo, irá se atentar para as questões da imprensa negra e seu papel pedagógico no contexto do início do século XX, retomando os debates em torno da educação e dos demais elementos encontrados no jornal. Ao final, se irá abordar a educação das relações étnico-raciais, mais profundamente, e o papel do ensino de História neste contexto.

1.1 Construção e desconstrução teórica do racismo no Brasil e no Rio Grande do Sul

A questão racial emergiu na ciência brasileira, principalmente, diante da problemática de se constituir uma identidade nacional em uma realidade tão diversificada e dentro de um território tão amplo como o brasileiro. Desta forma, autores como Euclides da Cunha, Sílvio Romero e Nina Rodrigues, sendo os dois últimos médicos, emergem no cenário brasileiro de forma a constituírem suas reflexões relacionadas à construção da figura do *brasileiro* e sua identidade, bem como das etnias presentes no Brasil e sua mestiçagem. Tal reflexão é proposta pelo sociólogo Renato Ortiz, que analisa a construção de tais autores diante da ideia de inferiorização da negritude brasileira. Porém, já se destaca o estranhamento que as obras de tais autores provocam, visto que, apesar de analisá-las como sendo fruto de seu tempo, mais especificamente final do século XIX e início do século XX, imersos em uma sociedade onde os indivíduos letrados, que ocupavam as cadeiras das ciências, provinham dos altos escalões da sociedade e que o racismo estava fortemente impregnado nestes; ainda assim, as conclusões de tais autores causam desconforto diante das diferenciações biológicas a que a população brasileira foi classificada, bem como o determinismo em que estas ponderações estavam alicerçadas.

Entretanto, suas reflexões provinham de uma tendência internacional de classificação de indivíduos e de grandes padrões depreciativos construídos acerca da população negra proveniente do racionalismo ainda do século XVI, que se estende até o século XIX. Segundo Hernandez, é um período em que o conhecimento passa a ocupar o lugar de privilégio, ficando então os cientistas ocidentais no patamar de arquitetos dos saberes e das visões de mundo, estabelecendo estereótipos (HERNANDEZ, 2005, p. 17). A mesma autora alerta para os estudos do mundo além do ocidente ao considerar que:

Os estudos sobre esse mundo não ocidental foram, antes de tudo, instrumentos de política nacional, contribuindo de modo mais ou menos direto para uma rede de interesses político-econômicos que ligavam as grandes empresas comerciais, as missões, as áreas de relações exteriores e o mundo acadêmico (HERNANDEZ, 2005, p. 18).

Desta forma, fica evidente que tais estudos provinham de variadas intenções, muitas vezes com o interesse de fortalecer os estados nacionais em construção, em detrimento de se obter informações reais sobre as populações longínquas. Entretanto, também se estabelece um cunho biológico para caracterizar as populações. No caso do povo proveniente da África, o *africano* é colocado como sinônimo de *negro*, estabelecendo uma cisão entre a África, que compreende a região do deserto do Saara, considerada a região branca do continente e a que se estabelece ao sul do deserto, a dita África negra. Vale ressaltar que tal divisão, entre África branca e negra também é fruto de uma construção estereotipada, visto que diversos povos circulavam e circulam no território africano de forma a transpor esta fronteira invisível.

A partir deste prisma, o africano negro é visto de forma negativa, como sendo “frouxo, fleumático, indolente e incapaz”, convergindo para um espectro primitivo e inferior (HERNANDEZ, 2005, p. 18). Em paralelo a isto, se constitui uma visão do campo da história do continente, que também contribui para o detrimento do imaginário construído acerca da população negra, colocando-a como não tendo história. Esta visão é fruto da comparação esdrúxula entre a organização social europeia e a africana, não atentando para o dinamismo cultural específico da África. Sendo assim, ainda, segundo a autora, este conhecimento construído no período em questão, opera de forma a avaliar as civilizações em escalas evolutivas, deixando

então, o povo da África, em um patamar de inferioridade diante das categorias criadas e dos estereótipos estabelecidos.

Neste contexto, mais precisamente ao final do século XIX, quando estas teorias ainda estavam em voga, os cientistas brasileiros Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Sílvio Romero se inserem, com a carga de serem brasileiros a estudarem a realidade de seu país. Desta forma, tais autores corroboram com a ideia de que o meio ambiente, no caso brasileiro, tropical, sendo um local de temperaturas elevadas, acarreta na indolência dos sujeitos frutos desta terra; neste caso, a população ameríndia local. Por outro lado, a população negra brasileira, fruto do tráfico negreiro, também fica caracterizada pela origem tropical. Sendo assim, o ideal para que se constitua uma brasilidade positiva, segundo tais autores, remete à política de branqueamento, visto que apenas a semelhança com a população europeia levaria a um salto qualitativo no caráter da população brasileira.

Ademais, estes autores ainda concordavam que, além do meio ser responsável pela indolência do brasileiro – ressaltando que não só o clima, mas também as características de regiões como das matas, sertões, praias, cidades – igualmente influíam no caráter da população, a raça também se demonstrava determinante. Porém, até a abolição, a população negra não era tratada como tal, mas sim como escrava (SILVA, 2007, p. 36).

Esta ideia de que o trabalhador escravizado, no contexto do sistema escravista, não se configurava enquanto “população brasileira”, isto é, com direitos garantidos como tal, é amplamente debatida na academia. Um dos elementos que chama a atenção neste aspecto é que, embora o trabalhador escravizado fosse tratado como mercadoria³, segundo Gorender, este deixava de o ser quando cometia um crime (GORENDER, 1978, p. 65). Contudo, diversos estudos apontam esta afirmativa de Gorender como também um estágio de *coisificação* do negro escravizado, pois não considera como atos de resistência, as ações de assassinatos de senhores ou organização de quilombos, mas sim atos de violência, crimes (AL-ALAM, 2007, p. 43). Esta ideia de *coisificação* do negro também fora verificada em outros estudos marxistas que, embora tenham contribuído para a ampliação dos

³ No *Arquivo Histórico* da Bibliotheca Pública Pelotense, no Fundo *Escravidão*, uma correspondência de 1822 de José Antônio Campos, relata a penhora de um escravo. Este é um exemplo de fonte que se encontra na localidade e que possibilita se realizar estas reflexões.

debates acadêmicos em torno da contribuição da população negra no Brasil, também colocavam os trabalhadores escravizados como engrenagem do sistema escravista, o que será debatido, posteriormente, neste trabalho.

A partir do momento em que os intelectuais e a elite brasileira se deparam com a realidade da população negra como sendo também parcela do Brasil, uma política influenciada pelos princípios eugênicos passa a permear as políticas de governo. Segundo Mozart Linhares da Silva, a ideia de branqueamento da população brasileira foi propagada internacionalmente, em 1911, no *Congresso Universal das Raças*, onde o representante brasileiro, também médico, João Batista de Lacerda proferiu que a salvação do povo brasileiro seria a mestiçagem (SILVA, 2007, pp. 43-44). Desta forma, a inserção da mão de obra europeia se caracteriza como uma política pública para fomentar a miscigenação da população, tendo como objetivo o branqueamento desta.

Porém, o conceito de branqueamento já era debatido na elite escravista antes mesmo de ser propagandeada Brasil afora e anteriormente também a abolição. Antônio José Gonçalves Chaves, charqueador que residiu na localidade que veio a ser Pelotas, ainda em processo de constituição entre freguesia, vila e cidade, redigiu as suas *Memórias Econômico-Políticas*, publicadas em 1822 e 1823. Este, considerado um grande intelectual local, defendia nestas memórias a abolição dos trabalhadores escravizados. Porém, seu intuito abolicionista tem mais a ver com as perspectivas de ganhos econômicos; segundo ele:

O escravo – diz um economista – *consome o mais que pode e trabalha o menos que pode*. É esta uma verdade que não precisa ser demonstrada: o escravo, que por modo algum pode esperar prêmio do seu trabalho, interessa-se em consumir e não em trabalhar. Tal é efetivamente a sua indigência corporal e espiritual que jamais pode ter faculdades para dirigir bem o trabalho de que é encarregado (...) (CHAVES, 1978, p. 60). [Grifo do autor].

Diante de seu discurso, Chaves deixa claro que longe de uma consciência “humanista”, conforme sugere Sérgio de Costa Franco⁴, ele via a abolição como um objetivo estratégico em prosperar economicamente. Não só isso, como também o

⁴ Sérgio de Costa Franco fez parte do Conselho Editorial que relançou as *Memórias Econômico-Políticas* em 1978. Escreveu a seção “O livro e seu autor”, apontando sua surpresa em perceber na 3ª memória de Chaves, relativa a escravidão, a defesa da abolição do tráfico negreiro, fazendo de Chaves um “verdadeiro humanista”.

autor demonstra em adjetivos como “indigência corporal e espiritual” (CHAVES, 1978, p.60) toda a carga das origens do racismo brasileiro, alicerçado em bases científicas para a época.

Adiante, ele afirma que “a escravatura embaraça o aperfeiçoamento da população do Brasil e de seu crescimento, ao mesmo tempo que contendo ele uma vastidão imensa de território é mui limitado na sua população, pela maior parte escrava” (CHAVES, 1978, p. 60). A partir desta constatação, de que, para ele, representante da elite escravista e branca daquele Brasil, o negro leva a população brasileira à “imperfeição”, ele aponta para a possível solução deste “embaraço”:

A escravatura produz todos estes males, pois se ela cedesse o seu lugar, viriam infalivelmente da Europa famílias inteiras para o Brasil: enriqueceriam bem depressa com os produtos do seu trabalho; ramificariam por toda a parte e com as notícias que dessem aos seus patrícios de sua fortuna, atrairiam muitos mais povos; entrelaçar-se-iam com a parte da nação mais apurada e operariam população livre, briosas, industriosas, afoitas e laboriosas; ao mesmo tempo que com este terrível sistema nos tornamos incapazes de todas estas virtudes (CHAVES, 1978, p. 62).

Neste trecho, Chaves já defende a política de branqueamento, demonstrando que embora esta política ainda não tenha sido explicitada fora do Brasil, seus pilares estavam sendo fortalecidos no território nacional.

Na década de 1930, o tom teórico a respeito da mestiçagem se modifica. Se antes se apresentava de forma mais agressiva, como forma de eliminar a população negra, neste momento se coloca como sendo positiva para a identidade nacional. Neste prisma, se insere a obra de Gilberto Freyre, *Casa-Grande e Senzala*, de 1933.

A obra de Gilberto Freyre, apesar de ser reconhecida também fora do Brasil pela densidade de sua análise e seu método de pesquisa consagrando-se principalmente, com a obra supracitada, que analisa a relação entre estes dois espaços do Brasil escravista, não problematiza as sevícias da escravidão. Não só isso como ainda construiu uma reflexão em contraponto ao racismo estadunidense, de fortes traços segregacionistas, constatando que, comparado a este, o Brasil vivia uma harmonia entre brancos e negros, visto as relações que se verificavam entre senhores e cativos. Esta teoria, alcunhada posteriormente de *mito da democracia racial* encontra ecos, ainda hoje, na realidade brasileira. Desta forma, o autor coloca

que a mestiçagem é algo característico da população brasileira, porém, não discute que tal mestiçagem, no período escravista ocorreu, muitas vezes, pela violação da mulher negra.

Assim, se percebe que a população negra sofreu a tentativa de seu extermínio no período pós-abolição. Durante o período escravista, as famílias negras e as manifestações culturais e religiosas também sofreram seus ataques, sendo vítimas da mesma forma de políticas de aniquilamento. Se não bastasse isso, a história da luta da população negra e de seu aporte para a construção da sociedade brasileira, tem sido minimizada ao longo dos anos.

No que tange ao Estado do Rio Grande do Sul, a memória da contribuição da população negra na sua construção é diminuída e, por vezes negada, ficando a constituição do Estado, no campo da memória consolidada, como sendo fruto do trabalho de imigrantes luso-brasileiros e ítalo-germânicos (MAESTRI, 2008, p. 54). Na cidade de Pelotas, esta contribuição também é minimizada e, assim como no imaginário rio-grandense, o regime da escravidão é atenuado⁵. Grande parte deste lugar comum de memória sobre a cidade de Pelotas foi construída pela elite memorialista da cidade, ou seja, aqueles que produziram literatura sobre a história pelotense, numa perspectiva de importância para “os grandes homens, os grandes fatos – descartava-se a vida cotidiana das ruas. A história se apresentava como um campo linear, sem conflitos, sem problematizações, como num memorial” (AL-ALAM, 2007, p.34).

Neste prisma, no que tange à historiografia, a contribuição da população negra da cidade de Pelotas sofreu grande influência da chamada *Escola de Sociologia Paulista*, do final da década de 1950 à década de 1960, formada por autores como Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Roger Bastide, Fernando Henrique Cardoso. Tais autores alicerçaram suas reflexões na refutação da ideia de

⁵ Alguns estudos no âmbito local, que foram baseados em relatos de viajantes – que por sua vez possuíam a visão estrangeira a respeito da realidade brasileira – trazem a abordagem originária do espaço de elite da localidade, como é o caso de trabalhos do mestre em História Mario Osorio Magalhães, como *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*, de 1993, *Pelotas: toda a prosa*, 2000 e 2002 (volumes 1 e 2) entre outros trabalhos em que é enaltecido o fervor econômico e cultural da cidade de Pelotas, proveniente da cultura do charque, mencionando raras as vezes a exploração da mão-de-obra negra escravizada como o fator determinante para a construção do conforto da elite saladeiril.

democracia racial trazida por Gilberto Freyre. Estes autores traziam, sob o viés marxista, a reflexão do papel da mão de obra escrava no capitalismo brasileiro.

Com o advento da *Escola de Sociologia Paulista*, a suposição de Freyre passa a ser em muito relegada na esfera da produção científica a respeito da escravidão, pois os estudos desta escola tinham como objetivo desmitificar esta ideia, concluindo que o racismo no Brasil se repete cotidianamente. Além disso, tais autores também trouxeram visões sobre a escravidão em outras localidades no Brasil, como já mencionado o caso do sul, mais especificamente, a região de charqueadas a qual Pelotas pertenceu. Neste prisma, Fernando Cardoso discutiu o escravismo no sul do Brasil, abrangendo a região de Pelotas, demonstrando que a economia da localidade foi mantida com o uso do trabalho negro cativo. Apesar de sua análise centrar-se na ideia de que o capitalismo nesta região sofreu um atraso em relação a outras localidades devido a manutenção do regime escravista, serviu para desmitificar a ideia de que no sul do Brasil não houve contribuição negra.

Todavia, estes estudos também demonstram suas deficiências. Além de negligenciarem as relações sociais e manifestações culturais das comunidades negras, Santos traz a reflexão acerca da obra de Florestan Fernandes *O Legado da Raça Branca* que, apesar de ter como horizonte a desconstrução da ideia de democracia racial, coloca o negro em um patamar de inferioridade (SANTOS, 2003, pp. 50-51).

Não obstante, também atribuem ao trabalhador cativo um significado de *coisa*, mercadoria, visto que resume a população negra no período escravista como mão de obra, motor da economia brasileira, não considerando suas manifestações de resistência, rebeldia, reflexões de sua própria condição. Estes autores sofrem críticas ainda hoje, as quais se tem concordância neste trabalho, no que tange à visão unilateralmente materialista da História. Sublinha-se que os estudos econômicos da sociedade são, indubitavelmente, relevantes para se compreender as relações sociais; porém, se grifa que também elementos culturais, simbólicos, políticos e sociais devem ser levados em consideração, da mesma forma que, igualmente, estes elementos isolados não devem se constituir na única linha de análise dos fenômenos históricos, pois também comprometem o rigor metodológico da pesquisa.

Com base nestas considerações, as construções teóricas acerca da escravidão demonstram-se relevantes também para o período pós-abolição, pois tais concepções permearam as visões sobre a participação dos negros na formação da sociedade brasileira. Desta forma, destaca-se que a ideia de democracia racial transpassou o campo científico e passou a ser percebida, ainda nas esferas além da acadêmica, assim como na ideia de *coisificação*, anteriormente abordadas.

Posteriormente, com a influência da Antropologia, Psicologia e outras áreas do conhecimento, a produção historiográfica sofre mutações no que tange à análise de seus objetos. Tal influência é sentida através da História Social e da terceira geração da *Escola dos Annales*⁶, que busca trazer a história dos excluídos, das religiões, manifestações culturais, entre outras abordagens. Desta forma, a História passa a narrar as estratégias de sobrevivência, relações de compadrio, atividades culturais e religiosas, entre outras coisas, da população negra brasileira.

Neste prisma, se destacam autores como Sidney Chalhoub, com obras de grande relevo, principalmente o trabalho *Visões da liberdade*, de 1990, que traz em suas páginas a análise das fontes do arquivo do Primeiro Tribunal do Júri da cidade do Rio de Janeiro que, através da micro-história, coloca os casos de trabalhadores escravizados e suas estratégias de negociação frente ao regime escravista, emergindo o debate da sublevação negra diante do regime escravizador, refutando as ideias de *coisificação*. Além deste, vale mencionar sua obra *Cidade Febril*, de 1996, que analisa o período da segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro, focando a situação de moradia, saneamento e sobrevivência dos negros urbanos e destacando o descontentamento da população menos favorecida diante da obrigatoriedade da vacinação antivariólica o que, posteriormente, leva à chamada Revolta da Vacina, em 1904. Ressalta-se a relevância deste autor no que tange ao seu trânsito entre a História Social e a Nova História Cultural, elemento valorizado neste trabalho. Não obstante, estes trabalhos colocam um ponto final na ideia de vitimização dos trabalhos cativos que, embora tenham sido realmente vítimas das atrocidades do regime escravista, também se chocaram contra o regime, protagonizando o debate de sua condição servil em prol da liberdade.

⁶ Esta geração da *Escola dos Annales* tem início, segundo Barros, em 1968, sendo caracterizada, entre outras coisas, pela valorização dos detalhes, a chamada Micro-História e também pela preocupação nas abordagens do âmbito da cultura, além da “ampla diversificação de objetos e dimensões de estudo”. (BARROS, 2010, p.21).

Porém, ao mesmo tempo, trabalhos desta natureza também abriram precedentes na academia para a relativização extrema da escravidão, como é o caso do trabalho de Kátia Mattoso em *Ser escravo no Brasil* (2003), que contribui para a amenização das truculências inerentes a um regime em que seres humanos eram postos como mercadoria. Neste, a autora reflete acerca da relação entre senhor e escravo de forma a ressaltar o protagonismo negro nestas trocas. Neste prisma, se destaca a relevância de reflexões que pensem a autonomia conquistada através da resistência e da negociação que tais trabalhadores cativos empreenderam. Contudo, pensar que as relações imersas na escravidão eram fortemente pautadas por tal protagonismo, pode ter efeito contrário, acabando por suavizar as sevícias deste modo de produção. Além disso, a autora padroniza a escravidão no Brasil, negligenciando as diferenças regionais no país, equívoco que, aparentemente, já havia sido superado por algumas reflexões da *Escola de Sociologia Paulista*.

Como fora supracitado, esta unilateralidade reflexiva compromete a profundidade dos estudos, mas ambas correntes teóricas, tanto a materialista da *Escola de Sociologia Paulista*, como a Nova História Cultural, contribuíram e contribuem em grande relevância para se pensar a escravidão no Brasil, bem como a formação da sociedade. Mas, ainda assim, se pondera que a construção de uma reflexão histórica deve ser dosada com todos estes elementos, ou seja, avaliar a interconexão destas categorias, numa perspectiva que Peter Burke coloca como capaz de se aliar a história cultural com a social, sendo um novo desafio teórico e metodológico da historiografia, no sentido de se explorar as fronteiras entre teorias (BURKE, 2005, pp. 163).

Na esteira da historiografia influenciada pela Antropologia, se inserem os trabalhos sobre organizações quilombolas⁷, postas como espaços de resistência ao regime escravista e, contemporaneamente, resistência ao modelo de agricultura e de sociedade atuais. Entretanto, se sublinha que também a produção teórica acerca da escravidão, do pós-abolição e da luta da população negra, não só no campo da História como também em outras áreas do conhecimento, sofreram e sofrem o

⁷ Aqui, entende-se organizações quilombolas como sendo os espaços comunitários construídos por trabalhadores escravizados fugidos, em busca de uma alternativa de liberdade no período colonial brasileiro. Na contemporaneidade, estes espaços que vem sendo estudados, são considerados "territórios negros auto-identificados como remanescentes de quilombos" (RUBERT, 2009, p. 165).

influxo do movimento negro brasileiro. Um exemplo disto é o advento da lei 10.639/03, fruto da luta deste movimento negro, que trouxe em seu bojo a valorização da produção acadêmica e cultural, relacionada à cultura afro-brasileira, assim como a História da África.

Sobre o Rio Grande do Sul e a cidade de Pelotas, a tendência historiográfica marxista influenciou trabalhos como os de Mário Maestri, destacando-se aqui a obra *O escravo no Rio Grande do Sul*, de 1984, que inaugurou sua produção acadêmica de maior relevo, influenciando diversos historiadores. Tal autor é responsável por esmiuçar a análise da mão-de-obra negra no sul do Brasil, trazendo novas reflexões e análises quantitativas do número de trabalhadores escravizados responsáveis pela economia gaúcha. Entretanto, assim como os demais historiadores e sociólogos desta tendência teórica, este se ateve a ponderar o período colonial também sob a perspectiva econômica, negligenciando a atuação dos trabalhadores negros no que tange aos locais além do trabalho.

Também vale mencionar o historiador Paulo Zarth, que traz em sua produção a análise do Rio Grande do Sul colonial e sua formação agrária, destacando-se sua obra *Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX*, de 1994. Este autor constata que apesar da economia sulina ser pautada, principalmente, pelas atividades agropastoris – argumento que em muito tempo foi utilizado para se colocar como sendo pequena a participação da mão de obra negra no Estado – também nestes espaços rurais, tal regime se fazia valer e ocupava significativamente a lógica da produção local.

Tais autores também contribuíram para se pensar o funcionamento das charqueadas de Pelotas. Até então, as reflexões acerca da cidade de Pelotas eram pautadas pela visão elitista, traçando a trajetória das famílias mais poderosas economicamente e que ocupavam os espaços na administração da cidade. Estas reflexões baseiam-se em grande parte nos relatos de viajantes, que em visita à cidade, relataram em diários e compêndios suas impressões sobre a cidade que ficou conhecida como *Princesa do Sul* devido, principalmente, à ostentação arquitetônica e efervescência cultural da elite do final do século XIX.

Sobre isto, a produção de Mário Osório Magalhães contempla a história destes grandes vultos do município e, se concorda com a reflexão de Al-Alam,

supracitada, que conclui que esta história não traz problematizações e é narrada como se estivesse sendo exposta em um memorial. Por sua vez, Al-Alam também compõe o *hall* de historiadores que estudaram a trajetória da população negra da cidade, se atendo ao espaço das punições, do cárcere e da pena de morte a que os negros escravizados eram submetidos, em sua Dissertação *A Negra Força da Princesa*, defendida no ano de 2007, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

A historiadora Fernanda Oliveira da Silva, em sua Dissertação defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços*, em 2011, estuda o associativismo negro no período da escravidão e também no contexto pós-abolição na cidade de Pelotas e a construção da identidade negra positiva nas organizações locais, considerando a Frente Negra Pelotense e o periódico *A Alvorada*. A autora conclui que no período pós-abolição, a população negra luta contra o racismo institucional e a sua organização se encontra em um momento de efervescência, culminando na elaboração de diversas composições negras; entre elas, o periódico estudado (SILVA, F., 2011, pp. 197-201).

Aliás, a respeito do associativismo, deve-se mencionar a Tese de Beatriz Loner, de 1999, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, denominada *Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*, trazendo o recorte temático da organização negra. Ambos os trabalhos, de Loner e Silva, além de ressaltarem os aspectos da formação da cidade de Pelotas relacionando-os à mão-de-obra cativa, enfatizam os aspectos da organização negra na cidade, em uma perspectiva que neste trabalho irá se referir como sendo manifestações do movimento negro no município.

Segundo Loner, foram verificadas 33 associações na cidade de Pelotas do início do século XX, até 1937, tendo os mais diversos tipos; entre eles, de caridade, futebolística, representação política, esportiva, grêmio operário, jornalística, musical, recreativa, carnavalesca, beneficente, dramática (LONER, 1999, pp. 658-659). Isto demonstra a grande movimentação em que a comunidade negra se encontrava, visto a necessidade de sua auto-organização para a construção dos espaços de sociabilidade e amparo diante do racismo agudo em que aquela sociedade se encontrava imersa.

Diante do que fora debatido, se percebe no universo historiográfico e acadêmico em geral – considerando outras áreas do conhecimento que produzem estudos acerca da temática em questão – a reflexão proposta por Rémond, de que “a História, cujo objeto precípua é observar as mudanças que afetam a sociedade, e que tem por missão propor explicações para elas, não escapa ela própria à mudança” (RÉMOND, 1996, p. 13). Desta forma, é válido frisar que a trajetória dos estudos sobre negros no Brasil sofreu e sofre ação do tempo contemporâneo a estes. Sendo assim, o que fora abordado nos estudos relacionados ao período da escravidão ao longo dos anos, se demonstrou interligado com os debates sobre o racismo no Brasil, produzindo e/ou reproduzindo imaginários positivos ou negativos.

No entanto, diante do fator agravante de que o racismo ainda é sentido no Brasil, se sublinha que outros estudos são necessários, levando-se em consideração também a organização negra na luta por autonomia e por direitos, que são garantidos ao restante da população não negra. Além disso, também se ressalva que o movimento negro tem afetado diretamente as disputas de memória travadas na academia e fora dela – como, por exemplo, a mudança de comemoração de 13 de maio para 20 de novembro, temática que será abordada a seguir. Toda esta trajetória se encontra respaldada nos frutos desta luta como, por exemplo, a lei 10.639/03, reflexões estas que serão levantadas no próximo subtítulo.

1.2 Movimento negro, antirracismo e educação: caminhos percorridos para a implementação da lei 10.639/03

Neste momento do texto, parte-se da conceituação supracitada de movimento negro como aquele que se relaciona a “todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo fundadas e promovidas por pretos e negros” (SANTOS, 1994, apud DOMINGUES, 2007, p. 102). Diante disto, busca-se contextualizar o andamento de tal movimento ao longo dos primeiros anos da República brasileira.

O autor Petrônio Domingues analisa a trajetória do movimento negro e a esquematiza em etapas para fins analíticos. Domingues demonstra em suas linhas, como a trajetória da organização negra foi dialogando não só com o Estado, mas

também com toda a sociedade, traçando a identidade do negro no Brasil frente a todo o dinamismo deste movimento, que se avalia e se reinventa ao longo dos anos.

A primeira destas etapas tange o período compreendido entre o início da República e o Estado Novo (1889-1937), momento em que a aurora republicana trazia em si todos os valores de branqueamento, democracia racial, marginalização de libertos e negros livres. Tais elementos tão explicitamente racistas levaram a população negra a se organizar na forma de grêmios, clubes ou associações de diversos caracteres, indo de configuração artística, recreativa, carnavalesca, futebolística à jornalística, política, de gênero, entre outros. Vale ressaltar que além dos arranjos puramente raciais, também existiam os negros que se inseriam em outras organizações – que não as especificamente negras –, porém, a inserção destes ainda era bastante diminuta, devido as já mencionadas características sociais racistas vigentes.

Na década de 30, o salto qualitativo do movimento negro ocorreu devido à fundação da Frente Negra Brasileira, em 1931, em São Paulo, que se estende a todo o território brasileiro, inclusive, em Pelotas, em 1933. Posteriormente, em 1936, a Frente nacional torna-se um partido político. No lançamento da Frente Negra Pelotense, o jornal *A Alvorada* publica em suas páginas, no dia 21 de maio de 1933, o artigo assinado por Creoulo Leugim intitulado “Frente Negra”:

Está fundada e fadada a ser o máximo dos expoentes da raça. A Frente, deseja que se de a raça tudo o que á ela falta, tudo que ela necessita. A Frente, deseja unir. Ela não quer separação, seja na própria, como em outra raça. A Frente deseja educar e que se eduquem os filhos da Etiopia; porque a educação é a base toda evolução mental e moral. Assim sendo quer a F. N. em resumo a União e a Educação, sobre todos os pontos de vista. A Frente dará seu apoio a todo o homem consciente, todo aquele que além de interessar-se por si e pelos seus, interessa-se também pelos seus irmãos de raça (A ALVORADA, 21/05/1933, pp. 2-3).

Conforme o trecho supracitado, a educação é posta como uma “bandeira” de luta da organização negra, sendo a educação um horizonte a ser alcançado, possibilitando através dela a emancipação da população negra. Domingues afirma que, nesta primeira fase, um dos principais traços característicos é o apontamento da educação, ou melhor, a deficiência desta, como sendo um dos fatores responsáveis pela marginalização do negro, juntamente com a escravidão e o

despreparo moral. Por conseguinte, a educação é posta como sendo a solução para o combate e extermínio do racismo.

Além disso, esta primeira fase do movimento negro, também caracteriza-se, entre outras questões, pela conjuntura de ascensão do nazi-fascismo e pan-africanismo; denúncia do mito da democracia racial ainda tímida; movimento social que conseguiu ter caráter de massa; distanciamento de alguns símbolos ligados à cultura negra; pró-mestiçagem.

Na segunda fase, compreendida pelo fim do Estado Novo até o golpe civil-militar (1945-1964), teve em seu momento inicial a rearticulação do movimento abafado pela repressão da ditadura varguista e, em seguida, a ampliação de suas ações, devido à continuidade dos elementos racistas agravados pela competição e ampliação de mercados. Contudo, esta fase do movimento negro inicia seu período de movimento de vanguarda, que ainda permanecerá na terceira etapa.

Nesta fase, a conjuntura internacional do movimento negro encontrava-se centrada em um movimento de negritude e descolonização da África e lutavam contra o racismo pelas vias “educacional e cultural, eliminando o complexo de inferioridade do negro e reeducando racialmente o branco, nos marcos do capitalismo ou sociedade burguesa” (DOMINGUES, 2007 p. 118). Neste momento, o movimento negro não encontra respaldo nem na direita, nem na esquerda marxista, ficando isolado politicamente. Entretanto, assim como na fase anterior, a educação também é posta como um dos fatores determinantes para o combate ao racismo, juntamente com as mudanças culturais, pretendendo eliminar o “complexo de inferioridade do negro” e reeducar o branco (DOMINGUES, 2007, p. 118).

Com o golpe civil-militar de 1964, o movimento negro foi marginalizado e deslegitimado frente ao discurso dos militares que acusavam seus militantes “de criar um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil” (DOMINGUES, 2007, p. 111). Vale ressaltar que esta deslegitimação não é “privilégio” apenas do movimento negro, ela também atinge os demais movimentos sociais. Isto não significa que o movimento negro tenha sido suprimido por completo, tendo ainda algumas ações no período, porém, a reorganização de fato do movimento se deu a partir da década de 1970, assim como os demais movimentos populares, sindicais e estudantis.

Entre os anos 1978 e 2000, o autor localiza a terceira etapa do movimento negro, imerso em uma situação internacional de lutas estadunidenses com a ascensão de figuras como Martin Luther King, Malcon X, organizações marxistas, como os Panteras Negras, além das batalhas pela libertação dos povos africanos, influenciando um discurso mais radicalizado de combate à discriminação racial no Brasil e a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978. Destaca-se que este Movimento (o MNU) foi embrionário de tendências marxistas, fixando na luta anticapitalista o cerne da desarticulação da do racismo. Em seu programa de ação, de 1982, o MNU defendia:

[...] desmistificação da democracia racial brasileira; organização política da população negra; transformação do Movimento Negro em movimento de massas; formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e a exploração do trabalhador; organização para enfrentar a violência policial; organização nos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, bem como a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país (DOMINGUES, 2007, p. 114).

Esta fase do movimento negro caracteriza-se pela radicalização da desconstrução do mito da democracia racial, bem como da valorização de elementos associados à cultura negra, como a capoeira, o samba, as religiões de matriz africana. No âmbito da disputa de memória, se iniciou a celebração do dia 20 de novembro (suposta data da morte de Zumbi dos Palmares) como o Dia da Consciência Negra, sendo a data oficial da valorização da população negra, em detrimento do 13 de maio⁸. A grande imprensa passou a veicular a existência de um MNU e a alcunha “negro/negra” passou a configurar um símbolo de identidade, resistência e orgulho para a população afro-brasileira.

Neste período, o movimento negro passou a intervir frequentemente no âmbito educacional, propondo a revisão de teores preconceituosos dos livros didáticos, além da habilitação de educadores a fim de ampliar uma pedagogia

⁸ Segundo Pereira, esta troca de comemorações, além de também compor o âmbito da educação, visto que a data comemorativa também possui sua função pedagógica, traz à tona a “valorização da cultura, política e identidade negras, e provoca objetivamente uma reavaliação sobre o papel das populações negras na formação da sociedade brasileira” (PEREIRA, 2011, p. 39). Não obstante, também transfere o protagonismo da princesa branca benevolente – princesa Isabel, simbolizado pela assinatura da abolição no dia 13 – para a figura de um negro, símbolo de resistência – Zumbi (PEREIRA, 2011, p. 39).

interétnica, das reflexões sobre o papel da população negra na História do Brasil e, por último, a exigência da inserção da História da África nos currículos⁹.

Em todas as fases supracitadas, a denúncia do mito da democracia racial se faz presente, verificando-se de forma mais sistemática na terceira fase. O autor, ainda, aponta para uma quarta fase, que estaria em andamento a partir de 2000, porém, não se detém a tal momento devido a sua proximidade com o tempo presente. Desta forma, ao ser destacado que a desconstrução do mito da igualdade racial permeou todos os momentos do até então do movimento negro, demonstra-se que as teorias científicas têm influência direta na sociedade, assim como a organização popular também influi nas estruturas acadêmicas.

A partir destas considerações, em 2003, foi sancionada a Lei 10.639, assinada pelo Presidente Luis Inácio Lula da Silva, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história da África e cultura afro-brasileira e africana na Educação do Ensino Fundamental e Médio, em especial, nas áreas de História, Literatura e Artes. Em 2008, a referida lei sofre algumas alterações mediante a Lei 11.645, acrescentando-se também a importância da história das lutas e da cultura indígena no Brasil.

Esta lei é considerada um marco legal na consolidação dos direitos étnico-raciais e da conquista do movimento negro, pois tal projeto foi, inicialmente, encaminhado pelo militante do MNU, de Pernambuco, José de Oliveira, a um parlamentar do Partido dos Trabalhadores. Em 1993, este parlamentar apresenta o projeto e, em 1995, ele é apresentado ao Congresso Nacional, sendo que apenas no ano de 2003, o mesmo foi aprovado.

Vale mencionar que embora a Lei 10.639/03 tenha representado uma grande conquista diante da trajetória de lutas do movimento negro, esta não é um fim em si mesmo. Muito pelo contrário, tem servido para a população negra organizar-se ainda mais, não só para garantir a implementação desta e produzir materiais para contemplarem esta demanda, como também tem possibilitado que a população

⁹ Esta inserção constitui fruto de anos de demanda da militância do movimento negro e emerge, segundo Alberti e Pereira, nos mandatos de Abdias do Nascimento, Benedita da Silva e Paulo Paim. A premissa desta ideia provinha da constatação de que, sendo grande parte da população brasileira composta por negros e pardos, se deveria conhecer o território espoliado que dera origem a esta população. Desta forma, não só para negros, como também para brancos, a História da África se demonstrava essencial nos estudos do ensino básico e não apenas a História da Europa (ALBERTI; PEREIRA, 2007, pp.25-26).

negra se aproprie de sua história, gerando o empoderamento de sua ancestralidade, de sua luta.

Ademais, o conhecimento a respeito do percurso da organização negra também é agregada de valor quando se parte da história local. Diante disso, a seguir, aborda-se o periódico *A Alvorada* como fruto da mobilização afro-pelotense, no início do século XX, momento em que a sociedade brasileira estava demonstrando seus traços racistas para a agora população negra livre.

1.3 O jornal *A Alvorada*

O periódico *A Alvorada* circulou na cidade de Pelotas, entre os anos 1907 e 1965, tendo como objetivo contemplar os anseios da população negra e operária da região em suas páginas, divulgando eventos desta comunidade. Não somente isso, o jornal também se configurou em um veículo de denúncia do racismo no âmbito regional, nacional e internacional e, ainda, tornava público discussões em torno da negritude brasileira, como a fundação da Frente Negra Brasileira, em 1931 e, posteriormente, a formação da Frente Negra Pelotense, em 1933, atuando também como um espaço de propaganda desta organização local. Além disso, diversas discussões em torno do sindicalismo eram trazidas à tona pelos articulistas que pensavam o jornal.

Estes articulistas são considerados por José Antônio dos Santos como sendo intelectuais negros, a partir da perspectiva do trabalho destes como redatores e editores de imprensa. Neste trabalho, toma-se tais sujeitos como aqueles que pensam a sociedade em que vivem e que escrevem seus artigos, ensaios e reflexões em geral em um tom de engajamento social.

A trajetória de tais intelectuais também se demonstra necessária, visto que eles se consideram negros e reivindicam os direitos desta população, num contexto de imediato do pós-abolição em que a população antes escravizada se encontra marginalizada e, aquela que fora liberta anteriormente, ainda não encontra seus espaços de sociabilidade, trabalho e tampouco possuem a garantia de tais direitos e outros tantos, como moradia, saúde, educação, entre outros. Desta forma,

destacam-se quatro articulistas principais: Antonio Baobab, Rodolfo Xavier, Juvenal Morena Penny e Durval Morena Penny.

Antonio Baobab comprou a sua liberdade em 1880, sendo até então um trabalhador cativo (SANTOS, 2003, pp. 120-121). Esta característica na trajetória de Baobab desperta, novamente, a questão de que a população negra que fora escravizada também constituía seus espaços pedagógicos de discussão sobre a sua condição; ele foi considerado por seus colegas de redação como sendo o inspirador do empreendimento do periódico. Antonio foi alfabetizado no curso noturno oferecido na Bibliotheca Pública Pelotense, inaugurado em 1877 e que se manteve até a década de 1950, que servia aos trabalhadores da cidade, bem como também admitia ex-cativos (LONER, 1997, p. 82), situação ímpar naquele contexto em que a inserção dos negros nos institutos de educação era vedada na maioria das vezes. Não obstante, vale destacar que a iniciativa do curso de alfabetização no espaço desta biblioteca, que embora tivesse sido inaugurada com o objetivo de atender a população local, fora gerida pela elite pelotense e, tal curso de alfabetização almejava moralizar os sujeitos dito populares para se constituírem enquanto mão de obra qualificada (SANTOS, 2003, p. 122).

Contudo, este espaço possibilitou a alfabetização não só de Antonio, como também de Rodolfo Xavier, seu irmão e de outros dois indivíduos responsáveis pelo periódico, os irmãos Juvenal e Durval Morena Penny. Rodolfo é considerado tanto por Santos (autor e obra já mencionados), como por Alves, historiador que redigiu sua biografia, como sendo o mais erudito dos colaboradores do jornal. Também teve expressiva atuação na organização trabalhista, como na Liga Operária e no Sindicato dos Pedreiros, chegando a se candidatar a deputado pelo Partido Socialista Brasileiro, em 1934 (ALVES, 2005, pp. 13-14).

Juvenal Morena Penny também fora alfabetizado no curso noturno da Bibliotheca Pública Pelotense, sendo colega de Rodolfo e tendo aula com Antonio. Este foi dono do periódico *A Alvorada*, visto que trabalhava como gráfico do jornal *O Arauto* e nos instantes que tal jornal não estava sendo rodado, Juvenal, juntamente com seu irmão Durval, articulavam o *A Alvorada*. Por sua vez, ele também se inseriu em espaços de classe, tendo sido presidente da União Operária e, além disso, protagonizava os ambientes de sociabilidade negra, tendo presidido também o clube

Está Tudo Certo. Além disso, era proprietário de uma fábrica de fogos. Seu irmão Durval seguiu a mesma trajetória de alfabetização, estudando com Rodolfo e sendo aluno de Antonio. Formou-se em Medicina, conseguindo erguer uma farmácia e seu próprio consultório, sendo conhecido pela população de Pelotas como o “médico da pobreza” (SANTOS, 2003, pp. 126-127).

Nas páginas do semanário, assim como apontou Domingues, analisando o movimento negro brasileiro, a educação recebeu uma atenção especial. Entre os anos de 1933 e 1935, o jornal *A Alvorada* empreendeu a *Campanha pró-educação*, na qual, em sua inauguração, o colaborador Morge Soares escreveu:

(...) Quero apenas vos demonstrar que o verdadeiro lidador, aquele que quer ser consciente, é aquele que, pela leitura e pelo estudo constante das boas obras sociais, adquire a certeza do quanto representa e do valor do proletário perante a Sociedade. Assim sendo, deveis estudar, muito e muito, pois, só do vosso preparo intelectual, adquirindo com os estudos dos bons livros, depende a vossa prosperidade futura, e a grandeza da Pátria (...) (A ALVORADA, 29/01/33, p. 1).

O trecho acima citado traz à tona esta característica de valorização da educação e que, para as organizações negras, não fora abandonada ao longo de todos estes anos. Pelo contrário, ainda se entende o espaço escolar e o acesso ao conhecimento acadêmico como uma ferramenta de desconstrução do racismo brasileiro. Diante disso, se irá abordar adiante, a partir do panorama contemporâneo, a educação das relações étnico-raciais diante do atual modelo de Escola que se tem e que se pretende.

1.4 Educação nas relações étnico-raciais

A pedagoga e socióloga Nilma Gomes reflete acerca da construção da identidade negra, entendendo esta como sendo “construção social, histórica, cultural e plural” e que tal identidade também é edificada no espaço escolar, tendo a escola “responsabilidade social e educativa” sobre a construção de uma cultura antirracista (GOMES, 2005, pp. 43-44). Porém, concordando-se com as elucidações de Francisca Sousa, igualmente pedagoga, a invisibilidade da temática da história dos negros no Brasil nos currículos escolares, assim como as visões inferiorizadas desta

população nos livros didáticos e paradidáticos, além da própria negação ou amenização do racismo no ambiente escolar, contribui para a manutenção das práticas racistas na escola (SOUSA, 2005, pp. 109-110).

Não obstante, o *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil*, do biênio 2009-2010, traz em números a agudez do racismo brasileiro. Este relatório comprova que os jovens negros são os primeiros a abandonar a Escola, bem como são os mais atingidos pela repetência escolar. Isto no campo educacional, afora outros setores, como na área da saúde e segurança, onde são verificadas discrepâncias entre negros e brancos, apresentando os primeiros ampla desvantagem em relação aos segundos (PAIXÃO et. al, 2010, *passim*). Da mesma forma, a cidade de Pelotas também é alvo de tal sevícia social e, não obstante, ainda se configura em uma localidade que em sua história, invisibilizou a participação dos negros na construção de sua cidade, guardando em sua periferia uma parcela significativa de população negra menos favorecida.

Tais elementos destacam a emergência em que se encontra a formação de professores e de materiais didáticos para o ensino-aprendizagem em uma perspectiva de contemplação das relações étnico-raciais, colocando em destaque a igualdade nas diferenças. Esta ideia emergente de que a Escola deva contemplar toda a diversidade, tem tomado ainda mais corpo diante do fato de que a educação básica encontra-se em crescente universalização, conforme pontua Fernando Seffner. Para ele, o acesso tem buscado e, de certa forma, tem conseguido contemplar toda a população nas séries iniciais, realidade que até então não se verificava. Não só isso, como também o Ensino Médio e a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem sido ampliadas. Isto está gerando a inserção de educandos antes excluídos das estruturas escolares como, por exemplo, a população de baixa renda. Diante disto, tem se configurado como unanimidade o discurso entre educadores, gestores e sociedade em geral à respeito da educação inclusiva. Porém, a perspectiva de inclusão encontra-se banalizada no simples atos de acessar a Escola, tendo em vista que a sua permanência não está contemplada neste quesito (SEFFNER, 2009, pp. 125-127).

Desta forma, destaca-se que a população negra, historicamente pauperizada pelo processo de exclusão social antes mencionada, que reivindicou seus direitos na

educação e alfabetização, hoje está inclusa nos educandários brasileiros. Entretanto, como demonstram os números trazidos pelo *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil* do biênio 2009-2010 supracitados, esta população também é a que mais sofre com a evasão escolar e apresenta os maiores índices de repetência. A este fenômeno, algumas hipóteses podem ser desenvolvidas e uma delas encontra-se respaldo na não identificação desta população com os conteúdos abordados em sala de aula. Não só isso, como também as metodologias de ensino que não os contemplam, visto que a materialidade dos conteúdos abordados na Escola com o cotidiano são esperados pelos educandos e também pelos responsáveis por estes. Segundo Seffner,

o percurso escolar tanto pode marcar o aluno como um incapaz, herança que ele vai levar para o resto da vida e que será acionada como justificativa para explicar por que ele não obteve sucesso, como pode servir como instrumento efetivo para melhoria de vida do aluno, assegurando-lhe possibilidades de superação da exclusão (SEFFNER, 2009, p.129).

Este trecho da reflexão de Seffner afirma uma dicotomia para justificar a permanência de um setor da população brasileira no lugar da vulnerabilidade social. Desta forma, não se considera os processos históricos que constituíram esta exclusão, bem como não se mencionam as sequências na contemporaneidade dos mecanismos de exclusão social. Diante disso, se retira da Escola este *status* de mecanismo excludente e se credita unilateralmente às trajetórias individuais o ônus da miséria ou o bônus do sucesso. Na esteira desta reflexão, a Escola não deve ser minimizada como sendo o espaço de ascensão ou decadência, mas como um lugar de se construir os sujeitos críticos-reflexivos capazes de compreender as diferenças e se enxergar enquanto iguais.

Numa abordagem que contemple as relações étnico-raciais, a Escola deve se constituir enquanto um espaço em que os conteúdos de todas as etnias estejam contemplados e que as características individuais sejam consideradas, bem como as metodologias de ensino sejam condizentes com a realidade dos educandos. Alguns passos para isto já foram dados, como a Lei 10.639/03; porém, outros elementos devem ser considerados, como a discussão da cosmovisão africana frente à lógica ocidental tatuada nos fazeres cotidianos, que exclui as personalidades não abarcadas nesta categoria.

Diante do que fora explicitado até então, percebe-se que são muitos os desafios colocados à Escola, universidade, educadores e pesquisadores no que tange à educação das relações étnico-raciais. Ao mesmo tempo, também constata-se que muitos passos foram dados neste sentido, da construção da educação antirracista, que contemple as diferenças. Além disso, sublinha-se que o ensino de História se apresenta como uma área do saber escolar que em muito contribui para a almejada desconstrução do racismo brasileiro.

Não obstante, a trajetória do movimento negro e, em específico, as manifestações da organização negra na cidade de Pelotas, apresentam-se como temas geradores que se inclinam a contemplar a proposta da lei 10.639/03. Nesta esteira, o jornal *A Alvorada* emerge como um possível instrumento pedagógico único para a história local.

No capítulo seguinte, aborda-se, também o uso de fontes para o ensino de História, enfatizando a imprensa, suas possibilidades e os caminhos surgidos a partir da análise do periódico *A Alvorada*. Também busca-se a análise do ensino de História além da sala de aula e no caso da Bibliotheca Pública Pelotense, considerando-se a história local, tendo como eixo o histórico da cidade de Pelotas.

CAPÍTULO II – PROBLEMATIZANDO O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS POTENCIALIDADES

É de conhecimento de toda a população brasileira os problemas estruturais da educação, sendo estes, de certo modo, uma afirmação até mesmo corriqueira e, pode-se arriscar dizer, banalizada, sobre como a educação precisa de melhorias emergenciais. Banalizada, pois, de tanto que é repetida, por vezes é ignorada. Entretanto, o que se pretende ressaltar neste trabalho é que as dificuldades que o ensino Escolar passa, atualmente, constituem um assunto a ser discutido por toda a comunidade, não só entre educadores e educadoras mas, também, com educandos e educandas, familiares, acadêmicos. Não só isso, como a academia, interessada em produzir conhecimento, deve enfrentar também esta disfunção como sendo um problema seu e não somente daqueles e daquelas que ocupam o espaço escolar. Porém, para tanto, deve compreender e vivenciar o cotidiano da Escola, para que se visualize as possíveis soluções a curto, médio e longo prazo no processo de ensino-aprendizagem.

A partir deste quadro, sublinha-se que, mesmo diante do entendimento de que é papel de toda a população a discussão e construção de uma educação pública, inclusiva, de qualidade e socialmente referenciada, sabe-se que, neste contexto, educadores e educadoras têm sim um papel significativo e que o mesmo deve ser encarado com responsabilidade, tendo em vista que são os intelectuais mais próximos ao processo de construção do conhecimento da educação básica.

Nesta esfera, se insere o ensino de História e a sua própria didática, que tem sido, durante muitos anos, negligenciado pela teoria da História e pelos fazeres acadêmicos de pesquisadores e pesquisadoras tanto que, segundo Rüsen, a didática da História

deixou de ser o centro de reflexão dos historiadores sobre sua própria profissão. O resultado dessa atitude foi empurrar a didática da história para mais perto da pedagogia e abrir uma lacuna entre ela

e os estudos normais de história. A fascinação com as reformas curriculares tendeu a subestimar as características peculiares da história como campo de aprendizado (RÜSEN, 2010, p.31, *apud* SCHMIDT, 2012, p. 77).

Isto, em parte, tem a ver com o processo de proletarização dos professores, isto é, resulta da desvalorização gradual de educadores e educadoras do ensino básico aliado à perda de direitos trabalhistas e arrochos salariais. Ao mesmo tempo, o saber científico, destinado ao ensino superior, é visto de forma positivada em comparação aos outros saberes. Desta forma, conforme sugere Rüsen, o aprendizado em História passou a ser colocado como algo em segundo plano no trabalho de historiadores e historiadoras.

Diante disso, Rüsen propõe uma reflexão acerca da teoria da História, afirmando que a mola propulsora do pensar o conhecimento histórico, é proveniente da vida prática e, após as análises teóricas e metodológicas, retorna à vida prática (RÜSEN, 2001, p. 35). Neste sentido, todos os sujeitos são detentores de cultura histórica. Em outras palavras, eles refletem, de alguma forma, sobre o passado, não só do seu, mas da sua relação com ele e com acontecimentos históricos conhecidos. Enfim, a questão central deste processo recai sobre o desenvolvimento cognitivo de narrativas.

Pensando em um cenário ideal, um educando, ao chegar ao 6º ano do Ensino Fundamental – momento em que estava acostumado a construir sua aprendizagem a partir da perspectiva de uma única professora e esta, por sua vez, embora possua uma formação dotada de saberes e práticas didáticas lúdicas provenientes da formação inicial de Curso Normal ou Pedagogia, não possui qualificação (formação específica) em História – ele é possuidor de uma cultura histórica, assim como a educadora em questão e, além destes, suas respectivas famílias e assim por diante. Diante deste cenário, o papel do educador-histórico, ao se deparar com esta realidade cotidiana, consiste em partir das narrativas que os educandos apresentam para construir uma nova narrativa, fruto de pressupostos teóricos, metodológicos e historiográficos; isto é, esta “virada cognitiva” representa o grande desafio colocado aos professores e professoras de História.

Ao mesmo tempo, a formação destes educadores e educadoras – que possuem sua profissionalização específica na área de História – não é preparatória

para o trabalho com jovens que estão em desenvolvimento cognitivo. Desta forma, os educadores e educadoras das séries finais no ensino fundamental, que não possuem formação normalista, enfrentam diversas dificuldades em dialogar com seus educandos e, diante deste cenário, acabam, gradualmente, distanciando educandos e educandas do interesse pelas aulas.

Perante esta situação, pode-se constatar que a discriminação racial reproduzida na sociedade brasileira e que, logo, é reproduzida na Escola, constitui fruto de um processo histórico (conforme fora discutido no Capítulo I desta Dissertação), que culminou em sua fixação no nosso cotidiano, mas também é uma narrativa constituída. O educador que se depara com esta visão de mundo tem o desafio de, através de sua prática pedagógica, desconstruí-la e construir uma consciência histórica numa perspectiva antirracista. E, sobre esta questão da omissão das reflexões do processo de ensino-aprendizagem, por parte de historiadores e historiadoras, Schmidt pontua que:

Nesse processo, as questões relacionadas à aprendizagem histórica e, portanto, ao seu ensino, saíram da pauta dos historiadores e entraram, prioritariamente, na pauta das políticas educacionais, ocorrendo um deslocamento entre a cultura histórica e a cultura escolar, em que a perspectiva instrumental, particularmente centralizada na preocupação com a transposição didática e com os métodos de ensino, tem sido privilegiada (SCHMIDT, 2012, p. 89).

Neste aspecto ressaltado por Schmidt, a lei 10.639/03 se insere no que tange à “pauta das políticas educacionais”, pois a invisibilidade negra nos currículos de História (além das outras áreas) não fora apontada, nem tampouco solucionada pelos educadores ou pesquisadores da História, mas sim representa uma iniciativa do Movimento Negro. Não obstante, esta visibilidade só pode ser garantida sob a força da lei.

Inserido neste contexto de preocupação com a reflexão da construção do conhecimento histórico, este capítulo propõe, nesta seção, discutir acerca da Educação Histórica e a construção de consciência histórica antirracista. Além disso, ainda refletir sobre o papel de movimentos sociais na educação e, em específico, o Movimento Negro. Também abordará a questão das fontes em sala de aula, assim como a História local e as especificidades da cidade de Pelotas neste contexto, as possibilidades de trabalho a partir do uso do jornal *A Alvorada* em sala de aula e, por

fim, a análise do periódico, a partir das unidades de referência apresentadas a partir da aplicação da análise de conteúdo, utilizando-se da categoria Frente Negra Pelotense.

2.1 Educação Histórica e construção de consciência histórica antirracista

Para se entender os pressupostos da Educação Histórica, torna-se necessário compreender o processo histórico delineado pelas ideias a respeito da educação nos últimos anos. Neste aspecto, destaca-se o chamado movimento Escola Nova, também denominado Escola Ativa, que se desenvolveu no final do século XIX e se consolidou no século XX. Este movimento foi pautado na crítica à concepção tradicional de educação, “centrada no professor e baseada na memorização” (CAMINI, 2009, p. 74) e formulou a ideia de que a pedagogia deve ter como base a ação. Esta concepção se espalhou por diversas regiões do mundo, tendo como principal referência, segundo Camini, o estadunidense John Dewey (1859-1952).

A educadora-histórica Maria Auxiliadora Schmdit aponta que tais entendimentos da educação, o *escolanovismo*, podem ser observados nos atuais Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em vigor desde 1996. Entretanto, a autora supracitada, desenvolve suas reflexões, em específico, à respeito do ensino de História, de forma a delinear outra perspectiva da educação, superando a Escola Nova, embora trazendo alguns pressupostos em seu âmago.

Desta forma, Schmdit afirma que os PCNs trazem a perspectiva de que o conhecimento acadêmico e o conhecimento escolar são duas vias paralelas. Ou seja, há uma “separação construída ao longo dos anos entre a produção do conhecimento e os sujeitos que utilizam os conhecimentos produzidos” (OLIVEIRA, T., 2012, p. 92), o que acaba reforçando as contradições na sociedade e na educação.

Ainda, no âmbito de autores brasileiros, Paulo Freire é colocado por Camini como um herdeiro do *escolanovismo*; porém, destaca que o mesmo tecia críticas a este modelo, entre elas, a respeito do seu conservadorismo (2009, p. 78). Esta

crítica se demonstra coerente no que tange à concepção *freireana* de que para o ensino, é necessário que a pesquisa esteja articulada. Desta forma, ele coloca: “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho e intervindo educo e me educo” (FREIRE, 1996, p. 26, *apud* OLIVEIRA, T., 2012, p. 144). Esta reflexão de Freire coloca que, educadores e educadoras, ao estarem na prática cotidiana do fazer pedagógico, estão também em formação, aprendendo com seus aprendentes e, não só isso, como ressalta que o trabalho do professorado requer uma constante busca por conhecimento, ao passo que também deve ser uma prática auto avaliativa e auto reflexiva, pois o educador não deve ficar estático frente a estas mudanças; por exemplo, geracionais, que ocorrem.

Estas ideias vão ao encontro da Educação Histórica, sustentadas principalmente por Jörn Rüsen que, por História, entende que seja “uma ciência que tem uma função didática” (SOBANSKI, 2008, p. 18) e no Brasil, pela autora já citada, Maria Auxiliadora Schmdit. Contudo, a autora tece em alguns de seus trabalhos as concordâncias entre as ideias de Rüsen e Freire (OLIVEIRA, T., 2012, pp. 141-159), explicitando que a Escola Nova já não se apresenta como a perspectiva mais “nova” em educação. Vale destacar que Rüsen e Schmdit se encontram no campo teórico do ensino de História. Então, nesta atual perspectiva,

Os professores considerados “bons”, de acordo com este parâmetro, [são] aqueles que apresenta[m] a competência narrativa, e ainda demonstra[m] formas de engajamento que [vai] além do cumprimento do programa (OLIVEIRA, T., 2012, p. 143).

Diante do que fora supracitado, o papel do educador-histórico é delineado por uma subjetividade cognitiva que transborda a objetividade conteúdista. No campo da História – que constitui o objeto central de estudo neste momento – o conceito desenvolvido por Rüsen, de consciência histórica, é uma categoria que tem encontrado considerável ressonância no campo das reflexões da Educação Histórica. Nesta direção, Sobanski (2008) define consciência histórica como sendo a “capacidade de orientação no tempo, ou seja, a relação que o sujeito mantém com o passado e que serve para situá-lo no presente, fundamental para a compreensão histórica” (pp.18-19). Sobre este tema, Schmidt simplifica afirmando que:

[...] consciência história é o local em que o passado é levado a falar e este só vem a falar quando questionado; e a questão que o faz falar origina-se da carência de orientação na vida prática atual, diante das suas experiências no tempo. Trata-se de uma lembrança interpretativa que faz presente o passado, no aqui e agora (SCHMIDT, 2009, p. 16).

Diante das afirmações das autoras acima referidas, evidencia-se que a edificação do conhecimento histórico em sala de aula está alicerçada na compreensão e indagação do presente, tendo como perspectiva a própria identidade e a consolidação da alteridade. Deste modo, o educador não deve se resumir a um mero transmissor de conhecimento, tampouco reforçar os paradigmas do “bem e do mal”, mas sim construir narrativas que possibilitem aos próprios educandos e educandas a constituição de suas narrativas acerca da sua História e da História do homem/mulher no tempo, considerando-se as relações entre passado, presente e futuro (SCHMIDT, 2009, *passim*).

Sendo assim, este trabalho entende por consciência histórica a relação que os sujeitos estabelecem com o passado tendo como lugar de observação, o presente. Nesta direção, esta questão emerge como urgente visto as reflexões que a Escola Nova desenvolvia a respeito da História; em especial, o autor Piaget afirmava que as crianças em idade escolar não possuíam abstração suficiente para compreender as questões que envolvem a temporalidade (SOBANSKI, 2008, p. 21). Desta forma, Rüsen traz a inferência de que, entendendo “o nexo da interpretação do passado, compreensão do presente e expectativa do futuro” (2012, p. 130) como consciência histórica, a problematização da História torna-se possível aos educandos na idade escolar. Com base neste prisma, a Educação Histórica proporciona que os educandos passem a ser vistos como

agentes de sua própria formação, com ideias prévias sobre a História e com várias experiências, assim como o professor passou a ter um papel de investigador constante, necessitando problematizar suas aulas em diversas situações (SOBANSKI, 2008, p. 20).

Além desta visão de História em que esta é principalmente compreendida partindo-se das vivências dos educandos (mais uma vez, ideia concordante com a educação popular de Paulo Freire), outro conceito que contribui para a constituição da Educação Histórica como um parâmetro de construção crítica do conhecimento é a literacia histórica. Sobre esta categoria, Schmidt pondera que:

considerando que não se pode escapar do passado, a literacia histórica baseia-se no entendimento de que se deve propiciar e obter condições para podermos fazer escolhas intencionais a respeito do passado. Por isto, é válida a questão colocada pela literacia histórica, de que é importante saber que passado se quer, que usos a história tem para a vida prática e de que maneira a História pode ser aprendida (SCHMIDT, 2009, p. 14).

Assim sendo, a literacia histórica coloca-se como uma interpretação problematizadora da História relacionada com a realidade, ou seja, de “ler o mundo historicamente” (LEE, 2006, *apud* SOBANSKI, 2008, p. 21). Estas reflexões servem para se pensar a História não apenas como um saber a ser aprendido e apreendido, mas sim como um saber a ser utilizado cotidianamente.

Diante das considerações desenvolvidas, percebe-se que tais categorias surgem na intenção de mediar as perguntas “para que serve a História? Para que aprender História? Para que e como ensinar História?” Estas categorias emergem de diversos lados, tanto de educandos, quanto de educadores. Entretanto, destaca-se que esta perspectiva de educação crítico-reflexiva, iniciada na Escola Nova, ainda não encontrou aderência significativa nas escolas brasileiras. A partir deste pressuposto, a indagação referente às formas de se desenvolver e multiplicar tal trabalho, demonstra-se uma tarefa que está sendo desempenhada e que possui consideráveis desafios pela frente.

Neste contexto, diversas ferramentas e “artimanhas” apresentam-se para os educadores cumprirem com os objetivos do processo de ensino e aprendizagem crítico-reflexivo; entre elas, o uso de documentos em sala de aula e, neste contexto, o uso de periódicos. Estas metodologias que vêm sendo inseridas no ensino de História, embora não possam ser consideradas novas, acompanham uma discussão a respeito da crise na educação e das estratégias de contornar tais fragilidades. Não obstante, o uso de fontes em sala de aula aponta para uma prática pedagógica em que se provoca a reflexão em educandos e educandas de como se constrói o conhecimento histórico, através de que ferramentas e subsídios.

2.2 Movimento social como exemplo pedagógico

A categoria “movimento social” passou a ser alvo do interesse de

pesquisadores e pesquisadoras a partir da década de 1970, no Brasil (GOHN, 2011, p. 334) e, desde então, estes têm sido analisados sob o olhar das Ciências Sociais, História, Antropologia e Educação. Por movimento social, concorda-se com o entendimento da socióloga Maria Gohn, que o define como:

ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas (cf. Gohn, 2008). Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta [...] até as pressões indiretas (GOHN, 2011, p. 335).

No cerne desta ideia de movimento social está a organização da população e, diante desta perspectiva, insere-se o Movimento Negro dentre toda sua variedade de ações e práticas ao longo dos anos, conforme visto anteriormente. Nesse sentido, Gohn reforça a relação entre movimentos sociais e educação, destacando que a educação não se resume aos bancos escolares institucionalizados (educação formal), mas também a educação construída em outros espaços além dos muros da Escola (educação informal). Através desta ideia, a autora destaca que os movimentos sociais têm incidindo em ambos os espaços.

O Movimento Negro, por sua vez, é um exemplo desta dupla atuação. Na educação formal, exerceu a histórica pressão, já comentada neste trabalho, no que tange à alfabetização e inserção de negros e negras nas Escolas, além da própria conquista da lei 10.639/03 e das cotas sociais com recorte racial em universidades públicas¹⁰. Ademais, ainda sob este aspecto, a autora pontua que “lutas e movimentos pela educação têm caráter histórico, são processuais, ocorrem, portanto, dentro e fora de escolas e em outros espaços institucionais. Lutas pela educação envolvem lutas por direitos e fazem parte da construção da cidadania” (GOHN, 2011, p. 346). Desta forma, coloca-se aqui a primeira evidência do Movimento Negro como exemplo pedagógico, pois construindo sua luta na educação, incide também na educação informal, no fazer cotidiano. Aqui, trabalha-se e utiliza-se a ideia de “exemplo” pedagógico como uma perspectiva que vai ao

¹⁰ Além dos debates e conquistas da área da educação, que tem sido a tática central ao longo dos anos do Movimento Negro para a desconstrução do racismo a longo prazo, também é válido ressaltar outras conquistas deste como, por exemplo, o recente Estatuto da Igualdade Racial, a Lei n.º 12.288/10, que assegura uma série de direitos nos campos da saúde, trabalho, cultura, esporte e lazer, comunicação social, entre outros, além de instituir o Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial (SEPIR).

encontro do “discurso”, onde o saber fazer, o fazer, as práticas e ações educam tanto quanto o conhecimento escrito e institucionalizado.

Ademais, Gohn afirma que a própria inserção em um movimento social educa, tanto individualmente quanto coletivamente. Nesta direção, a autora coloca em questão diversas aprendizagens possíveis no interior de uma organização social, tais como a aprendizagem teórica, prática, técnica instrumental, política, cultural, linguística, econômica, simbólica, social, cognitiva, reflexiva e ética¹¹ (GOHN, 2011, pp. 352-353).

Por meio destas reflexões pode-se classificar o Movimento Negro como uma abordagem a ser explorada de forma a discutir com educados e educandas o papel dos indivíduos e também da organização coletiva na construção da cidadania pela luta por garantia de direitos. Além disso, constitui um exemplo de atores sociais que, ao se organizarem, conseguiram e conseguem pautar mudanças na sociedade, apresentando proposições concretas e ações que geraram as suas já apontadas conquistas. Sendo assim, os negros e negras se colocaram como protagonistas na História, puderam incidir na mesma, mudando o futuro de todas as gerações seguintes.

2.3 O uso da fonte *A Alvorada* em sala de aula: desafios e possibilidades

A partir das considerações apontadas anteriormente, destaca-se, então, que no âmbito do ensino de História, a imprensa demonstra-se ambivalente: um primeiro enfoque refere-se ao seu uso na construção do saber histórico e outro que a coloca como um próprio conceito substantivo. Nisso, vale mencionar que a construção do conhecimento histórico pode configurar-se em um elo entre os conceitos substantivos e os conceitos ditos de segunda ordem. A respeito destes conceitos, Peter Lee afirma que:

¹¹ Este trabalho não se debruçará sobre todos os aspectos levantados por Gohn de cada uma das aprendizagens, mas indica a leitura de GOHN, Maria da G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-512, maio-agosto, 2011, para fins de esclarecimentos acerca das especificidades de cada uma das aprendizagens.

Conceitos disciplinares, de segunda ordem, tais como *mudanças e evidências*, estão envolvidos em qualquer história, qualquer que seja o conteúdo. Outros conceitos, como *comércio, nação, protestante, escravo, tratado* ou *presidente*, são encontrados quando lidamos com tipos particulares de conteúdos históricos. Eles são parte do que podemos chamar de *substância da história* e, então, é natural chamá-los de conceitos substantivos (LEE, 2005, p. 1, *apud* SOBANSKI, 2008, p. 30). (Grifo nosso).

Sendo assim, os conceitos substantivos são relativos aos conteúdos da História, tais como, Brasil Colônia, Revolução Farroupilha, Movimento Negro, enquanto os conceitos de segunda ordem referem-se à epistemologia da História, como narrativa, significância, evidência. Desta forma, a imprensa insere-se no que tange à produção do próprio conhecimento e suas contradições, explicitando a subjetividade em que a História é produzida. Sublinha-se que, para se trabalhar no ensino de História com quaisquer documentos, o educador precisa adentrar os meandros da produção destes, bem como avaliar com que propósito foram constituídos, por quem e em que contexto.

Além disso, a fonte deve ser abstraída como uma evidência. Dito de outra forma, tais fontes, não obstante, também devem ser direcionadas de forma a serem objetos de questionamento, atendendo a um objetivo do trabalho pretendido em sala de aula. Sobre isso, a educadora histórica inglesa Rosalyn Ashby pondera que:

No desenrolar do seu trabalho de interpretação de fontes, para apoiar uma afirmação ou fundamentar uma hipótese, os alunos precisam ser capazes de interrogá-las, de compreendê-las pelo que são e pelo que elas podem dizer-nos acerca do passado que não tinham intenção revelar. Contudo, as fontes, por elas próprias, não podem ser designadas ou não como evidência somente com base nessa interrogação, visto que é o relacionamento entre a questão e a fonte, tratada como evidência, que determinará o valor que lhe pode ser atribuído para uma investigação específica ou como fundamentação em resposta a uma questão (ASHBY, 2003, pp. 42-43, *apud* MEDEIROS, 2007, p. 199).

Sendo assim, o uso de fontes em sala de aula não se configura em um mero momento de “ilustração” da História se o objetivo consiste no trabalho com o arquétipo da Educação Histórica. Desta forma, com o uso de evidência, se tem como horizonte para os aprendentes, o desenvolvimento da “competência de compreender que a História é construída com diversas perspectivas” (SOBANSKI, 2008, p. 22).

Da mesma forma, no campo da Educação Histórica, a imprensa de um modo geral, além de ser uma fonte, também pode ser considerada, como já fora supracitado, um conceito substantivo da História. Esta reflexão baseia-se no pressuposto de que os objetivos pedagógicos que se pretende chegar através do ensino de História poderia partir dos próprios parâmetros do presente, ou seja, do conhecimento e das experiências dos educandos. Ou, conforme aponta Sobanski, “é a partir do presente de cada um que o conhecimento sobre o passado acontece” (SOBANSKI, 2008, p. 20).

Desse modo, indo além das trajetórias individuais, mas também mensurando-se a conjuntura social a que tanto educandos como educadores estão inseridos, é que a informação ocupa um lugar primordial na atual realidade; isto é, a História da Imprensa emerge como uma discussão a ser inserida no trabalho em sala de aula. Afora isto, o educandário deve ser entendido também como construção histórica, cultura e social, bem como suas identificações, além da própria forma que se aprende e a forma que se ensina (SCHMIDT, 2009, p. 11). Sendo assim, entender a imprensa como um conteúdo a ser trabalhado em sala de aula coloca em discussão o seu papel no presente.

O jornal *A Alvorada* apresenta uma série de elementos que podem levantar diversas possibilidades de ensino que vão além do Movimento Negro, conforme este trabalho propõe. Entre estas, destaca-se a questão da crise econômica mundial ocorrida na primeira metade do século XX, trazendo à tona a abordagem das preocupações dos trabalhadores (A ALVORADA, 01/01/1933, p. 01). A quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, Estados Unidos da América, em 1929, gerou uma crise mundial – que culminou na Segunda Guerra Mundial – temática esta trabalhada em sala de aula na compreensão do longo século XX. Ao trazer este conceito substantivo por meio de uma fonte local, possibilita-se ao educador e educadora provocar uma sensibilidade e aproximação neste conteúdo, visto que uma dificuldade muitas vezes encontrada é a dos educandos e educandas perceberem os entrelaçamentos da História como, por exemplo, a compreensão de que um fato ocorrido em Nova Iorque originou consequências para os brasileiros e pelotenses, além da assimilação dos efeitos da mesma na ordem mundial. Além da crise econômica, também se pode, através das páginas do periódico *A Alvorada*, explorar a própria Segunda Guerra Mundial, bem como a participação brasileira na

mesma, além do Holocausto, tendo em vista que estas são questões igualmente abordadas nas páginas do jornal (*A ALVORADA*, 13/08/1933, p. 01); inclusive, se pode discutir o extermínio étnico, tecendo paralelos com a questão negra.

Adiante, outras categorias igualmente emergem das páginas do jornal, tais como o papel da mulher naquela sociedade da década de 1930, a discussão dos modelos econômicos capitalista e socialista, os espaços de sociabilidade e lazer disponíveis à população, a realidade dos trabalhadores na cidade, bem como sua organização sindical, entre outros. Diante disso, o periódico ainda aponta para uma série de possibilidades a serem exploradas, pois o mesmo configura-se em um espaço de “voz” dos trabalhadores e negros da cidade, trazendo consigo esta carga de representatividade a uma população desassistida e até a contemporaneidade sub representada na comunicação social, congresso e assim por diante.

Entretanto, diante da complexidade e da frequência em que o jornal *A Alvorada* traz à tona o debate da Frente Negra Pelotense, buscou-se através desta temática, realizar o trabalho em sala de aula os alunos. Não somente isso, como também a valorização da organização negra brasileira e local como um elemento formador político e cultural da sociedade brasileira, aproximando os educandos e as educandas das lutas ancestrais trazendo, dessa forma, a categoria “movimentos sociais” para o interior do currículo escolar de modo a ir além dos movimentos sociais contemporâneos mas, igualmente, aproximando os anteriores com os atuais, como é o caso do Movimento Negro¹².

A partir da análise de conteúdo indutiva, buscou-se quantificar a frequência das ideias relacionadas às Frentes Negras (Brasileira, Pelotense, de São Paulo e de outras localidades ou não especificadas) e a identidade “frentenegrina”, no ano de 1933 (ano de fundação da Frente Negra Pelotense). Dentro deste contexto, foram averiguadas 140 menções a FNP no período de seu lançamento (maio de 1933) até o final do ano. Sendo assim, buscou-se avaliar as relações que o periódico tecia com a Frente Negra Pelotense, chegando às seguintes 15 Unidades de Registro (UR) (ANEXO I): (1) Política/Partidos Políticos; (2) Preconceito; (3) Filiação; (4) Mulheres; (5) Dificuldades; (6) Imprensa; (7) Contrários; (8) Fundação; (9) União;

¹² É oportuno salientar que, embora este trabalho esteja focando o Movimento Negro como elementar no currículo escolar, movimentos sociais de luta pela terra, indígena, feminista, estudantil, entre outros, também são essenciais na construção da consciência, entendimento e exercício da cidadania a que a Escola se propõe.

(10) Sociedades/clubes; (11) Homens; (12) Eventos; (13) Raça; (14) Educação; (15) Valência Positiva. Segue, abaixo, as especificações de cada uma das Unidades de Registro:

1. Política/Partidos Políticos (03 referências): nesta UR, foram especificadas as menções à política institucional e partidos políticos, onde duas das três referências remetiam ao distanciamento da FNP com a organização político-partidária de forma positiva, evidenciando que não seria o objetivo da mesma a disputa eleitoral. No jornal, uma das colocações a este respeito pontua que a FNP tratava-se “de uma organização estritamente autocéfala, sem nenhuma ligação política, ou ideologia setaria, tendo como única finalidade promover o alevantamento moral, físico, social e intelectual da Raça [...]” (A ALVORADA, 06/08/1933, p. 01). Isto, por sua vez, não eximiu a Frente Negra Brasileira de tornar-se partido político, em 1936, ratificando novamente a distância entre a FNP e a FNB mesmo que, em 1936, a FNP já estivesse a passar por dificuldades. Além disso, em 1934, Rodolpho Xavier candidatou-se a deputado pelo Partido Socialista Brasileira, conforme já fora mencionado anteriormente (ALVES, 2005, pp. 13-14), embora seja arriscado afirmar que isto teria comprometido a independência da FNP.

2. Preconceito (03 referências): embora o teor do periódico seja o combate ao preconceito, à discriminação racial, ao racismo e à própria existência do mesmo, assim como da FNP, seja uma forma de enfrentamento, nesta UR buscou-se as palavras explícitas, “preconceito”, “discriminação” ou “racismo” no entorno do debate feito acerca da FNP. Em uma das referências, localizou-se: “A Frente Negra, procurará conquistar para o negro, o direto, a igualdade e a consideração, que a **Lei** lhe da mais o **Preconceito**, lhe nega” (A ALVORADA, 11/06/1933, p. 06, grifo do jornal). Nesta menção, pode-se indicar uma crítica à falta de acesso de negros e negras a seus direitos pelo chamado racismo institucional, ou seja, aquele racismo que está no interior das estruturas hierárquicas da política, economia e cultura e que só é sentido pela própria população negra. Aqui, é possível de se apontar uma continuidade no distanciamento que há entre a letra da lei e a prática, mostrando que as políticas públicas atuais, como ações afirmativas, a própria Lei n.º 10.639/03, Estatuto da Igualdade Racial, são empreendimentos há mais de 80 anos atrasados e que, por isso, necessitam de urgência para serem aplicados de forma efetiva.

3. Filiação (04 referências): nesta UR, foram englobadas as citações que chamavam os leitores e leitoras às fileiras da FNP. Das 04 referências, 03 eram imperativas no sentido gramatical, isto é, continham nas palavras, a entonação de pedido, tais como: “MÃIS! Insiste para que teus filhos se filiem a Frente Negra Pelotense [...]” (A ALVORADA, 06/08/1933, p. 01); “Filiai-vos na Frente Negra” (A ALVORADA, 27/08/1933, p. 02); “Une-te a Frente Negra Pelotense” (A ALVORADA, 05/11/1933, p. 01). Embora, aparentemente, seja possível a conclusão de que são poucos os chamamentos imperativos, é válido ressaltar que a imprensa, não muitas vezes, coloca seu posicionamento explicitamente, ficando ocasionalmente, no campo da valência positiva ou negativa de forma implícita. Na imprensa atual, são poucos os editoriais que colocam explicitamente seus posicionamentos e dificilmente se localizará tal imperativo, principalmente, no que se refere à filiação em grupos ou até mesmo a ideias. Diante disso, avalia-se que, ao usar o imperativo, o jornal *A Alvorada* explicita ainda mais a sua relação com a FNP, pois coloca-se como um espaço defensor explícito e preocupado com o sucesso da organização, fazendo com que indique aos seus leitores, de forma veemente, a aproximação com a organização.

4. Mulheres (08 referências): na UR “mulheres” foram elencadas todas as menções a “moças”, “senhoras”, “senhorinhas”, nomes próprios femininos, “mães” e agremiações femininas como, por exemplo, a criação em assembleia da “Legião Feminina Frentenegrina”, publicada no *A Alvorada*, em 19 de novembro de 1933. Vale ressaltar que o periódico corroborava com o pensamento predominante de sua época, mantendo a mulher no espaço privado do lar, do cuidado com as crianças, responsabilizando-as pela educação destas (embora isto seja de suma importância para o periódico) e ocupando o espaço de objeto de contemplação e desejo masculino. Estes valores eram reproduzidos, principalmente, nos espaços do periódico destinados às “fofocas” da comunidade, que apontava os comportamentos aceitáveis ou não aceitáveis, bem como as posturas que se esperava de ambos os gêneros, tanto feminino como masculino.

Contudo, no que tange à relação com a FNP, as mulheres são pouco mencionadas, se em comparação com os homens (25 referências, inferência desta na UR de número 11). Tal constatação leva à reflexão acerca das hipóteses para que tal Comitê Feminino fora formado, levando-se em consideração que este não

tinha por objetivo romper com a ordem machista vigente, mas sim para ainda cumprir o papel determinado às mulheres, como a reflexão sobre a educação dos filhos, a manutenção da moral entre as mesmas, além da possibilidade de haver reuniões exclusivas, ou destas, ou dos homens e até mesmo a organização de eventos, como o ocorrido e publicado no periódico, em 1933: “Haverá três mesas, atendidas por gentis senhorinhas que, servirão como tendeiiras sendo a 1ª em homenagem a ‘A Alvorada’, ‘Frente Negra’ [...]” (A ALVORADA, 30/07/1933, p. 04). Ademais, ressalta-se que havia uma clara preocupação da FNP e do *A Alvorada* para com o papel da mulher negra naquela sociedade, vide a palestra proferida por Humberto de Freitas em nome da FNP, no dia 24 de junho de 1933, intitulada “A Mulher Negra e o futuro da Raça” (A ALVORADA, 11/06/1933, p. 03).

5. Dificuldades (08 referências): aqui foram englobadas as alusões às dificuldades e obstáculos encontrados pela FNP ou, ainda, os “sacrifícios” feitos por aqueles que se organizavam na frente. Ainda sendo, é possível averiguar nesta UR tons também imperativos, que recebem uma entonação de incentivo diante das agruras que a organização e os seus sujeitos estavam expostos a passar: “Nada de pessimismo! Nada de covardias! Nada de vacilações! Nada de comodismo! Filia-te a Frente Negra Pelotense” (A ALVORADA, 11/06/1933, p. 06). O pessimismo, tal qual levantado nesta chamada do jornal, é algo bastante recorrente quando está sendo tratado o tema das dificuldades. Ainda, de modo imperativo, o periódico proclama: “AVANTE! dai o vosso apoio a Frente Negra, e deixe que os vaidosos e ignorantes, prefiram o atraso da nossa Raça. O jornal não deve ser apenas um órgão de ‘Pesqueis’ e de ‘Leilões’ mas deve procurar evolver a mentalidade de seus leitores” (A ALVORADA, 05/11/1933, p. 01). Os “Pesqueis” e “Leilões” a que se refere neste trecho são as colunas já mencionadas anteriormente, as chamadas “fofocas”. Sendo assim, embora estas colunas sejam bastante populares, fato evidenciado pelas próprias colocações do “Dr. Pescadinha” – personagem que assina a coluna “Pesquei”, que cita as palavras de leitores a respeito da sua própria coluna, por hora criticando, por hora a temendo – o próprio *A Alvorada* teme que este seja reduzido a apenas estas seções.

6 . Imprensa (08 referências): neste momento, foram anexadas as referências a outros periódicos que faziam alusão a fundação da FNP, aparentemente publicando ou referindo-se à correspondência enviada pela mesma. Aqui, são

mencionados os jornais da cidade de Pelotas: *O Libertador*, *A Opinião Pública*, *Diário Liberal* e *Diário Popular*. Do jornal *O Libertador*, localizou-se a seguinte transcrição: “Recebemos um officio communicando-nos a fundação da Frente Negra Pelotense” (A ALVORADA, 10/09/1933, p. 01).

7. Contrários (09 referências): nesta UR foram unidas as menções contrárias a criação da FNP. Destaca-se que no jornal *A Alvorada*, tais referências eram apresentadas como sendo de terceiros, para que, então, o jornal argumentasse a favor da FNP como, por exemplo, na publicação divulgada no dia 13 de agosto de 1933, assinada por Humberto de Freitas: “Desde que se fundou a Frente Negra Pelotense, que um as veses diabólico, outras veses gracioso Sr. Xará, vem publicando uma serie de artigos em ataques contra a nossa sociedade educacional [...]” (A ALVORADA, 13/08/1933, p. 02). Este exemplo aponta alguns ataques aos que o criticam. Além destas citações, também encontram-se nesta UR as hostilidades que o periódico direcionava aos contrários às suas ideias de maneira geral, não especificando quem seriam os autores de tais adversidades: “Para que todos fiquem cientes de que a Frente Negra Pelotense, apesar dos obstáculos que encontrará pela sua frente e zombando dos que a combatem, há de proseguir triunfante” (A ALVORADA, 10/09/1933, p. 01). Aqui, fica explícita que as adversidades e as críticas já faziam parte do cotidiano daqueles que estavam dispostos a levar adiante o empreendimento da FNP. Diante disso, aparecia expresso o desagrado para com os antagonistas e, ao mesmo tempo, era colocado que tais obstáculos não só não iriam interromper o processo em andamento, como tais ataques estavam sujeitos a contra argumentação, inclusive, nas páginas do *A Alvorada*, conforme já fora explicitado no trecho anterior.

8. Fundação (10 referências): na UR “fundação” foram agrupados os excertos relativos à fundação da FNP, tanto no futuro, presente ou pretérito: “Sabemos que assim que seja proclamada oficialmente a sua fundação, a F.N.P. expedirá em sessão extraordinária officios, reconhecendo como sócios fundadores o valente órgão da Raça – ‘A Alvorada’” (A ALVORADA, 11/06/1933, p. 03). Aqui, além de se reconhecer o periódico *A Alvorada* como órgão fundador da FNP, chama-se a atenção para o compromisso na organização ainda não fundada de reverenciar o jornal, defensor perseverante da Frente. No pretérito, pode-se exemplificar com o

trecho a seguir: “Quando fundou-se a Frente Negra Pelotense, milhares foram as pessoas que aplaudiram nossa iniciativa” (A ALVORADA, 03/09/1933, p. 1).

9. União (12 referências): aqui foram englobadas as referências que defendiam a ideia de união entre a população negra e em torno da FNP. Um argumento bastante trazido pelo periódico, era a ratificação de que a Frente não tinha como objetivo fortalecer uma segregação entre negros e brancos, conforme Creoulo Leugim defende: “A Frente, deseja unir. Ela não quer separação, seja na própria, como em outra raça” que no mesmo artigo do jornal, ele também coloca: “Assim sendo quer a F. N. em resumo a União e a Educação, sobre todos os pontos de vista” (A ALVORADA, 21/05/1933, p. 02). Desse modo, fica explícita uma preocupação perante a remota possibilidade que a comunidade negra e branca entenda a FNP como um espaço de apartação social. Em outro trecho, Creoulo Leugim reforça a ideia de coletividade e de compromisso para com a FNP: “Com o auxílio de todos, pois ela [FNP] defenderá os interesses de todos, cada um, deverá dar seu auxílio individual, para receber o auxílio coletivo” (A ALVORADA, 12/11/1933, p. 01).

10. Sociedades/Clubes (18 referências): nesta UR foram reunidas as referências a clubes e sociedades recreativas da cidade, tanto quanto as críticas às mesmas, como também menções de propaganda de eventos nestes locais, mostrando certa contradição entre as críticas endereçadas às festividades e o uso destes espaços pelo povo negro da cidade:

Em vês de criarmos sociedades bailantes, que nenhum beneficio nos trás, procuremos fundar Centros de Cultura, moral intelectual e físico, ou unir-mo-nos a futurósa Frente Negra Pelotense, afim de que instruídos e educados possamos cantar o hino da nossa emancipação e integralizar o Negro na Sociedade Brasileira” (A ALVORADA, 04/06/1933, p. 02).

Neste trecho, coloca-se em xeque a organização dos negros em torno dos espaços de sociabilidade, em detrimento dos espaços específicos direcionados à educação. Vale ressaltar que, nesta Dissertação, concorda-se com a ideia de que a própria sociabilidade e os espaços construídos e mantidos pela população negra são, em si só, lugares também pedagógicos. Não obstante, compreende-se a crítica feita pelo *A Alvorada* para com a valorização da recreação em um momento histórico em que a população negra deseja integrar-se à sociedade branca pelo viés da

educação. Ao mesmo tempo, destaca-se que o ataque aos espaços de lazer de grande procura e acesso eram talvez os poucos disponíveis para a população não letrada e vale ressaltar que o periódico era construído por uma “elite” intelectual que se encontrava no interior da comunidade negra, demonstrando assim certo distanciamento da sua base social. Contudo, outras referências eram realizadas aos clubes negros da cidade, quando se tratava de eventos sociais voltados à FNP, ou beneficentes, ou reuniões e assembleias. Sobre isso, traz-se o seguinte trecho: “É que durante os intervalos das dansas serão vendidos lindos ramos de flores, em benefício dos cofres da ‘Frente Negra’, a cuja associação o ‘Está tudo certo’, homenageará com a sua admiração incalculável proteção” (A ALVORADA, 15/10/1933, p. 03). Neste momento, evidencia-se a unidade entre as organizações negras, sejam elas voltadas à recreação, sociabilidade ou educação, mesmo diante das críticas tecidas pelo periódico.

11 . Homens (25 referências): aqui, foram agrupadas as menções a homens, moços, irmãos e nomes próprios masculinos. Esta UR serve para traçar-se comparações com a UR “Mulheres”, onde foram contabilizadas 08 referências, reforçando o já mencionado papel em que estas ocupavam naquela sociedade (espaço privado), enquanto os homens, permaneciam no espaço público, inclusive, proferindo palestras sobre a mulher negra na sociedade, conforme fora apresentado na UR em questão anteriormente. É útil frisar que nesta UR, encontram-se as referências aos nomes daqueles que participavam e dirigiam a FNP; tais como, Humberto de Freitas (colaborador assíduo do *A Alvorada*), José Auto Ferreira da Silva, Carlos Torres, Alexandre Corrêa e Valdemar Rodrigues da Silva, entre outros, além daqueles correspondentes que teciam suas opiniões acerca da FNP. Não obstante, a figura de José do Patrocínio é levantada 03 vezes nesta UR, visto que nas páginas do jornal, frequentemente, era exaltada a figura deste, com vistas à valorização da história do Brasil pelo viés dos protagonistas negros. Embora as assinaturas dos artigos não tenham sido consideradas nesta UR, vale observar que a presença do personagem Zumbi dos Palmares subscrevendo a autoria de diversas chamadas da FNP também corrobora com esta ideia de valorização dos lutadores negros brasileiros.

12 . Eventos (26 referências): aqui, foram aglomeradas as citações aos eventos da FNP ou em prol desta, como trazido por Zumbi dos Palmares: “Pois

basta dizer-se que do dia 12 de maio, até hoje, realizou, nas sedes sociais da nossa esfera, nove comícios de propaganda” (A ALVORADA, 11/06/1933, p. 03). Neste momento, primeiramente surpreende o número de eventos realizados até então pela organização no intervalo de apenas um mês e também publiciza estes números positivos que a FNP estaria alcançando. Nesta UR também foram agrupadas os chamamentos, tais como: “Amanhã sessão da F.N.P. na sede da rua Marechal Deodoro” (A ALVORADA, 30/07/1933, p. 02), evidenciando que a FNP estaria aberta à toda a população que tivesse acesso à leitura do periódico.

13. Raça (29 referências): nesta UR, foram agrupadas as referências à “raça” ou outras expressões de afirmação de negritude. Neste contexto, considera-se que estes elementos servem como fortificadores da identidade negra. Embora tenha sido discutido no primeiro capítulo deste trabalho a construção da ideia de racismo e os estereótipos reproduzidos pela ideia de uma sociedade dividida em “raças”, a reprodução desta ideia passou também a representar uma expressão de autoafirmação de uma identidade negra, visando vencer a opressão da identidade branca sobre a outra. Sendo assim, é válido ressaltar alguns trechos, tais como: “A Frente Negra é uma entidade organizada por **Negros** e para **Negros**, [...]” (grifo do jornal) (A ALVORADA, 11/06/1933, p. 06). Deste fragmento, é válido ressaltar dois elementos: o primeiro, a que se refere ao uso do termo “negro” para identificação, pois para a sociedade embranquecida, estas expressões podem configurar-se em desconfortos ou falta de discrição, sendo até os dias atuais “atenuadas” por vocábulos tendenciosos, tais como “moreno”, por exemplo, em que nesta expressão, se nega e diminui a valorização da cultura negra e da autoafirmação da mesma. O segundo elemento a ser ressaltado aqui é a questão da ressalva ao quesito auto-organização, no momento em que ocorre a afirmação de que a entidade é organizada “por Negros e para Negros”.

Outra questão a ser considerada nesta UR é o uso da expressão – bastante frequente no *A Alvorada* – de “raça etiópica”, mostrando que além da identidade negra ser afirmada, a igualdade em relação a identidade com a origem milenar e ancestral africana também é lembrada: “Não obstante isto, éla [FNP] vai mais longe, não se limita unicamente á raça Etiopica e sim á todos, como se lê no brilhante manifesto” (A ALVORADA, 22/10/1933, p. 01).

14. Educação (32 referências): como já fora abordado anteriormente nesta Dissertação, a educação fora uma temática que sempre protagonizou a luta do Movimento Negro Brasileiro. Sendo assim, não poderia ser diferente que, na organização da FNP, este elemento tenha sido veementemente valorizado. Em primeira instância, o jornal *A Alvorada* inicia o ano de 1933 empreendendo a *Campanha Pró-Educação*, como fora discutido no Capítulo I, momento em que o jornal anuncia, propaga e discute a FNB e FNP no interior das suas páginas. Desse modo, nesta UR foram aglomeradas as menções à educação, instrução e alfabetização; nestes momentos exaltou-se o compromisso e a linha central da organização da Frente, a qual se traduz pela luta em prol da educação de negros e negras da cidade, possibilitando que estes não só acessem os bancos escolares, como também a cultura letrada como um todo.

Nesta direção, ao final do ano de 1933, a FNP inicia a formação de uma campanha intitulada “Cruzada do livro” com o fim de organizar uma biblioteca: “Constituirá uma nota chique nas sociedades locais a ‘Crusada do livro’ que breve será iniciada de um modo inédito, em benefício da biblioteca da F.N.P.” (A ALVORADA, 16/07/1933, p. 04). Ademais, sempre é reforçado o caráter “educacional” da frente: “‘F. N. P.’ - Tres letras simbólicas, pois representam: **União, Instrução e Educação**” (grifo do jornal) (A ALVORADA, 09/07/1933, p. 01); “[...] formidável congregação educacional” (A ALVORADA, 16/07/1933, p. 03). Em um fragmento, o analfabetismo é comparado com a escravidão: “Auscultando as aspirações do Povo Brasileiro e a necessidade da nossa gente, que se esforçam por libertar-se da escravidão – do analfabetismo – foi que fundamos a nossa congregação [...]” (A ALVORADA, 06/08/1933, p. 01), colocando em questão, primeiramente, a ideia de liberdade, como sendo um conceito mais complexo, assim como as amarras que a falta de conhecimento pode ocasionar e os obstáculos que foram encontrados pela população anteriormente escravizada mas, contraditoriamente, liberta em uma sociedade sem oportunidades e segregacionista.

15 . Valência Positiva (51 referências): nesta UR foram agrupadas as menções à FNP, no momento em que esta era defendida, exaltada ou quando os seus aspectos positivos eram levantados. Vale ressaltar que, neste caso, não foram verificadas expressões de valência negativa; pelo contrário, aqueles contrários à FNP eram duramente enfrentados pelo periódico, conforme fora expresso na UR de

número 7. As demais menções à FNP, que não se configuraram em valência positiva, podem ser consideradas “neutras” como, por exemplo, a comunicação de algum evento ou assembleia. Como o periódico fora considerado o porta-voz da FNP, é natural que a valência seja positiva e esta UR tem o fim de evidenciar tal fator de relação e defesa da frente pelo *A Alvorada*.

Diante do exposto, torna-se pertinente ressaltar que a posituação, a educação e a ideia de identidade racial, foram elementos prioritários no periódico *A Alvorada* quando se tratava da FNP, afinal, por meio das páginas deste jornal, pode-se ter uma visão clara dos objetivos e estratégias da Frente na cidade de Pelotas e, sendo assim, este pode configurar-se em um útil instrumento didático para o foco na organização negra local.

2.4 História local – a cidade de Pelotas e alternativas de trabalho com esta realidade

Entende-se que a perspectiva da história local é uma ferramenta tanto pedagógica e metodológica quanto conceitual para o processo de ensino-aprendizagem em História. Isto, porque em uma primeira instância, aproxima o educando e educanda do componente curricular a ser trabalhado, pois têm elementos que possibilitam a construção do pertencimento¹³ e da associação entre o conteúdo e a realidade. Evidentemente, que este aspecto é pressuposto de uma educação emancipadora e que propõe a estruturação da consciência histórica. Dito isto, torna-se válido mencionar que o conceito desenvolvido por Rüsen – de consciência histórica – representa uma categoria que tem encontrado considerável ressonância no campo das reflexões da Educação Histórica.

Neste âmbito, acredita-se que a história local está inserida de forma a possibilitar esta visualização prática do uso e do porquê de se aprender e ensinar História, pois partindo-se do conhecido, do palpável, se fortalece o entendimento das continuidades e rupturas. Ainda, com base neste prisma, o educador, ao desenvolver sua narrativa acerca do local, está constituindo suas abordagens além

¹³ Aqui, entende-se o sentimento de pertencimento, como sendo uma aproximação do conteúdo e uma visualização da sua própria realidade naquela temática trabalhada. Sendo assim, o educando se percebe naquele contexto histórico e, além disso, como fruto daquele processo.

das visões limitadas dos livros didáticos distribuídos às Escolas Públicas, que têm como foco as macrorregiões sudeste e, em determinados períodos históricos (como o período colonial), a nordeste.

Entretanto, torna-se útil destacar que não é a proposta desta Dissertação reduzir os componentes curriculares a seus fundamentos locais, muito pelo contrário, a proposta consiste no fato de que a história local esteja intimamente ligada à história regional e nacional. Em outras palavras, o objetivo consiste em propor uma discussão que articule e transgrida esta abordagem rasa da localidade e contemple a complexidade dos acontecimentos locais no que tange outros elementos curriculares de outros anos escolares.

Conforme expresso na lei, a diversidade de temas geradores e matrizes é explicitada; por exemplo, a História da África, configura-se por si só, em uma temática de grande complexidade, que antecede a Era Cristã e chega até os dias atuais. Dentro deste período, elenca-se a diversidade de sociedades no que tange às temáticas de cultura, política, economia, religião, entre tantos outros elementos que devem ser considerados. Aproveita-se, ainda, para realizar a crítica da banalização da História da África e a falta de consideração a sua multiplicidade, tanto na formação inicial e continuada de educadores, quanto na construção do processo de ensino-aprendizagem em História e nas outras áreas elencadas pela lei (Artes e Literatura) na Escola. Ainda, sobre esse ponto, a lei não pretende limitar as áreas do conhecimento às três supracitadas, mas sim coloca que se deve perpassar todo o âmbito curricular. Porém, a prática que se verifica é a incipiência na aplicação da lei até mesmo nas áreas de História, Artes e Literatura e, ainda mais preocupante, a desconsideração nos demais campos do saber, sob a proteção do discurso reducionista de relação da temática como sendo de exclusiva “propriedade” às áreas das Ciências Humanas e Sociais. Isto é ratificado pela Lei n.º 12.288, de 2010, que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial, no momento em que destaca: “Os conteúdos referentes à história da população negra no Brasil serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, resgatando sua contribuição decisiva para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural do País”¹⁴. Diante disso, fica

¹⁴ Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em agosto de 2014.

explícito o compromisso de todas as áreas do conhecimento para com a contemplação da Lei n.º 10.639/03, bem como a abrangência da mesma no currículo de História, visto que a temática da História da África e da cultura e contribuição afro-brasileira na História do Brasil não está presente em apenas um dos itens curriculares, mas sim abrange quase sua totalidade.

Além disto, é bastante presente no periódico a própria afirmação de identidade negra, também útil no trabalho em sala de aula, indicando-se a identidade como um elemento chave na construção da autodeterminação de negros e negras, colocando no centro da questão a educação para que esta autodeterminação ocorra de fato: “Eis porque vivendo até hoje escravizando as grilhetas do analfabetismo, o povo negro pelotense se clama por uma liberdade, diferente da que, os perturbadores da ordem anseiam!” (A ALVORADA, 09/07/1933, p. 1-2). Neste trecho, Humberto de Freitas, colaborador frequente do periódico e secretário geral da Frente Negra Pelotense, coloca o analfabetismo como uma escravidão que ainda persiste, deixando claro que o processo de abolição, finalizado em 1888, deixou diversas lacunas não sanadas na década de 1930 (em tempo, ressalta-se que ainda outras inúmeras falhas deste processo são observadas até os dias atuais). Além disso, também afirma que o povo negro não está satisfeito com sua situação social e educacional e, por fim, aponta que há no momento político nacional, uma parcela da sociedade que ao clamar por “liberdade”, desconhece o sentido da escravidão a que o povo negro foi e, em parte, está sendo condicionado naquele momento.

Ainda, sobre a autodeterminação e valorização da negritude, o personagem frequente no *A Alvorada*, Creoulo Leugim, que tem como característica nas suas contribuições os textos curtos, agitadores, afirma que: “[...] eu vejo, que a Raça, será consumida futuramente, se essa Raça não orgulhar-se de si mesma” (A ALVORADA, 13/08/1933, p.1). Esta sua colocação vem ao encontro de todo o debate que o Movimento Negro tem tecido acerca da autoestima da população negra e que corrobora com a Lei n.º 10.639/03 quando esta busca a visibilidade e valorização da população negra na Escola para que construa este sentimento de orgulho e pertencimento tanto à História do Brasil quanto à própria Escola. Dessa forma, Creoulo Leugim desloca o orgulho de ser negro como centro do processo de desconstrução do racismo, começando pelo próprio oprimido, a libertação de quem o oprime.

Não obstante, as denúncias de discriminação racial presentes nas páginas do jornal também representam uma abordagem possível de serem problematizadas em sala de aula. Neste trecho, o *A Alvorada* transcreve do periódico *A Lucta*, da cidade vizinha do Rio Grande, a denúncia da prática de discriminação racial de um determinado padre da Igreja Matriz do Carmo na mesma cidade:

a raça preta não é inferior á branca. Ambas têm a mesma origem e a mesma finalidade. Si das entidades brancas é dever reconhecer os pretos com o mesmo carinho que dispensam aos da sua raça; das religiosas é obrigação de que não podem escapar sem ferir a fundo o sentimento de caridade que deve constituir o traço predominante de todas, sem excepção (AALVORADA, 15/11/1933, p. 01).

Neste trecho, tem-se a possibilidade de ressaltar o diálogo entre as organizações negras, conforme já fora mencionado antes, demonstrando a articulação e inserção em uma conjuntura nacional em que coloca o periódico *A Alvorada* em um universo mais amplo e complexo da estrutura da organização e luta negra. Mais que isso, coloca também que a prática do racismo estaria presente até mesmo em instituições tidas como “sagradas” e chaves naquela sociedade e, contudo, o ato em si – da denúncia – de não se calar frente ao acontecido e propagandear a discriminação como uma forma de combatê-lo, através do constrangimento público do ocorrido e dos personagens envolvidos.

Não obstante, o periódico possibilita a inferência acerca das atividades culturais, tais como as realizadas nos clubes sociais (alguns deles ainda em funcionamento na cidade – Fica Ahí, Chove Não Molha – possibilitando que haja a visitação a estes espaços). De certa forma, o jornal, por vezes, trata de forma anacrônica a questão dos espaços recreativos da população negra: “Pesquei o fervero que houve esta semana. Tá bonito não precisamos mesmo de sociedades educacionais...” (A ALVORADA, 10/09/1933, p. 01). Esta afirmação é posta na coluna “Dr. Pescadinha”, personagem que, anonimamente, aponta algumas condutas tidas como imorais da população. Ao mesmo tempo, também divulga e participa de eventos recreativos das sociedades locais.

Diante do que fora exposto até então, evidencia-se que são diversas as abordagens possíveis que o periódico em questão possibilita. Ademais, destaca-se que se optou pelo trabalho com a categoria “Frente Negra Pelotense” em sala de aula, visto que a abordagem do periódico *A Alvorada* fora bastante significativa e a

FNP insere-se no contexto do Movimento Negro Brasileiro e representa um dos principais momentos históricos da organização negra, encontrando então ressonância local em um evento nacional. Com base nestas afirmativas, no próximo capítulo, serão apresentadas atividades (e a análise da realização destas) desenvolvidas com os alunos de 7º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Luis Carlos Corrêa da Silva, durante o ano letivo de 2014.

CAPÍTULO III – A EXPERIÊNCIA COM O JORNAL A ALVORADA NO TRABALHO COM A LEI 10.639/2003

A partir do jornal *A Alvorada*, pode-se tecer diversas reflexões acerca da localidade da cidade de Pelotas. Em primeira instância, tem-se a organização da Frente Negra Brasileira e, posteriormente, a Frente Negra Pelotense como conceitos substantivos a serem trabalhados em sala de aula. Ambos, trabalhados juntos, articulam-se à história local com a nacional, demonstrando que a organização negra empreendida na região não era um fato isolado, mas sim vinculado a uma luta de maior abrangência.

No ano de fundação da Frente Negra Pelotense, 1933, é notável a manifestação favorável à mesma em que as páginas do jornal *A Alvorada* se debruça. Mais que isso, naquele momento, o periódico pode ser considerado o porta-voz daquela organização.

Vale ressaltar que, embora a Frente Negra Pelotense se insira em um contexto de outras Frentes Negras sendo organizadas pelo Brasil¹⁵, a mesma detinha alguns elementos que a diferenciavam, colocando em questão a sua aproximação com as demais frentes. Segundo Domingues (2005, pp. 152-153), a Frente Negra Pelotense teria sido criada inspirada na iniciativa nacional; porém, não nutria contato frequente com as restantes e possuía algumas posturas que a diferiam da matriz. Uma das principais posturas mencionadas pelo autor e evidentes nas páginas do periódico consiste na aproximação com as ideias classistas, ou socialistas, em detrimento das integralistas.

De certo modo, é possível levantar a hipótese de que a aproximação dos intelectuais que contribuíam para o jornal com o sindicalismo, levaria os mesmos a possuírem outros olhares acerca da situação negra e da sua organização. Isto não significa que algumas ideias integralistas estivessem completamente fora das

¹⁵ Segundo Domingues, estavam registradas pelo jornal *A Voz da Raça*, porta voz da Frente Negra Brasileira, 22 delegações no estado de São Paulo, 31 delegações em Minas Gerais, 4 delegações no Espírito Santo, 1 delegação na Bahia e 1 delegação no Rio Grande do Sul, a Frente Negra Pelotense (DOMINGUES, 2005, p. 152).

páginas do jornal, visto que o integralismo e os ideais autoritários estavam em ascensão não só no Brasil. Sobre esta aproximação com o integralismo, o historiador André Oliveira pontua que “o desenvolvimento de uma consciência racial não pode ser compreendido de maneira linear e nem apartado de seu momento histórico. Momento este extremamente nacionalista, tanto na esquerda quanto na direita” (OLIVEIRA, A., 2006, p. 27)¹⁶.

Diante deste contexto, de valorização da Frente Negra Pelotense pelas páginas do periódico *A Alvorada* e da conjuntura nacional favorável à organização (sendo ela de negros, autoritários e/ou comunistas), neste capítulo se irá abordar o perfil da comunidade e da clientela da Escola Estadual de Ensino Fundamental Luís Carlos Corrêa da Silva e, mais adiante, os olhares dos alunos do 7º ano da Escola sobre a temática, por meio do trabalho com a própria fonte histórica em questão. Além disso, se irá refletir acerca da prática em sala de aula, da percepção de educandas e educandos sobre o racismo no espaço escolar, bem como, outras questões que serão aprofundadas, a seguir.

3.1 A comunidade e a clientela da Escola Luís Carlos Corrêa da Silva

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Luís Carlos Corrêa da Silva encontra-se localizada na cidade de Pelotas, na região denominada de Guabiroba, que fica no bairro Fragata. Esta região possui aproximadamente 12 mil habitantes, segundo o jornal local (DIÁRIO POPULAR, 06/07/2014, *online*).

O Guabiroba é caracterizado por consistir em uma região de COHAB (Conjunto Habitacional), promovida a partir de 1979; entretanto, com algumas características diferentes da maioria dos loteamentos nesta configuração, “o conjunto constitui-se no grupo de prédios de habitação individual ou coletiva edificadas em um mesmo lote de terreno, no qual existem áreas livres de uso coletivo vinculadas a todas as economias” (MEDVEDOVSKI; BERTONI, 1995, p. 3).

¹⁶ Visto que não é objetivo deste trabalho aprofundar o tema da relação do autoritarismo com as Frentes Negras, se sugere que, para melhor entendimento, consultar as obras: DOMNGUES, Petrônio. *A Insurgência de Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*. 2005. **Tese** (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo. OLIVEIRA, André C. de. *Quem é a “Gente Negra Nacional”? Frente Negra Brasileira e A Voz da Raça (1933-1937)*. 129 p. 2006. **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Isto significa que os espaços residenciais são compartilhados, em parte, neste loteamento e outra grande parte da habitação, encontra-se na forma de apartamentos. Neste contexto, a região, embora não apresente um território muito extenso, possui uma população bastante concentrada. De acordo com o corpo docente da Escola Luis Carlos, o principal sustento das famílias da região é, primeiramente, o comércio local, logo em seguida, o comércio do centro da cidade, construção civil, serviços gerais, faxina, entre outras atividades¹⁷.

A região é considerada periférica e possui diversos problemas estruturais, tal como a falta de espaço físico para expansão, para construção de espaços de lazer, problemas na rede de esgoto e, nos meses de junho e julho de 2014, tem sido noticiado na mídia local o problema de violência. Segundo o periódico Diário Popular, a região estaria “sitiada pela violência” (DIÁRIO POPULAR, 06/07/2014, *online*) devido às ameaças de “arrastão” e os constantes conflitos entre traficantes. Embora a Escola esteja localizada exatamente na região mais movimentada do bairro, entre os apartamentos e o loteamento, a mesma é considerada tranquila pelos educadores, bem como sua clientela. Isso não significa dizer que não haja problemas estruturais, tais como o sucateamento dos espaços externos, devido, segundo a direção da mesma, ao furto e depredação de equipamentos recreativos.

Além da Escola Luís Carlos, também há na região outra instituição de ensino, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, fator que divide a clientela da região. Contudo, com pouco diálogo pedagógico entre as mesmas e, da parte de alguns discentes, constata-se certa rivalidade nas atividades esportivas. Neste contexto, observa-se que o Ensino Médio é oferecido em outras Escolas que, embora localizadas no mesmo bairro, estão a mais de 2 km de distância da localidade Guabiroba. Assim, pode-se inferir que, dentre outros diversos fatores que geram o “gargalo” que há entre o ensino fundamental e o ensino médio, aponta-se a questão da localização das escolas em referência às regiões periféricas.

Não obstante, torna-se válido apontar que, antes mesmo desta transição de etapas do ensino, há a repetência e evasão no interior do próprio Ensino Fundamental, dados que são consequências de uma série de fatores; entre eles, a própria falta de pertencimento ao espaço escolar e aos conteúdos trabalhados em

¹⁷ Estas informações foram extraídas da avaliação coletiva feita pelos educadores da escola em reunião em julho de 2014 que consistiu em diagnosticar o perfil da comunidade escolar.

sala de aula. Esta evasão pode ser observada, por exemplo, ao se analisar a própria Escola em questão, a Luís Carlos. No turno da manhã, onde são concentrados os anos finais do Ensino Fundamental, há três turmas de 6º ano, duas turmas de 7º ano e uma turma de 8º e 9º anos. Não se considera, neste momento, as turmas noturnas que, em suma, correspondem a uma em cada respectivo ano com um número bastante remoto de estudantes, pois são aqueles estudantes maiores de 16 anos. Entretanto, tais turmas não se configuram na modalidade EJA (Ensino de Jovens e Adultos).

Percebe-se que, ao longo das séries finais do Ensino Fundamental, há uma significativa diminuição de alunos e, por conseguinte, de turmas. Este fator, pode fazer com que a própria crítica à distância geográfica de Escolas de Ensino Médio possa não se sustentar, visto que, aparentemente, há pouca clientela para tanto. Além dos fatores curriculares, há de se ressaltar as questões envoltas aos elementos socioeconômicos, tais como a necessidade de ingresso no mercado de trabalho por parte de diversos jovens, deixando os estudos para um segundo plano e, a seguir, para trás. Enfim, são diversos os agravantes na educação que fazem com que a sequência nos estudos não seja uma opção viável para toda a população brasileira.

Segundo os dados do Censo de 2012, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no município de Pelotas, havia um total de 43.249 matrículas no Ensino Fundamental, enquanto, no Ensino Médio, o número cai para 12.289, evidenciando um abismo de mais de 30 mil matrículas no município. Diante deste número, há de se atentar para a urgência em se discutir os motivos que levam a juventude a abandonar os estudos de forma prematura e, além disso, repensar o currículo do Ensino Fundamental de forma a buscar uma minimização desta adversidade, que tangencia diversos outros problemas da estrutura social vigente.

Outrossim, é papel dos educadores e educadoras históricos refletirem sobre o papel do ensino de História nesta conjuntura, repensando-se os currículos e as práticas pedagógicas, voltando-se o olhar para os ciclos do Ensino Fundamental como estratégicos para o desenvolvimento de uma consciência histórica. Ademais, conforme já fora abordado neste trabalho, a reprodução e/ou minimização do racismo e a invisibilização de negros e negras na Escola, assim como de outros

grupos, são fatores agravantes desta realidade.

3.2 Perfil dos educandos e educandas do 7º ano da Escola Luís Carlos

Conforme já fora mencionado, este trabalho se propôs a elaborar uma prática pedagógica com fontes históricas (jornal *A Alvorada*) voltado à reflexão das questões de racismo e da organização negra (Frente Negra Pelotense) para apontar para uma visibilização da cultura negra em sala de aula a partir do proposto pela Lei n.º 10.639/03. Para tanto, se trabalhou com duas turmas de 7º ano da Escola Luís Carlos Corrêa da Silva, em que neste trabalho, serão tratadas com as turmas 7-A e 7-B.

Esta divisão será mantida, embora não explicitando suas identidades, visto que, ao vislumbrar uma compreensão da complexa dinâmica da sala de aula e da infrequência que há neste espaço, cabe o destaque às características das turmas, que são forjadas enquanto coletivos. Assim como as práticas pedagógicas e os resultados que são, muitas vezes, reflexo muito mais das dinâmicas de grupo do que das ações individuais. Isto, vale ressaltar, é um dos objetivos pedagógicos da Escola, que é a reflexão e apreensão do sentido do trabalho em equipe e, com isso, desenvolver as potencialidades individuais; porém, vislumbrando o bem comum.

Neste momento, aponta-se, para os perfis das turmas, dados pelo corpo docente da Escola Luís Carlos: para estes, a turma 7-A é tida como “apática”, desmotivada e desunida. Em princípio, a 7-A, contava com 19 estudantes; contudo, ao longo do ano, ficou reduzida a 15 alunos. De acordo com as auto declarações dos alunos, também se pode traçar um perfil pessoal da turma. Nisso, foi feita uma pequena pesquisa no primeiro dia de aula, para se avaliar o aspecto da turma, de acordo com suas preferências pessoais. Estes, responderam a 11 perguntas que abordavam: (1) Nome; (2) Idade; (3) O que gosta de fazer quando está fora da Escola; (4) Tipo de música preferida; (5) Cantores, cantoras e bandas que ouve; (6) Gosto por filmes; (7) Gosto por leitura; (8) Com quem mora; (9) Ocupação da família; (10) Acesso à internet; (11) O que gosta na Escola.

Não obstante, para este trabalho, não se irá abordar a totalidade das

respostas, visto que as questões relativas à família e ocupação da mesma rendem discussões mais profundas e, neste momento, não é o objetivo desta reflexão.

Sendo assim, contabilizou-se 10 meninas e 09 meninos, de 12 a 16 anos (a maior parte, de 13 anos – 7 alunos – e, em seguida, 14 anos – 4 alunos¹⁸). Ao serem questionados de que atividades gostavam de desempenhar fora do ambiente escolar, entre as meninas, o número daquelas que preferem ficar em suas casas (locais privados), foi de 8 menções, englobando “mexer no *facebook*”, comer e dormir (sendo este último o mais persistente, agrupando 4 referências), enquanto os meninos preferem sair de suas casas, ocuparem os locais públicos, preferencialmente, jogando futebol (7 menções), além de sair com amigos, andar de *skate*.

Sobre seus gostos musicais (questão estratégica, visto que, geralmente, a juventude se identifica com o comportamento de seus ídolos musicais), tanto meninos quanto meninas tem preferência pelo *rap*, o que possibilita o trabalho com o gênero musical e suas raízes negras. Também lhes fora indagado a respeito do gosto cinematográfico, a fim de perspectivar atividades com filmes. Diante disso, a resposta mais lembrada foi o gênero “terror”, seguido de “comédia”.

Com relação ao gosto pela leitura, houve 13 menções negativas e, aqueles que responderam positivamente (somando 4 registros), apontaram “gibis” e “ação” como preferência. Ademais, também foi questionado sobre o acesso à internet e entre todos da turma, apenas 2 meninas afirmaram não terem acesso. Ao final, os mesmos foram indagados a respeito “do que mais gostam na Escola” e as respostas mais frequentes foram: recreio (6 menções); merenda (4 menções); ir embora e Educação Física (ambos com 3 menções).

Enquanto isso, a turma 7-B é considerada, pelos discentes, como participativa, interessada, unida e “barulhenta”, mas também apresentou suas críticas à Escola. Esta turma possui 22 alunos e alunas¹⁹, também de 12 a 16 anos de idade; entretanto, com características mais jovens, tendo a maioria (12 alunos) 12 anos de idade e, em seguida, 4 com 13 anos. Isto se dá, devido ao fato de a maior parte daqueles que estão repetindo de ano se concentrarem na turma 7-A. Quanto

¹⁸ Ademais, também será considerado os alunos e alunas que estavam presentes no momento da pesquisa em sala de aula (17 no total).

¹⁹ Sendo que no dia da pesquisa, haviam 21 estudantes presentes.

às atividades nas horas vagas, a turma igualmente apresentou um padrão bastante semelhante a 7-A, no qual, as meninas se sentem mais à vontade nos espaços privados (vendo televisão, dormindo, navegando na *internet* – *facebook*) somaram 14 menções), enquanto os meninos preferem ocupar os espaços públicos, realizando atividades físicas. Sendo assim, os meninos se referiram 8 vezes ao jogo de futebol, mais 2 vezes a academia, mas, diferentemente da turma 7-A, os mesmos mencionaram mais significativamente as atividades em casa, tais como jogar *videogame*, assistir filmes, mexer no computador (somando 7 alusões).

Quanto ao gosto musical, as respostas foram mais diversas, visto que a turma 7-B apontou 9 menções ao *funk* (sendo que uma delas tinha conotação negativa, respondendo ao gosto musical com a frase “todas menos *funk*”), enquanto a turma 7-A não mencionou em nenhum momento o gênero. E o *rap*, preferido da outra turma, desta, ficou empatado com 4 referências, junto com o *pop* e *reggae*. Já, no quesito “gosto cinematográfico”, a turma também apontou a preferência para o gênero “terror”, com 9 referências, mas apresentou, em seguida, ação, com 8 menções e mais sinalizações a dramas e romances, além de ter destacado uma citação de diretor de cinema.

Embora o corpo docente da Escola Luís Carlos tenha apontado um maior interesse e entusiasmo da turma 7-B, quando perguntados sobre a questão da leitura, as respostas, novamente, foram desestimuladoras para educadores e educadoras. Estes, por sua vez, apontaram 14 referências negativas à prática de ler, porém, aqueles que responderam que possuíam algum costume de leitura (6 alunos e 1 “mais ou menos”), sinalizaram suas preferências. Entre elas, sugeriram: *mangás*²⁰, contos, lendas, poemas, “histórias sombrias”, o autor John Green (autor da recente adaptação ao cinema “A Culpa é das Estrelas”) e sagas infanto-juvenis tais como “Jogos Vorazes” e “Harry Potter”. Pode-se inferir acerca da leitura, que ambas as turmas seguiram um padrão e a 7-B acompanhou a 7-A em proporção entre leitores e não leitores, todavia, se apresentaram mais abertos a expor seus gostos.

Outrossim, é pertinente apontar para o projeto em andamento na Escola Luís Carlos – que, atualmente, está interrompido –, Horário de Leitura, proposto pela direção da Escola. Neste, uma vez por semana, uma das professoras responsáveis

²⁰ *Mangás* é a expressão utilizada para determinar as histórias em quadrinhos no estilo japonês.

pela regência da turma acompanhava-os na escolha de um livro, gibi ou revista oferecida pela Escola para a leitura individual em sala de aula. Embora observe-se que a intenção deste projeto possui bons argumentos, a prática do mesmo não era muito bem vista, tanto por docentes quanto por discentes, pois os materiais disponibilizados encontravam-se defasados ou em más condições de conservação, fazendo com que os educandos e educandas que já se encontram em um processo de desinteresse pela cultura escrita, conforme aponta o diagnóstico das turmas, permanecessem desestimulados.

Sobre o acesso à internet, na turma 7-B foram apontados 2 alunos que não possuem acesso à internet. Quanto às preferências em relação à Escola, os educandos e educandas indicaram a aula de Educação Física (com 8 citações), seguindo da merenda, “ir embora” e menções ao aprendizado (os três agrupamentos obtiveram 4 referências). Quanto ao aprendizado, as alusões foram às “matérias” no geral (2 referências), “aprender” e a Matemática, evidenciando que, mesmo diante de um quadro de desinteresse geral, alguns educandos apresentam algum entusiasmo em sala de aula. No entanto, destaca-se algo que, aparentemente, contrariaria os últimos indicadores a respeito das questões de gênero, visto que, atualmente, se tem apontado que as mulheres têm sido a maioria no ingresso nas universidades, entretanto, as 4 referências positivas ao trabalho em sala de aula foram efetuadas por educandos.

3.3 Construindo a proposta para a sala de aula

Após as primeiras pesquisas junto ao periódico *A Alvorada*, observou-se a centralidade da Frente Negra Pelotense, na década de 1930 e, portanto, buscou-se aplicar o método da análise de conteúdo utilizando-se das categorias “Frente Negra” e “Frente Negra Pelotense”. A partir disso, constatou-se a positivação da FNP pelo semanário e a predominância dos debates acerca de educação, além do fortalecimento da ideia de raça, união e identidade negra, conforme fora explicitado no capítulo anterior.

Partindo destes elementos, buscou-se em sala de aula, primeiramente, construir a reflexão relacionada à identidade negra no Brasil como elemento fundador da mesma e da necessidade que os negros e negras brasileiras

encontraram e ainda encontram de se auto organizarem. Apoiando-se nisso, seria levado ao conhecimento dos mesmos o jornal *A Alvorada* e, a partir dele, a FNP.

No entanto, ressalta-se que o currículo escolar pode ser considerado, por vezes, uma “amarras” ao desenvolvimento pedagógico de até mesmo temas transversais, propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Isto, pois há uma série de conteúdos a “serem vencidos”, ou seja, pode-se dizer que os mesmos precisam ser “derrotados”, para que educandos e educandas avancem para o próximo ano sem lacunas temporais, no caso do ensino de História. Sendo assim, ao mesmo tempo que a maioria das Escolas propõem uma flexibilidade, ratificada pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Luís Carlos, há também um constrangimento entre os educadores e educadoras quanto no que diz respeito “à entrega”, de um ano a outro, de um estudante que não possua o conhecimento ou a “decoreba” exigida para avançar de ano. Conforme prevê o PPP desta Escola a respeito dos conteúdos, é pontuado: “Devem ter um caráter mais flexível e que possam ser adequados aos interesses e necessidades de aprendizagem dos alunos”²¹.

Diante deste contexto que, aparentemente, não é exclusivo do ensino de História, tampouco da Escola Luís Carlos, se construiu a proposta para a sala de aula, observando-se a intimidação do tempo de aula (2 horas/aula semanais), de prazos de entregas de avaliações e aulas a serem recuperadas, devido ao tempo em que os estudantes ficaram sem aula de História. Não obstante, o currículo de 7º ano prevê a História do Brasil ao final do 3º trimestre, fazendo com que, muitas vezes, esta abordagem histórica nem seja contemplada, visto a vastidão de temáticas previstas para este ano escolar²².

Sendo assim, com base no acesso que se teve à regência de turma com o ano letivo em andamento, alguns cuidados foram tomados quanto à ruptura na

²¹ A título de esclarecimento, o Projeto Político Pedagógico da Escola Luís Carlos Corrêa da Silva encontra-se defasado e não há certeza do período em que o mesmo fora aprovado. Há menções por parte do corpo docente, que o mesmo seria do início dos anos 2000, ou seja, mais de 10 anos de vigência, sem possuir elementos básicos de um PPP, tais como o planejamento curricular e as estratégias para por em prática os objetivos do mesmo. Neste ano de 2014, há a proposta de construção de um novo PPP para a Escola.

²² No 7º ano da Escola Luís Carlos, se espera que os alunos e alunas dominem o conteúdo de toda a Idade Média (englobando Alta e Baixa, o papel da Igreja, Renascimento, Cruzadas, a África, o Oriente, Islã, entre outras abordagens), além de adentrar a expansão portuguesa, chegando no Brasil Colônia.

temporalidade, embora a mesma tenha sido inevitável. Esta preocupação ocorre, pois há uma dificuldade explícita de se construir o entendimento do tempo histórico com os educandos e educandas e, este rompimento teórico pode vir a causar ainda mais dificuldades e rejeições ao ensino de História, que tem sido encarado, há muitos anos, como um aprendizado a ser “decorado”, muito mais do que ser construído ou compreendido, sendo também isso, reflexo da prática de um ensino deficitário e corroído pela rotina pedagógica de educadores e educadoras e da própria instituição escolar como um todo.

Diante deste quadro, buscou-se analisar os conteúdos a serem trabalhados nos anos seguintes, de 8º e 9º ano (não sendo regidos por esta educadora), a fim de analisar os sinais, ou não, de temáticas que possam coincidir com as propostas para o 7º ano e, a partir disso, verificou-se a lacuna à respeito do Movimento Negro no ensino de História, visto que não há previsão do estudo sobre quilombos, abolicionismo, organizações operárias, além da atividade do 20 de novembro. Sendo assim, considerou-se pertinente esta abordagem, ainda que curricularmente, o período não seja compreendido.

Perante este possível impasse, partiu-se da abordagem da África durante o período europeu medieval, previsto no currículo, para que então, se construísse a justificativa pedagógica da atividade ocorrer no 7º ano. A partir deste pressuposto, estabeleceu-se através do conceito substantivo “trabalho” (previsto pelos PCNs a ser abordado no terceiro ciclo do ensino fundamental), o diagnóstico acerca do prévio conhecimento do continente africano, a fim de identificar os estereótipos e desconstruí-los para então, refletir sobre o trabalho escravizado e a transição para o livre; no caso brasileiro, culminando na reflexão da inserção de negros e negras na sociedade brasileira e pelotense.

Então, para construir a reflexão com os educandos e educandas das turmas 7-A e 7-B da Escola Luís Carlos Corrêa da Silva, partiu-se de um texto de apoio (ANEXO II) que contemplasse as aulas expositivas a respeito da vinda de negros e negras sequestrados da África para atuarem como mão de obra cativa e da sua organização até a FNP. Este texto foi elaborado pela regente de classe a partir de discussões com os educandos e educandas em 1 hora/aula com base em uma leitura coletiva do mesmo.

Posteriormente, foi distribuído entre todos os alunos uma cópia de fotografia do cabeçalho do jornal *A Alvorada* do dia 6 de agosto de 1933 (ANEXO III) e apresentado o caráter do mesmo, bem como minimamente a trajetória de seus colaboradores, tais como Antonio Baobab, Rodolpho Xavier e os irmãos Penny. A partir disso, os discentes foram divididos em grupos de 2 a 3 alunos e alunas (alguns preferiram realizar a atividade individualmente) para que então tivessem contato com uma fotografia específica do *A Alvorada* e construíssem suas reflexões a respeito do tema abordado pelo jornal em conjunto, a partir de 7 questões²³. Esta atividade então foi realizada das duas primeiras semanas de agosto de 2014, no retorno do recesso escolar, sendo organizada em 4 horas/aula ao todo (desde o trabalho com o texto de apoio até o diálogo com as fontes).

Consta-se que, ao final, talvez o trabalho fosse mais produtivo se fosse realizado individualmente, visto que se verificou uma tradição entre os alunos de não constituírem uma produção em equipe, mas sim dividindo o trabalho de uma forma matemática. Ou seja, “se eu faço a questão 1, tu fazes a questão 2” e, mesmo havendo a discussão sobre isso em sala de onde, onde foi alertada que essa prática seria prejudicial ao trabalho como um todo e ao processo de ensino-aprendizagem, a mesma seguiu como padrão entre a maioria, com exceções à regra. Outrossim, o frequente ato de “terminar o trabalho rápido para se livrar” foi observado, sendo considerado aqui, como mais um ato de desinteresse geral a sala de aula e aos conteúdos do que, propriamente, uma falta de dedicação a atividade em si. Não obstante, verificou-se, através deste trabalho, um entusiasmo até então não vivenciado com a turma 7-A desde o início da regência de classe. Embora seja prematuro afirmar que se deveu a atividade em sala de aula, de certa forma, demonstra-se positivo frente a construção de outras atividades pedagógicas com conteúdos diversos.

Na ocasião, as perguntas propostas foram:

1. Você já tinha ouvido falar das Frentes Negras? E do jornal *A Alvorada*?
2. Você considera importante haver estes espaços de organização (Frentes Negras) e publicação de ideias (jornal *A Alvorada*)? Por quê?

²³ Na turma 7-B houve o acréscimo de uma pergunta ao final da aula, visto que os mesmos haviam realizado as atividades rapidamente e, principalmente, por haver uma questão ainda não abordada e que se considerou estratégica na construção da reflexão acerca do Movimento Negro e até mesmo da atualidade da educação.

3. O que você acha que mudou no Brasil desde o período em que as Frentes Negras foram criadas até os dias de hoje? Explique.

4. Você acha que ainda existe racismo no Brasil? E em Pelotas? E na Escola? Explique.

5. Sobre o que a fonte que você pegou está falando? O que você achou de diferente, interessante ou engraçado?

6. O que você acha que mudou na nossa sociedade desde que este jornal publicava estas ideias?

7. Você já parou pra pensar da onde vem todas as informações do seu livro de História?

8. Por que você acha que a Frente se importava tanto com a educação?
[Questão aplicada apenas a turma 7-B.]

Na construção destes questionamentos, houve o cuidado em se elaborar indagações simples, que fossem provocativas no sentido de se pensar a realidade atual da população negra, fazendo com que, muito mais do que respostas, educandos e educandas refletissem e discutissem minimamente tais problemáticas. Além disso, também considerou-se o fato de, até então, os mesmos não terem realizado atividades de discussão de fontes e estarem em um processo de exercício de escrita e elaboração de suas próprias opiniões acerca dos processos históricos.

Desse modo, os fragmentos do periódico *A Alvorada* distribuídos entre os alunos para a reflexão, configuravam em 5 artigos diferentes: (1) tratava do anúncio publicado aos 5 dias do mês de novembro de 1933 de Assembleia Geral, convocado pelo Conselho Executivo da Frente Negra Pelotense (ANEXO IV-A); (2) chamada oferecida as mães, no jornal de 06 de agosto de 1933, orientando a estas que insistissem que seus filhos se filiassem a FNP (ANEXO IV-B); (3) anunciava a fundação da FNP, em publicação no dia 21 de maio de 1933, ressaltando o objetivo de união e educação, alertando para aqueles contrários a mesma, que nada fazem para construir um futuro melhor à população negra (ANEXO IV-C); (4) igualmente anuncia a fundação da FNP, aos 27 dias do mês de agosto, trazendo trechos da proclamação de lançamento e, ao final, chama os leitores e leitoras para a filiação a mesma (ANEXO IV-D); (5) fragmento do dia 09 de julho de 1933 que ratifica a ideia de união entre brancos e negros, ressaltando que a FNP não deseja a segregação racial (ANEXO IV-E).

3.4 As interpretações a partir do A Alvorada e da Frente Negra Pelotense

Para analisar as respostas dos educandos e educandas, convencionou-se categorizá-las em 3 “Perfis de Conceituação”, constituídos a partir da análise metodológica que a autora portuguesa Isabel Barca utiliza. A mesma trabalha com os pressupostos da Educação Histórica, analisando a argumentação de alunos do 6º ano do ensino fundamental, na cidade de Braga (Portugal), a respeito da comparação entre fontes históricas (BARCA; GAGO, 2001, p. 239).

Seguindo o padrão utilizado por Barca (2001, p. 247), os 3 perfis de conceituação foram: (1) Menos Elaborado; (2) Compreensão Global e (3) Crítica e Pessoal.

No perfil 1 (Menos Elaborado), foram agrupadas as ideias com menos elaboração argumentativa, algumas vezes não respondendo claramente aos questionamentos e outras, não havendo desenvolvimento de ideias, bem como dificuldades na construção da escrita como forma de expressar as ideias. Já, no perfil 2 (Compreensão Global), foram associadas as argumentações em que há o entendimento da reflexão a que a questão se propõe, bem como dos conceitos a serem discutidos. Enquanto no perfil 3 (Crítica e Pessoal), foram alinhadas as construções em que os próprios educandos problematizam e demonstram reflexões mais complexas, traçando paralelos, críticas, ou se enxergando enquanto sujeitos históricos. É válido ressaltar que esta divisão é subjetiva, no sentido de se fazer entender os níveis de interpretação e argumentação em que educandos e educandas conseguiram chegar a partir dos questionamentos, dos documentos e do texto de apoio.

A questão de número 01, “Você já tinha ouvido falar das Frentes Negras? E do jornal *A Alvorada*?” fora elaborada com o objetivo de ser uma problematizadora acerca do desconhecido e da invisibilidade da história local de negros e negras e, suas respostas, ratificaram esta hipótese, visto que todos os trabalhos²⁴ negaram o

²⁴ Considerando o número de alunos em sala de aula na data em que fora aplicado o questionário, bem como a divisão em grupos, o número de trabalhos entregues e analisados para esta reflexão foram de 6 na turma 7-A e 9 na turma 7-B.

conhecimento acerca do periódico, havendo apenas uma menção à Frente Negra como sendo conhecida, porém, não houve maiores desenvolvimentos nesta resposta.

Para se visualizar as argumentações do educandos e educandas, se irá apresentar em tabelas os três perfis e as respostas e suas respectivas turmas. Porém, as questões 01 e 07 não serão apresentadas em forma de tabela. A primeira, devido ao não desenvolvimento de argumentações que pudessem ser analisadas em conjunto e a segunda, devido a incipiência nas respostas, também não havendo desenvolvimento a ser analisado, embora isto seja sintomático, mas não é objeto neste momento desta reflexão.

Na questão de número 02, foi perguntado: *Você acha importante haver estes espaços de organização (Frentes Negras) e publicação de ideias (jornal A Alvorada)? Por quê?*

Enquanto na turma 7-A apresentou um maior número de considerações mais desenvolvidas, a 7-B demonstrou compreensão do debate, porém, sem entrar em aprofundamentos ou críticas. Desta forma, as ideias agrupadas no perfil “Crítica e pessoal” da turma 7-A foram:

(7-A) *Anastacia, Irene e Camila*: Sim, a Frente Negra foi importante para garantir que os negros tivessem seus direitos básicos.

(7-A) *Nicolas e Norberto*: Sim, acho importante porque desse modo eles podiam defender os direitos das pessoas de baixa renda.

(7-A) *Fernando*: Acho que sim: porque todos tem direito de expressar suas ideias até porque muitos podem gostar destas tais ideias.

As respostas variaram entre a garantia de direitos, mostrando que houve uma interpretação e entendimento do texto disponibilizado (Anastacia, Irene e Camila); a reflexão acerca do binômio raça/classe, não explicitado no texto de apoio (Nicolas e Norberto); e o papel de propagandeação que o periódico *A Alvorada* cumpria no contexto da cidade (Fernando). Nas assertivas acima explicitadas, coloca-se que para alguns educandos, o espaço da Frente Negra fora prioritário como objeto de análise, enquanto na afirmação do aluno Fernando, a publicização das ideias demonstrou-se central. Além disso, a dupla Norberto e compreende que tais organizações não lutavam exclusivamente por direitos da população negra, mas para uma parcela maior da população, a “população de baixa renda”. Estas

informações ficam explicitadas em alguns momentos dos fragmentos disponibilizados: “ascultando as aspirações do Povo Brasileiro e a necessidade de nossa gente” (A ALVORADA, 06/08/1933, p. 1); “-Ampareis a Frente Negra Pelotense que está fadada a destruir o preconceito de raças entre os brasileiros, e tereis dado um passo para a grandesa da cultura brasílica” (A ALVORADA, 09/07/1933, p. 1). Nestes trechos, explicita-se o compromisso não só com a população negra da cidade, como também com o povo em geral.

Enquanto isso, a turma 7-B, em que a maior parte das narrativas expressavam o entendimento geral da discussão; porém, sem tecer problematizações acerca, expressaram:

(7-B) *Braian e Renato*: Sim, por que essa organização ajuda a pessoas a ter informações sobre o que acontece ao seu redor.

(7-B) *Fatima*: Sim, por que as pessoas podem ficar sabendo as notícias a hora que quiser e aprender cada vez mais coisas novas.

(7-B) *Laerte, Leonardo, Luana*: Sim para os negros se expressarem.

(7-B) *Pietro e John*: Sim, por que conscientiza as pessoas racistas que não gostam de negros.

Neste contexto, as argumentações demonstram que houve um esforço de compreensão, inferindo, principalmente, sobre o papel informativo do periódico, oferecido a uma população em que, em suma, não teria acesso à divulgação destas ideias.

A seguir, apresenta-se a Tabela 1, momento em que são explicitadas as narrativas dos educandos e educandas de ambas as turmas e contendo os 3 agrupamentos nos Perfis de conceituação.

Tabela 1 – Perfis de conceituação a partir da questão de número 02, levando-se em consideração ambas as turmas

Perfis de conceituação – questão 02			
Você acha importante haver estes espaços de organização (Frentes Negras) e publicação de ideias (jornal <i>A Alvorada</i>)? Por quê?			
	Menos elaborado	Compreensão global	Crítica e pessoal
7-A	“Eu acho importante por causa do racismo”. (Peter e Italo)	“Sim. Porque todos devem ter direito de se expressar”. (Giane, Andressa e Valeria)	“Sim, a Frente Negra foi importante para garantir que os negros tivessem seus direitos básicos”. (Anastacia, Irene e Camila)
	“Sim. Para a gente conhecer melhor e as pessoas viverem melhor”. (Jorge e Gabriel)		“Sim, acho importante porque desse modo eles podiam defender os direitos das pessoas de baixa renda”. (Nicolas e Norberto)
7-B	“Acho importante, pois dá notícias as pessoas e essas notícias são importantes”. (Gustavo e Maicon)	“Sim, por que essa organização ajuda a pessoas a ter informações sobre o que acontece ao seu redor”. (Braian e Renato)	“Sim. Porque eles tinham direito a escola (educação), eles criaram a cidade”. (Teo)
		“Sim, por que as pessoas podem ficar sabendo as notícias a hora que quiser e aprender cada vez mais coisas novas”. (Fatima)	“Sim, porque nos deixa mais conscientes do futuro de nossos filhos”. (Paulo e Fabiano)
	“Achamos. Porque eles dão mais importância para os negros”. (Jader e Michael)	“Sim, por que conscientiza as pessoas racistas que não gostam de negros”. (Pietro e John)	“Sim, pois os jovens negros raramente eram aceitos nas escolas, já hoje em dia, podem ser aceitos ‘sem’ preconceito”. (Andria e Indiará)
	“Sim para os negros se expressarem”. (Laerte, Leonardo, Luana)		

Ademais, a turma 7-B, ao expressar a conceituação crítica e pessoal, demonstraram a relação com o texto de apoio (Teo); o sentido de processo histórico e perspectivação do futuro, através da História (Paulo e Fabiano) e; a complexidade da realidade atual (Andria e Indiará), sendo estas últimas, através da ironia, através da escrita, ao utilizarem as aspas na expressão “‘sem’ preconceito”, colocando em xeque a ideia de que a sociedade está livre de preconceitos.

Na questão de número 03, *O que você acha que mudou no Brasil desde o período em que as Frentes Negras foram criadas até os dias de hoje? Explique.* O objetivo foi de se refletir acerca do entendimento, ou não, da História enquanto processo, fazendo com que os educandos e educandas refletissem sobre as rupturas a que o mesmos estão imersos. A seguir, na questão de número 06,

novamente estes são indagados a respeito das continuidades e descontinuidades da História. Abaixo, a tabela que expressa estes perfis:

Tabela 2 – Perfis de conceituação a partir da questão de número 03, levando-se em consideração ambas as turmas

Perfis de conceituação – questão 03			
O que você acha que mudou no Brasil desde o período em que as Frentes Negras foram criadas até os dias de hoje? Explique.			
	Menos elaborado	Compreensão global	Crítica e pessoal
7-A		“Muita coisa pois agora os negros tem direitos iguais”. (Jorge e Gabriel)	“Hoje já não é necessário que um jornal defenda os direitos básicos dos negros”. (Anastacia, Irene e Camila)
		“Os negros ganharam os seus direitos”. (Giane, Andressa e Valeria)	“Mudou a educação no Brasil por que agora todo mundo pode entrar numa faculdade, numa escola”. (Nicolase Norberto)
		“Para mim não mudou nada”. (Italo e Peter)	“Muitas coisas; antes nem os negros eles aceitavam nas escolas, como hoje em dia, que era pra ser sempre assim negros e brancos não tem diferenças, embora alguns racistas ainda existam nos dias de hoje”. (Fernando)
7-B	“Diminui o racismo e ajudou na educação”. (Paulo e Fabiano)	“Mudou o pensamento da sociedade em relação aos negros e outras raças”. (Braian e Renato)	“Eles puderam exercer seus direitos. Eles tiveram o direito de estudar, deixaram de ser escravos, etc...” (Andria e Indiara)
		“Naquele tempo jovens negros não podiam ir pro colégio e hoje já podem, hoje eles tem mais valorização” (Teo)	“Mudou muita coisa de lá para cá, a língua portuguesa, as pessoas, a política, muita coisa”. (Gustavo e Maicon)
		“Muitas pessoas deixaram de ser preconceituosas e os negros passaram a ser ouvidos, através de jornais e documentários”. (Pietro e John)	“A escravidão e um pouco de preconceito com os negros, mas não mudou totalmente o racismo”. (Jader e Michael)
		“Os negros ganharam seus direitos e respeito”. (Laerte, Leonardo e Luana)	“Agora as escolas aceitam as crianças e adultos de todas as cores”. (Fatima)

Além disso, tal indagação exigia uma compreensão do texto de apoio e da fonte para que então houvesse um trabalho comparativo entre os períodos históricos e o cotidiano dos sujeitos. Neste questionamento, ambas as turmas demonstraram uma igualdade entre os perfis de Compreensão global e Crítica pessoal, tendo a turma 7-A expresso os seguintes perfis Crítica e pessoal:

(7-A) *Anastacia, Irene e Camila*: Hoje já não é necessário que um

jornal defende os direitos básicos dos negros.

(7-A) *Nicolas e Norberto*: Mudou a educação no Brasil por que agora todo mundo pode entrar numa faculdade, numa escola.

(7-A) *Fernando*: Muitas coisas; antes nem os negros eles aceitavam nas escolas, como hoje em dia, que era pra ser sempre assim negros e brancos não tem diferenças, embora alguns racistas ainda existam nos dias de hoje.

Aqui, os mesmos alunos e alunas que expressaram uma assimilação mais criteriosa, explicitaram que a situação da população negra no Brasil foi modificada, havendo espaço para promoção dos seus direitos, acesso à educação e princípios de igualdade que, embora sejam assegurados, não são plenos, conforme a observação do aluno Fernando. Da mesma forma, esta ressalva fora feita na turma 7-B, conforme sublinhado pelos alunos Jader e Michael:

(7-B) *Jader e Michael*: A escravidão e um pouco de preconceito com os negros, mas não mudou totalmente o racismo.

Estes apontaram para o fim da escravidão como uma mudança, mas, ao mesmo tempo, como não sendo este elemento o abalizador para o fim do racismo. Os demais estudantes atentaram para o direito a educação e a outras mudanças estruturais, conforme se verifica abaixo:

(7-B) *Andria e Indiara*: Eles puderam exercer seus direitos. Eles tiveram o direito de estudar, deixaram de ser escravos, etc...

(7-B) *Gustavo e Maicon*: Mudou muita coisa de lá para cá, a língua portuguesa, as pessoas, a política, muita coisa.

Além destas alusões, a estudante Fatima ressaltou a atual inclusão na Escola, destacando a diversidade e o acesso a toda a população:

(7-B) *Fatima*: Agora as escolas aceitam as crianças e adultos de todas as cores.

É válido acentuar a afirmação desta aluna, em vista da reflexão que a mesma executa dentro de seu próprio meio de convívio, na Escola do presente, em que a mesma faz parte, analisando o retrospecto histórico da educação como sendo um espaço de exclusão no passado e, além disso, apontando para o ensino de adultos também como um avanço nesta área.

Na questão de número 04, se questionou: *Você acha que ainda existe racismo no Brasil? E em Pelotas? E na escola? Explique.* Nesta indagação, o

objetivo fora diagnosticar o olhar dos alunos para a questão do racismo na contemporaneidade, não sendo necessário o uso dos materiais de apoio, mas sim da reflexão e construção argumentativa a respeito da temática, muitas vezes vista como uma discussão restrita, onde há mais proibições do que convites a ponderações a respeito. Devido a estas características da questão, as narrativas construídas pelos educandos e educandas foram, de uma certa forma, surpreendentes no que tange à análise, visto que se esperava que houvesse mais argumentações de perfil Crítico e pessoal, porém, na turma 7-A, grande parte das ideias foram agrupadas no perfil de Compreensão global, enquanto a turma 7-B teve um significativo número de considerações Menos elaboradoras.

Mesmo assim, houve quase unanimidade quanto à afirmação de haver racismo no Brasil e na Escola, enquanto em Pelotas, houve uma negativa, porém, argumentada, estando a mesma classificada no Perfil de conceituação Crítica e pessoal.

A seguir, explicitam-se os dados comentados na tabela de número 3:

Tabela 3 – Perfis de conceituação a partir da questão de número 04, levando-se em consideração ambas as turmas

Perfis de conceituação – questão 04			
Você acha que ainda existe racismo no Brasil? E em Pelotas? E na escola? Explique.			
	Menos elaborado	Compreensão global	Crítica e pessoal
7-A		“Sim até nos dias de hoje, e em todos os lugares ainda tem racismo infelizmente”. (Fernando)	“Sim. Porque existem pessoas que acham que os negros são diferentes dos brancos pela cor eles se acham superiores e as pessoas julgam pela cor e não pelo caráter”. (Giane, Andressa e Valeria)
		“Eu acho que existe muito ainda no Brasil e em Pelotas, na escola porque uns acham que são melhores que os outros”. (Jorge e Gabriel)	
		“Sim. Para mim o racismo existe em tudo que é lugar” (Nicolas e Norberto)	
		“Sim, ha racismo em todos os cantos do mundo”. (Anastacia, Irene e Camila)	
		“Em todo lugar tem racismo”. (Italo e Peter)	
7-B	“Sim nunca deixara de existir a discriminação pela cor sempre terá”. (Laerte, Leonardo e Luana)	“Sim, porque ainda a maioria das pessoas tem muito preconceito”. (Andria e Indiara)	“Sim. Por que há muitas pessoas preconceituosas no Brasil e em Pelotas não era diferente, na escola as pessoas brancas acham que tem prioridade, por serem brancas”. (Pietro e John)
	“Eu acho que sim por causa que tem muitas pessoas que praticam racismo ainda”. (Paulo e Fabiano)	“Sim para todos. Por que existe racismo em qualquer lugar existem pessoas preconceituosas em todo lugar por que o racismo nunca acabou sempre tem pessoas preconceituosas”. (Braian e Renato)	
	“Existe em todos os lugares, porque isso é um preconceito que se criou e vai ser difícil acabar. Mas não são todos”. (Jader e Michael)		
	“Existe sim, muito racismo, em Pelotas tem muito racismo e nas escolas também”. (Gustavo e Maicon)	“Sim. Hoje ainda tem racismo porque as pessoas fazem brincadeiras de mau gosto”. (Teo)	“Sim, as pessoas são racistas o tempo inteiro, eu vejo no jornal, pessoas humilhando os negros e quem não tem boa condição de vida. Não, por que eu não vejo e no colégio sim eu mesmo já sofri racismo quando era menor”. (Fatima)

Algumas hipóteses podem ser traçadas frente a este fenômeno de dificuldade em expressar as ideias por parte destes jovens, que pode ser estendido a outros tantos estudantes brasileiros. Há de se sublinhar as poucas atividades em que os alunos e alunas são desafiados a desenvolverem seu próprio raciocínio acerca dos conteúdos e da sua realidade, fruto da chamada prática de *educação bancária*, sendo esta ideia, expressa por Paulo Freire, a qual o educador “deposita” o conhecimento na aula, narrando o que pretende ser ensinado, à espera da resposta

dada pela avaliação²⁵ (FREIRE, 1997, *passim*). Diante disso, o próprio processo formativo do educando fica prejudicado, visto que suas ideias não costumam ser valorizadas. Assim, a chamada “decoreba” acaba sendo a saída para os estudos dos alunos, sendo uma estratégia usada pelos mesmos a fim de passar de ano. Não obstante, a proposta da questão, de certa forma, se configura em uma denúncia, também pode ter sido tratada de uma forma receosa pelos estudantes, visto que, como já fora mencionado, o assunto do racismo, muitas vezes, é tido como um “tabu” da sociedade, em que, muitas vezes, não se sabe como agir diante das práticas racistas.

Além disso, a própria defasagem na prática da leitura e nos estudos da Língua Portuguesa, igualmente podem ser elementos sintomáticos deste impasse cognitivo e, não obstante, definem como este um problema circular, que pode ser a origem e, ao mesmo tempo, a consequência do mesmo. Ademais, sublinha-se que a leitura tem sido desvalorizada em geral, não só entre a juventude, na Escola, como também entre adultos e até mesmo entre educadores e educadoras.

Neste momento, considera-se útil relatar as descrições por parte dos alunos e alunas das antigas aulas de História com a então educadora. Os mesmos alegam que não desenvolveram o costume de construção de textos a partir do conteúdo de História e suas avaliações eram realizadas baseadas em questionários, onde os mesmos precisariam “decorar” o conteúdo de História para conquistarem boas notas. Sendo assim, é pertinente ressaltar que a construção do conhecimento é um processo de desenvolvimento cognitivo e, por sua vez, as novas abordagens que se pretende realizar ao longo do ano letivo com os estudantes da Escola Luís Carlos, indo além desta apresentada neste trabalho; igualmente, devem ser pensadas de forma sequencial e, os diagnósticos acerca das deficiências são válidos para a construção de abordagens que deem conta das mesmas.

Retornando à análise das narrativas dos educandos e educandas, aquelas agrupadas no perfil Crítico e pessoal destacaram as diferenças raciais e as atitudes de pessoas brancas em relação à discriminação racial, ratificando a reprodução deste em todos os espaços, em nível de país, cidade e Escola. Nisso, a abordagem dos alunos Pietro e John foca na questão da Escola, evidenciado que no cotidiano

²⁵ Destaca-se que a educação *bancária* não é uma prática exclusiva da educação básica, mas também do ensino superior.

dos mesmos, estes verificam a presença de ideias discriminatórias por parte de colegas não negros:

(7-A) *Giane, Andressa e Valeria*: Sim. Porque existem pessoas que acham que os negros são diferentes dos brancos pela cor eles se acham superiores e as pessoas julgam pela cor e não pelo caráter.

(7-B) *Pietro e John*: Sim. Por que há muitas pessoas preconceituosas no Brasil e em Pelotas não era diferente, na escola as pessoas brancas acham que tem prioridade, por serem brancas.

Além destes, chama atenção a colocação da aluna Fatima, que faz parte do conjunto de assertivas de perfil Crítico e pessoal, pois, além de afirmar que as práticas discriminatórias são debatidas pela mídia, a mesma corrobora a colocação, dizendo que assiste humilhações também relacionadas ao binômio raça/classe. A mesma é a autora da resposta que nega o racismo em Pelotas, porém, ela justifica ao dizer que “não vê”. Ao final, ela atesta ter sofrido discriminação na Escola (não esclarecendo se na Escola Luís Carlos ou em outra) quando mais nova:

(7-B) *Fatima*: Sim, as pessoas são racistas o tempo inteiro, eu vejo no jornal, pessoas humilhando os negros e quem não tem boa condição de vida. Não, por que eu não vejo e no colégio sim eu mesmo já sofri racismo quando era menor.

Desse modo, as conclusões de educandos e educandas demonstram, em primeira instância, o desconhecimento acerca da abordagem teórica que distingue as categorias de “preconceito”, “discriminação” e “racismo”, mostrando que esta discussão se insere mais no âmbito acadêmico e científico do que no dia a dia da população que vivencia estas práticas. Não obstante, a afirmação feita pela aluna Fatima demonstra uma dificuldade em relacionar a realidade vivida com o contexto; neste caso, da cidade de Pelotas, mostrando que a abordagem que provoca a reflexão acerca dos sujeitos históricos e da relação das experiências com um cenário mais amplo é uma necessidade, tendo em vista o processo de ensino-aprendizagem para a construção de consciência histórica.

A seguir, se tem o questionamento de número 05, que indaga: *Sobre o que a fonte que você pegou está falando? O que você achou de diferente, interessante ou engraçado?* Neste momento, surge a proposta de que os educandos e educandas relatem mais especificamente o fragmento do jornal *A Alvorada* e coloquem suas impressões gerais sobre o mesmo. Nesta questão, observou-se que não houve

muito desenvolvimento da relação da fonte com o texto de apoio, colocando em xeque até mesmo a certeza de que os mesmos fizeram a leitura completa dos fragmentos. Abaixo, a tabela com as assertivas dos alunos e alunas:

Tabela 4 – Perfis de conceituação a partir da questão de número 05, levando-se em consideração ambas as turmas

Perfis de conceituação – questão 05			
Sobre o que a fonte que você pegou está falando? O que você achou de diferente, interessante ou engraçado?			
	Menos elaborado	Compreensão global	Crítica e pessoal
7-A	“Acho interessante os negros quererem os direitos iguais por todos somos humanos”. (Jorge e Gabriel)		“Fala de um núcleo formado para garantir e proteger os negros, achei interessante saber que mesmo depois de serem escravos, continuam até hoje lutando pelos seus direitos”. (Anastacia, Irene e Camila)
	“O interessante é que eles oferecem atenção e ajuda para os jovens”. (Italo e Peter)		
	“Está falando sobre uma manifestação. É engraçado a maneira que eles falavam”. (Giane, Andressa e Valeria)		“Sobre mãis [mães]. Eu achei interessante porque eles estão falando que se eles não se filiarem a Frente Negra eles iriam viver no lixão”. (Nicolase Norberto)
	“Que eles não queriam dar educação nem ensino ou trabalho para os negros, sendo que eles são todos iguais”. (Fernando)		
7-B	“Sobre a Frente Negra Pelotense. De diferente uma associação criada para aceitar outras raças”. (Braian e Renato)	“Que os negros tinham direito a uma vida melhor. Interessante é porque diz conquistando o pão em troca da tuberculose”. (Teo)	“Eu achei interessante, pois muitas escolas não aceitavam jovens negros e por causa do conhecimento, pois foi eles que criaram nosso patrimônio publico”. (Gustavo e Maicon)
	“Organização da Frente Negra, interessante”. (Andria e Indiará)		
	“Sobre os negros e o jornal Alvorada, eu acho diferente que tem pessoas que se acham melhores do que os outros”. (Fatima)	“Eles estão falando da união de negros e brancos, a sigla F.N.P. quer dizer”. (Jader e Michael)	“Ela esta falando sobre os F.N.P. eu achei interessante que a pessoa que escreveu este jornal era também um negro e na época eles não deixavam negros escrever jornais”. (Pietro e John)
	“Nada”. (Laerte, Leonardo, Luana)		
	“Sobre a educação e o racismo, acho interessante que eles investem mais na educação e no racismo”. (Paulo e Fabiano)		

De acordo com o apresentado acima, as duas turmas apresentaram um maior número de inferências de perfil Menos elaborado, ao passo que, as assertivas de perfil Crítico e pessoal, pouco discutiam a respeito dos fragmentos apresentados, sendo mais focado, pelos educandos e educandas, nas opiniões pessoais que os mesmos teciam. Isto, talvez, tenha ocorrido devido ao caráter da maioria das

questões, que possuíam o cunho da personalidade e do incentivo à construção de suas opiniões, conforme as ideias abaixo:

(7-A) *Anastacia, Irene e Camila*: Fala de um núcleo formado para garantir e proteger os negros, achei interessante saber que mesmo depois de serem escravos, continuam até hoje lutando pelos seus direitos.

(7-B) *Gustavo e Maicon*: Eu achei interessante, pois muitas escolas não aceitavam jovens negros e por causa do conhecimento, pois foram eles que criaram nosso patrimônio público.

(7-B) *Pietro e John*: Ela está falando sobre os F.N.P. eu achei interessante que a pessoa que escreveu este jornal era também um negro e na época eles não deixavam negros escrever jornais.

Nestas considerações, Anastacia, Irene e Camila colocam a questão da continuidade das lutas negras, mesmo diante das adversidades, afirmando que atualmente, elas também seguem. Já, Gustavo e Maicon pontuam, relacionando com o texto de apoio, que o patrimônio fora feito com a mão de obra escravizada e dão a entender que o conhecimento vai além do ensino proposto pelas Escolas; Pietro e John trazem uma afirmação sem fundamentação teórica, mas que possui a lógica do proibicionismo a que a vida da população negra brasileira estava sujeita. Enquanto isso, seus colegas minimamente teceram reflexões relacionadas aos fragmentos:

(7-A) *Nicolas e Norberto*: Sobre mãis [mães]. Eu achei interessante porque eles estão falando que se eles não se filiarem a Frente Negra eles iriam viver no lixão.

A abordagem dos alunos Nicolas e Norberto diz respeito ao fragmento intitulado Mães (ANEXO IV-B), em que é relatada a vida daqueles jovens que, sem estudo, ficam à mercê do mercado de trabalho insalubre: “Porque teus filhos, ao completarem vinte anos, devem somente estar nas insalubres oficinas, conquistando o pão em troca da tuberculose?” (A ALVORADA, 1933, p. 1). Desta forma, embora não tenham construído uma reflexão muito complexa, conseguiram apreender que a abordagem da FNP relacionava-se com a proposta de um futuro melhor para a população negra, de forma um tanto dramática, mas compreendendo a relação causa-consequência em que é colocada na chamada as mães pelo periódico.

A questão de número 06, novamente aborda a relação do passado-presente, perguntando: *O que você acha que mudou na nossa sociedade desde que este*

jornal publicava estas ideias? Nesta, a turma 7-A construiu mais narrativas de perfil Crítica e pessoal, enquanto a turma 7-B, de perfil Menos elaborado, conforme indica a tabela abaixo:

Tabela 5 – Perfis de conceituação a partir da questão de número 06, levando-se em consideração ambas as turmas

Perfis de conceituação – questão 06			
O que você acha que mudou na nossa sociedade desde que este jornal publicava estas ideias?			
	Menos elaborado	Compreensão global	Crítica e pessoal
7-A	“Mudou que diminui um pouco o racimo, as pessoas começaram a ter direitos iguais melhorou bastante”. (Jorge e Gabriel)	“Não mudou nada por que o racismo continua e só piora”. (Italo e Peter)	“Acho que muito porque eles tinham direitos de se expressarem, e também ajudou a quebrar um pouco o gelo entre os brancos e os negros ate hoje”. (Fernando)
		“Mudou a maneira de pensar de muitas pessoas”. (Giane, Andressa e Valeria)	“Acho que mudou a educação o entendimento das pessoas um pouco sobre o racismo”. (Nicolas e Norberto) “Acredito que dia-a-dia os negros passaram de escravos para pessoas com todos os direitos de um branco”. (Anastacia, Irene e Camila)
7-B	“Que pessoas negras começaram a se desenvolver em novos empregos e sofrem menos <i>bullying</i> ”. (Paulo e Fabiano)	“O preconceito diminuiu e o negro passou a ser ouvido”. (Pietro e John)	“Mudou o nosso preconceito de raças religiões sexos posições sociais ou idades”. (Braian e Renato)
	“Não tem mais aquelas ditaduras loucas como antigamente”. (Fatima)		“Teve mais igualdade e reconhecimento do negro”. (Gustavo e Maicon)
	“Porque as outras pessoas começaram a entender os negros”. (Teo) “Acho que mudou o jeito de pensar sobre os negros”. (Laerte, Leonardo, Luana)	“O preconceito diminuiu bastante”. (Andria e Indiará)	“Eles começaram a conhecer mais as historias dos negros, alguns a respeitar os negros e os negros os brancos, mas não esta totalmente mudado o racismo”. (Jader e Michael)

Com base nestas considerações, a turma 7-A novamente construiu mais narrativas de perfil Crítico e pessoal, em comparação com a turma 7-B, em se tratando de traçar paralelos entre o passado e o presente; inclusive, compondo reflexões que apontam para o entendimento do processo histórico, conforme os fragmentos, a seguir:

(7-A) *Fernando*: Acho que muito porque eles tinham direitos de se expressarem, e também ajudou a quebrar um pouco o gelo entre os

brancos e os negros até hoje.

(7-A) *Anastacia, Irene e Camila*: Acredito que dia-a-dia os negros passaram de escravos para pessoas com todos os direitos de um branco.

(7-B) *Jader e Michael*: Eles começaram a conhecer mais as histórias dos negros, alguns a respeitar os negros e os negros os brancos, mas não está totalmente mudado o racismo.

Diante das assertivas explicitadas acima, os educandos e educandas demonstram, minimamente, a ideia de processo e também dando a entender que estes interpretaram o andamento da inserção da população negra como sendo conquistas que o próprio periódico pode possibilitar, assim como outros espaços. Não obstante, há mais uma ressalva por parte dos alunos Jader e Michael, ratificando o que os mesmos haviam afirmado na questão 03, quando pontuam que, embora haja conquistas e avanços, o racismo ainda persiste. Além disso, os outros colegas desenvolveram seus raciocínios, tendo como eixo a questão racial, conforme indicam as citações, abaixo:

(7-A) *Nicolas e Norberto*: Acho que mudou a educação o entendimento das pessoas um pouco sobre o racismo.

(7-B) *Braian e Renato*: Mudou o nosso preconceito de raças religiões sexos posições sociais ou idades.

(7-B) *Gustavo e Maicon*: Teve mais igualdade e reconhecimento do negro.

Os alunos Nicolas e Norberto apresentam a educação como um elemento para a modificação da situação da população negra no Brasil. Já, Braian e Renato, apontam para outros “preconceitos” que foram sendo transformados ao longo do processo histórico e os educandos Gustavo e Maicon, visualizam o reconhecimento do negro na atual conjuntura.

Ademais, mais um questionamento, a pergunta de número 08 foi acrescentado à atividade dos educandos e educandas da turma 7-B, sendo que esta consistia em relacionar a educação com a pauta da Frente Negra Pelotense: *Por que você acha que a Frente se importava tanto com a educação?* O objetivo desta indagação consistia em provocar a reflexão nos estudantes da valorização da educação, para que os mesmos enxerguem, através da História, o papel em que a escolarização cumpre na nossa sociedade, fazendo com que os mesmos possam reconhecer, pensando nas suas realidades. Adiante, a análise dos Perfis de conceituação desta questão:

Tabela 6 – Perfis de conceituação a partir da questão de número 06, levando-se em consideração apenas a turma 7-B:

Perfis de conceituação – questão 08

Por que você acha que a Frente se importava tanto com a educação?			
	Menos elaborado	Compreensão global	Crítica e pessoal
7-B	“Porque os negros sabem ler e escrever como os brancos por dentro somos do mesmo jeito”. (Laerte, Leonardo e Luana)	“Para que jovens negros estudassem para saber um pouco mais para ter educação”. (Teo)	“Eu acho que eles queriam conscientizar as pessoas para não haver preconceito nos dias de hoje”. (Pietro e John)
	“Para que no futuro as pessoas tenham um futuro melhor”. (Paulo e Fabiano)	“Por que a Frente Negra achava injusto os colégios não aceitarem os negros nas escolas”. (Fatima)	“Porque sem a educação vai ter o preconceito, as pessoas não vão se respeitar e nós não vamos ser nada”. (Jader e Michael)
	“Porque ela dava oportunidade, a educação é muito importante”. (Gustavo e Maicon)	“Eles se importavam com o futuro dos jovens negros”. (Braian e Renato)	“Porque os jovens negros eram bastante discriminados, não tinham educação para um futuro melhor”. (Andria e Indiara)

Com este questionamento, embora haja narrativas de mesmo número em todos os três Perfis de conceituação, os educandos e educandas demonstraram um reconhecimento geral acerca da função da educação e se pretende, a partir disso, traçar outras discussões a respeito da educação brasileira, afim de que os mesmos avaliem o quão deve ser valorizada a Escola, dependendo do que os mesmo perspectivam para o seu futuro.

Este questionamento também serve para a avaliação das aulas em que, ao longo do ano letivo, foram verificados diversos momentos de desinteresse e depreciação do processo de ensino-aprendizagem, desafio este, ainda a ser superado por educadores e educadoras.

Para fins de análise das particularidades de educandos e educandas, tendo como objetivo perceber como se deu o andamento das turmas e dos estudantes no geral e em específico, quantificou-se os Perfis de conceituação desenvolvidos pelos estudantes. Vale sublinhar que não se pretende quantificar a avaliação, tampouco estigmatizar educandos e educandas por seus desempenhos, mas sim analisar e apontar as possíveis causas da constituição de determinados padrões que possam ser observados. Segue, a seguir, a tabela relativa à turma 7-A:

Tabela 7 – Análise quantitativa dos perfis da turma 7-A relativo ao desempenho dos grupos às questões (Q):

Turma	Alunos	Perfis conceituais	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6
7-A	Jorge e Gabriel	Menos elaborado	X			X	X
		Compreensão global		X	X		
		Crítico e pessoal					
	Italo e Peter	Menos elaborado	X			X	
		Compreensão global		X	X		X
		Crítico e pessoal					
	Giane, Andressa e Valeria	Menos elaborado				X	
		Compreensão global	X	X			X
		Crítico e pessoal			X		
	Fernando	Menos elaborado				X	
		Compreensão global			X		
		Crítico e pessoal	X	X			X
	Nicolas e Norberto	Menos elaborado					
		Compreensão global			X		
		Crítico e pessoal	X	X		X	X
	Anastacia, Irene e Camila	Menos elaborado					
		Compreensão global			X		
		Crítico e pessoal	X	X		X	X

Perante a análise dos dados desta tabela, observou-se, na turma 7-A, que duas duplas não construíram nenhuma abordagem de perfil Crítico e pessoal. Os colegas Jorge e Gabriel, produziram 3 argumentações de perfil “Menos elaborado” e 2 de perfil “Compreensão global”. Estes, por sua vez, são considerados pelo corpo docente como sendo desinteressados e, na disciplina de História, ambos possuem um significativo número de ausências. Além disso, são estudantes que vêm em um processo de futura evasão, caso não haja uma intervenção familiar, pois estão repetindo o ano e, ao que tudo indica, irão novamente cursar o 7º ano devido ao quadro de descaso apresentado em relação às disciplinas. Os alunos Italo e Peter atingiram 3 perfis de “Compreensão global” e 2 “Menos elaborado” e os eles também apresentam as mesmas características de desmotivação frente às atividades escolares; contudo, o estudante Italo demonstra alguns momentos de maior interesse e esforço e costuma desenvolver raciocínios que poderiam encaixar-se no perfil “Crítico e pessoal”. Porém, nesta atividade, embora os mesmos a tenham completado (algo que, por vezes, é raro), não se empenharam em construir suas assertivas.

Estes números refutam a ideia de que jovens na idade do primeiro ciclo do ensino fundamental (6º e 7º anos) não teriam desenvolvimento cognitivo para

construir a abstração que o ensino de História exige, pois o grupo dos 4 alunos acima referidos, possuem entre 14 e 16 anos, idade acima da média da turma – 13 anos. Diante disso, pode-se concluir que a cognição histórica está mais relacionada com os estímulos, do que propriamente, com a idade. Sendo assim, torna-se válido apontar que o desafio de reintegrar estes educandos ao estudo da História é um desafio pedagógico.

A dupla Nicolas e Norberto (ambos de 15 anos) e o trio Anastacia, Irene e Camila (respectivamente, 14, 12 e 14 anos de idade), desenvolveram o mesmo padrão nos perfis de suas assertivas: ambos construíram 4 abordagens de perfil “Crítico e pessoal” e a questão de número 4 de perfil “Compreensão global”. Ressalta-se que a questão 4, era relativa à realidade do racismo em nível de país, cidade e Escola, demonstrando que houve uma dificuldade no que se refere ao desenvolvimento da argumentação relativa à própria realidade cotidiana a que eles (discentes) estão inseridos. Em compensação, destaca-se que a questão 4 só fora classificada como perfil “Crítico e pessoal” pelo trio Giane, Andressa e Valeria (13 anos cada), sendo esta a única questão em que a arguição das mesmas fora classificado neste perfil.

Com base nestas análises, pode-se inferir que esta turma apresenta alguns padrões quanto ao agrupamento nos Perfis de conceituação: aqueles que desenvolveram um maior número de argumentos de perfil “Menos elaborado”, não desenvolveram “Crítico e pessoal”, ao passo que, aqueles que desenvolveram um maior número de considerações classificadas no perfil “Crítico e pessoal”, não constituíram reflexões de perfil “Menos elaborado”. O aluno Fernando (13 anos), que optou por realizar o trabalho individualmente, apresentou 3 considerações de perfil “Crítico e pessoal” e apenas a questão que exigia olhares mais específicos à fonte (Q5) fora classificada enquanto “Menos elaborada”.

No entanto, a turma 7-B apresentou menos padrões em comparação à turma 7-A, mesmo que se desconsidere a questão de número 8, direcionada apenas a esta turma. A seguir, segue a tabela da análise quantitativa das arguições da turma 7-B:

Tabela 8 – Análise quantitativa dos perfis da turma 7-B relativo ao desempenho dos grupos às questões (Q)

Turma	Alunos	Perfis conceituais	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q8
7-B	Gustavo e Maicon	Menos elaborado	X		X			X
		Compreensão global						
		Crítico e pessoal		X		X	X	
	Jader e Michael	Menos elaborado	X		X			
		Compreensão global				X		
		Crítico e pessoal		X			X	X
	Braian e Renato	Menos elaborado				X		
		Compreensão global	X	X	X			X
		Crítico e pessoal					X	
	Fatima	Menos elaborado				X	X	
		Compreensão global	X					X
		Crítico e pessoal		X	X			
	Pietro e John	Menos elaborado						
		Compreensão global	X	X			X	
		Crítico e pessoal			X	X		X
	Laerte, Leonardo, Luana	Menos elaborado			X	X	X	X
		Compreensão global	X	X				
		Crítico e pessoal						
	Teo	Menos elaborado					X	
		Compreensão global		X	X	X		X
		Crítico e pessoal	X					
	Paulo e Fabiano	Menos elaborado		X	X	X	X	X
		Compreensão global						
		Crítico e pessoal	X					
Andria e Indira	Menos elaborado				X			
	Compreensão global			X		X		
	Crítico e pessoal	X	X				X	

Nesta turma, houve 4, dos 9 trabalhos entregues, que apresentaram 3 assertivas de perfil “Crítico e pessoal”, sendo este o valor mais alto do somatório de respostas classificadas neste perfil. Neste contexto, apenas uma destas duplas não desenvolveu argumentações de perfil “Menos elaborado”, a dupla Pietro e John, ambos com 12 anos de idade. Ao passo que, o único grupo formado por 3 alunos, Laerte (15 anos), Leonardo (15 anos) e Luana (13 anos), não desenvolveu raciocínios classificados no perfil “Crítico e pessoal”.

Alguns grupos apresentaram outras combinações menos padrão na constituição de suas elaborações. Entre eles, insere-se o trabalho dos alunos Gustavo e Maicon (12 anos), em que suas assertivas não foram classificadas no perfil “Compreensão global”, mas sim 3, no perfil “Menos elaborado” e 3 “Crítico pessoal”. Além destes, a dupla Paulo e Fabiano (também de 12 anos), porém, estes

desenvolveram 5 interpretações de perfil “Menos elaborado” e uma de perfil “Crítico pessoal”. Estes dados mostraram que, embora se buscasse um padrão, há uma dificuldade natural de analisar todos os processos de aprendizagem histórica de forma unitária.

Além disso, observou-se, através da análise quantitativa, que a turma considerada mais “apática e desmotivada” (7-A), construiu um maior número de reflexões em comparação à turma vista como “mais compromissada” (7-B). A seguir, apresenta-se a tabela 9, contendo o percentual em que cada perfil foi desenvolvido pelas referidas turmas:

Tabela 9 – Análise quantitativa dos perfis das turmas 7-A e 7-B sobre o total de assertivas e Perfis de conceituação

Turma	Menos elaborado	Compreensão global	Crítico e pessoal
7-A	23,4%	36,6%	40%
7-B	35,7%	33,3%	31%

Na tabela acima explicitada, fica evidenciado que a turma 7-A constrói uma maioria de interpretações tidas como de perfil “Crítico e pessoal”, enquanto a de perfil “Menos elaborado” configura-se como a minoria das inferências. Entretanto, a turma 7-B apresenta o resultado contrário, de um maior número de perfis “Menos elaborados” e menor número de “Crítico e pessoal”. Vale ressaltar que as diferenças entre os três perfis, na turma 7-B, é um tanto menor quanto na turma 7-A.

Com relação a estes dados, uma hipótese que se pode desenhar é do trabalho mais intensivo com a turma 7-A, visto que a mesma tem um número menor de educandos e educandas, podendo haver uma interação maior entre todos os colegas e a educadora. Ao mesmo tempo, a turma 7-A configura-se em uma turma mais velha, o que pode acarretar em uma maturidade de análise mais desenvolvida, embora, destaque-se que isso não implique em dizer que a turma 7-B não tenha idade para a construção de cognição histórica, pois a amostragem em que se trabalha, não permite que se afirmem tais generalizações. Afinal, mesmo que haja o processo evolutivo da cognição ao longo dos anos de crescimento de crianças e

jovens, não significa que isso exima determinadas faixas etárias de desenvolverem uma abstração que permita refletir acerca dos processos históricos.

Diante do que fora abordado até então, neste capítulo, pode-se inferir que as interpretações que os estudantes de 7º ano da Escola Luís Carlos Corrêa da Silva possuem certa dificuldade em desenvolverem seu pensamento crítico a respeito dos processos históricos e de sua realidade. Porém, ressalta-se que isto pode vir a ser provocado pelo educador e educadora, que pretende realizar um trabalho de construção de consciência histórica, para que os mesmos possam se colocar enquanto sujeitos históricos, agentes de modificação da conjuntura atual.

Assim, a análise destas interpretações reforça as afirmativas anteriores, de que a formação inicial e continuada de professores, deve – e muito – ainda ser otimizada, para que haja clareza de todos os profissionais da educação e, neste caso, dos educadores históricos, dos objetivos do seu ensino, da finalidade das avaliações, das atividades e dos conteúdos trabalhados. Além disso, partindo-se de uma formação mais qualificada, educadores e educadoras terão mais subsídios para apontarem à construção de um currículo de História com mais intencionalidade, com forte foco na formação crítica e reflexiva a que se espera.

Não obstante, a própria construção da noção de professor-pesquisador – em que o mesmo coloca-se como protagonista do processo de ensino-aprendizagem onde está inserido e produtor de conhecimento e de reflexões acerca da prática docente – tem em si uma proposta de formação continuada que vislumbra significativos avanços na educação, tendo em vista que o professor e professora que aceita a condição de mero transmissor de conhecimento, narrador da História do mundo, tem pela frente o desafio de trabalhar em turmas desmotivadas, que não compreendem o sentido do estudo da História e não se enxergam enquanto agentes de mudança. Porém, ao se colocar como um autoavaliador de sua prática, entendendo que o processo cognitivo a que seus jovens alunos estão constituindo, é um reflexo das provocações que o educador e educadora geram. Sendo assim, entende-se, neste contexto, que a avaliação dos alunos deva ser um processo que não só se avalia o estudante, como também a própria didática do professor.

Ademais, observa-se que partindo-se da compreensão de que o racismo presente hoje, assim como a discriminação racial, são frutos de uma construção

histórica empreendida por um projeto de país de uma elite branca e que, ao longo dos anos, perpetua-se nos espaços de poder, assim como o mesmo foi construído, pode ser desconstruído mediante a inserção de um novo olhar histórico.

Não obstante, o papel da Escola insere-se de modo fundamental neste contexto, pois, segundo a pesquisa da educadora Cátia (BARCELLOS, 2006, p. 58), a Escola tem sido, ao longo dos anos, um espaço de construção da identidade negra de crianças e jovens negros e negras, porém, forjada na discriminação e na exaltação das diferenças. Diante da análise que a mesma tece acerca da trajetória de oito estudantes negros concluintes de cursos de Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Nisso, a mesma sugere que a universidade, mesmo sendo um espaço de discriminação invisível ou amenizada – se comparada a outras esferas sociais, tais como a própria Escola de Ensino Fundamental e Médio, mercado de trabalho, entre outros – acaba configurando-se como um espaço de autoafirmação da identidade negra. Isto ocorreria à medida que se tem o acesso à informação e ao conhecimento geral de um entendimento do processo desencadeado que faz com a população negra seja inferiorizada diante da não negra. Não só isso, como também a autora assinala que a Escola, ao também ser responsável pela construção da identidade negra, a forja de maneira negativa, pelo comportamento de colegas, pelo já mencionado silêncio dos educadores e educadoras. Adiciona-se aqui, também, pela invisibilidade nas temáticas de estudo e nos modelos de comportamento e beleza a serem seguidos.

Frente a esta constatação, a necessidade de se constituir a esfera escolar como também um espaço de construção da autoafirmação e de uma positivação da identidade negra percebe-se como algo emergencial, visto que não é a totalidade da população que atinge o ensino superior. Assim sendo, conhecer a trajetória da construção do racismo e, principalmente, da desconstrução deste através da organização do Movimento Negro, são elementos que, neste trabalho, são defendidos como estratégias de constituição de uma educação que tenha como centro as relações étnico-raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Dissertação analisou o processo histórico da constituição das ideias racistas no Brasil, destacando a resistência negra, que perpassou toda a História do país, chegando até mesmo nas localidades mais remotas, tais como Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul, local onde foi empreendido o periódico *A Alvorada*. Neste jornal, percebeu-se a construção de um núcleo da Frente Negra, propondo, acima de tudo, a valorização da educação por parte da população negra local como via de acesso aos direitos a que a população branca já alcançava. Além disso, ao longo da História do Movimento Negro, sublinhou-se a educação como o espaço mais estratégico para a solidificação de uma sociedade antirracista, chegando até a Lei n.º 10.639/03.

Aliado a isso, aponta-se em destaque o papel do ensino de História, como um espaço curricular fundamental para se compreender o processo histórico de exclusão. A partir disso, vislumbrar-se a positivação da ancestralidade negra, por meio do conhecimento e da problematização dos empreendimentos da cidade de Pelotas, protagonizados pela população negra organizada; tais como, os já mencionados, periódico *A Alvorada* e a Frente Negra Pelotense, como temáticas da História local a serem inseridos no currículo de História. Ao final, ao se trazer a construção da experiência com o jornal *A Alvorada* em sala de aula, bem como a análise das interpretações dos educandos e educandas de 7º ano, percebeu-se como essa lacuna teórica é sentida na formação dos mesmos.

Estes apontamentos podem ser constatados através dos Perfis de conceituação, que muitas vezes, a construção da cognição histórica está mais ligada às experiências e capacidades individuais, do que a interferência pedagógica do ensino. Tais constatações podem ser consideradas preocupantes, pois, aparentam que o papel da aprendizagem histórica tem pouca significância na constituição dos indivíduos e da coletividade. Não obstante, vale ressaltar que, com isso, não se quer suplantar a individualidade dos estudantes, bem como desconsiderar seus meios de socialização e composição de suas personalidades, tais como suas famílias, seus espaços de lazer, religiosidade, situações econômicas, entre outros fatores, mas se

torna necessário apontar que o ensino, tal como está estruturado, prevê uma certa massificação e padronização dos conhecimentos e das construções dos saberes. Estes elementos não foram postos aqui como positivos, mas sim como parte da realidade, a qual está inserido o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, deve ser considerado e tratado de forma delicada, visto que se busca que a totalidade de educandos e educandas atinjam a compreensão objetivada pela construção da consciência histórica.

Neste ínterim, uma série de obstáculos foram visualizados no desenvolvimento deste trabalho. Um destes contratempos diz respeito à apatia da juventude frente à Escola. Estes são obstáculos que devem ser observados para que sejam objetos de análise e de transformação, pois, à medida que se evidencia o desinteresse dos estudantes, o papel do educador-histórico consistem em refletir e tentar construir propostas que avancem sobre estes problemas. Ademais, a questão da dificuldade em se trabalhar em equipe, igualmente observada, deve ser tratada por todo o corpo docente da Escola como forma de perspectivar abordagens, dinâmicas, atividades e diálogos que visualizem uma modificação destas práticas quase tradicionais de “sabotagem” de trabalho em grupo, mas que vão ao encontro dos objetivos pedagógicos do ensino fundamental.

Assim sendo, sobre as interpretações dos educandos e educandas, algumas perguntas se fazem necessárias a título de reflexão: Até que ponto as fontes provocaram as reflexões? Os fragmentos foram lidos na íntegra? O quão coletivo foi o trabalho (pensando nas duplas e trios) se os mesmos pouco se utilizaram da 1ª pessoa do plural?

Estas reflexões que colocam a mediação do educador e educadora como centro do processo, não podem se ausentar ou distrair o trabalho docente. Embora houvesse uma preocupação em que o trabalho fosse legitimamente desenvolvido pelas próprias considerações dos estudantes, avalia-se que, no final, uma lacuna desta mediação vem à tona. Neste sentido, considera-se acertado ressaltar que o trabalho fora desenvolvido em poucas aulas e com uma série de dificuldades metodológicas e cronológicas, o que traz a reflexão de que o processo da aprendizagem história e da formação de uma consciência histórica antirracista deve ser um programa transversal e permanente durante a construção do ensino-

aprendizagem. Além do mais, o diálogo entre outras disciplinas também é considerado como um elemento impulsionador da constituição de um programa efetivo de combate à discriminação racial na Escola.

Ademais, também considera-se neste trabalho como atribuição do professor-pesquisador, a reflexão de sua prática, vislumbrando-se a otimização do seu trabalho, entendendo-se aqui, que o processo de ensino-aprendizagem é, como fica evidenciado, um “processo” e, por conseguinte, não admite imediatismos. Assim como a própria ação em se forjar enquanto educador e educadora, compreendendo que a própria formação continuada e a prática docente são partes de um desenvolvimento que não encontra fim em uma aula ou em muitas aulas, muito pelo contrário, o ensinar também é se educar. No entanto, as assertivas de educandos e educandas aqui analisadas, explicitam que o racismo é percebido pelos mesmos em todos os espaços, incluindo-se ali a própria Escola e evidenciando-se o quanto este tema deve ser objeto de análise e de estudos no espaço escolar.

Ao final, vale salientar que este trabalho foi, em si, um processo de autodescobrimento e autoavaliação da prática na pesquisa e na docência. De início, as reflexões foram propostas a partir de um espaço de memória – a Bibliotheca Pública Pelotense – vislumbrando-se o trabalho em sala de aula, mesmo que não houvesse uma vivência significativa neste espaço. E, para tanto, ocorreram leituras relacionadas às construções teóricas e bibliográficas acerca do racismo no Brasil, do papel do Movimento Negro na educação, da trajetória do periódico *A Alvorada*, do histórico da Frente Negra Brasileira e, por conseguinte, da Pelotense. Neste momento, teve-se acesso aos estudos da temática da Educação Histórica e diversas críticas à aprendizagem histórica posta em prática por educadores e educadoras da educação básica e do ensino superior. Após, teve-se o contato direto com a fonte – o periódico *A Alvorada* – e com a análise de conteúdo, o trabalho foi executado.

Após todo este processo, é que teve início o contato direto com a sala de aula e com a realidade de uma Escola pública de periferia que, por sua vez, apresenta uma série de transtornos de cunho material, pedagógico, de recursos humanos, econômicos, elementos externos e que, neste trabalho, se considera como estes sendo vicissitudes que, provavelmente, sejam constatadas em um número considerável de espaços educacionais brasileiros. Aliado a estas questões,

está o próprio desafio de se colocar enquanto educadora nesta realidade, descobrindo-se enquanto profissional, refletindo-se sobre as ações, surpreendendo-se, cotidianamente, positivamente e negativamente.

Toda esta construção pode ter ficado clara no andamento desta Dissertação através da escrita, onde, em um primeiro momento, há certa priorização do debate teórico para que, a partir do empírico, algumas questões sejam desconstruídas – muitas vezes, formadas também por estereótipos que são elaborados à respeito da Escola e dos profissionais da educação. Nesse sentido, sente-se que houve pouco tempo para desenvolver um trabalho efetivo de construção da consciência histórica, visto que, na prática, isso possui mais dificuldades do que a teoria aparenta ter. Ao mesmo tempo, a reflexão e conclusão disto é, em si, apresenta um ponto positivo no que diz respeito à continuidade de desenvolvimento de um trabalho mais cuidadoso e planejado, que siga pretendendo transformar a educação e o ensino Escolar em algo que não seja considerado um “fardo” para a juventude brasileira.

A partir de então, desta Dissertação, em parte concluída, reflete-se o quão inconclusiva a mesma é, pois, o processo de aprendizagem histórica ainda tem muito o que percorrer para que a totalidade de educadores e educadoras o façam com intencionalidade e compromisso com a construção de sujeitos críticos e reflexivos. Não obstante, é também inconclusiva, pois se tem a ideia de que ao longo dos anos letivos que virão, este projeto seja posto em prática de outras formas, com outros elementos e outras abordagens, fazendo com que outras considerações ainda não tiradas sejam desenvolvidas. Então, em vez de um “Fim”, delinea-se um “Até breve”.

FONTES

Hemeroteca Bibliotheca Pública Pelotense:
Jornal *A Alvorada*. 1931 a 1935.

FONTES AUXILIARES

BRASIL. **Lei n. ° 9.394, de 20.12.1996**: estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em maio de 2013.

_____. **Lei n. ° 11.645, de 10.03.2008**: altera a Lei 10.639/03 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira e indígena. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em outubro de 2012.

_____. **Lei n.º 12.288, de 20.07.2010**: Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em agosto de 2014.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental – História. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília- MEC / SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf>. Acesso em janeiro de 2014.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 18 ed. rev. ampl. São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em julho de 2014.

_____. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Subsecretaria de Políticas de Ações Afirmativas. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=10098&Itemid=>>. Acesso em janeiro de 2014.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana**. Conselho Nacional de Educação, 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>> Acesso em: janeiro de 2014.

DIÁRIO POPULAR. Pelotas, julho de 2014. Disponível em: http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=ODU3Mjc=&id_area=Nw==. Acesso em: agosto de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades – Rio**

Grande do Sul – Pelotas. Disponível em:
<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=431440&idtema=117&search=rio-grande-do-sul|pelotas|ensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>>.
Acesso em: agosto de 2014.

PAIXÃO, Marcelo; ROSSETO, Irene; MONTOVANELE, Fabiana; CARVANO, Luiz M. **Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil; 2009-2010.** Constituição Cidadã, seguridade social e seus efeitos sobre as assimetrias de cor ou raça. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-ALAM, Caiuá. A Negra Força da Princesa: Polícia, Pena de morte e Correção em Pelotas (1830-1857). 2007. 249 p. **Dissertação** (Mestrado em História). Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar. Qual África? Significados da África para o movimento negro no Brasil? **Revista Estudos Históricos**, n. 39, jan/jun, pp. 25-56, 2007. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1401/753>. Acesso em junho de 2013.

ALVES, Lúcio Xavier. Rodolpho Xavier: Uma intelectualidade na organização sindical e na luta dos negros em Pelotas. 38 p. 2005. **Monografia** (Graduação em Licenciatura em História) – Universidade Federal de Pelotas.

BARCA, Isabel; GAGO, Marília. Aprender a pensar em História: um estudo com alunos do 6º ano de escolaridade. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho, Portugal, 14(1), pp. 239-261, 2001. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/563/1/14IsabelBarca.pdf>. Acesso em: julho de 2014.

BARCELLOS, Cátia Simone Ribeiro. A construção da identidade de estudantes afro-brasileiros/as e suas experiências acadêmico-universitárias em cursos de Licenciatura da UFPel. 107 p. 2006. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, José Costa D'Assunção. A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. **Revista História em Reflexão**, UFGD, v. 4, n. 8, p. 1-29, jul/dez 2010.

BURKE, Peter. Além da virada cultural? IN: _____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. P. 131-163.

CAMINI, Isabela. Concepções e práticas da escola capitalista. In: CAMINI, Isabela. **Escola itinerante: na fronteira de uma nova escola**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. pp. 47-99.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**. São Paulo: Difusão, 1977.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHAVES, Antônio José Gonçalves. **Memórias Econômico-Políticas sobre a Administração Pública do Brasil**. Porto Alegre: Companhia União de Estudos Gerais, 1978.

DOMNGUES, Petrônio. A Insurgência de Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937). 2005. **Tese** (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, v. 12, n. 23, p. 113-136, 2007.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. IN: PATTO, Maria Helena de S. (Org.). **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 34ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-512, maio-agosto, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. IN: HENRIQUES, Ricardo. (Org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03**. Brasília: SECAD/MEC, 2005. P. 39-62.

GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**. São Paulo: Ática, 1978.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: Visita à História Contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

LONER, Beatriz Ana. Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937. 2v. 1999. **Tese** (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MAESTRI, Mario. História e historiografia do trabalhador escravizado no RS: 1819-2006. IN: LECHINI, G. (Org.). **Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina: herencia, presencia y visiones del otro / compilado por Gladys Lechini**. Buenos Aires: Clacso Coediciones, 2008.

_____. **O escravo no Rio Grande do Sul: A charqueada e a gênese do escravismo gaúcho**. Porto Alegre: EST, 1984.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **Opulência e cultura na Província de São Pedro: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPel/Livraria Mundial, 1993.

MATTOSO, Káta. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer; BERTONI, Eduardo de Quadros. Avaliação pós-ocupação de redes de esgoto domiciliar em conjuntos habitacionais populares. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente – Qualidade e Tecnologia na Habitação – ANTAC. 6. 1995. Rio de Janeiro. **Anais...** Disponível em: <http://faurb.ufpel.edu.br/naurb/wp-content/uploads/2013/09/AVALIA%C3%87%C3%83O-P%C3%93S-OCUPA%C3%87%C3%83O-DE-REDES-DE-ESGOTO-DOMICILIAR-EM-CONJUNTOS-HABITACIONAIS-POPULARES.pdf>. Acesso em: agosto de 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida na 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB, Rio de Janeiro, 05 nov. 2003. Disponível em: <http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/abordagem_conceitual_nocoos_rac_a_racismo_etnia.pdf> Acesso em setembro de 2013.

OLIVEIRA, André Cortes de. Quem é a “Gente Negra Nacional”? Frente Negra Brasileira e A Voz da Raça (1933-1937). 129 p. 2006. **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

OLIVEIRA, Thiago Augusto Divardim de. A relação ensino e aprendizagem como práxis: a Educação Histórica e a formação de professores. 214 p. 2012. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

PEREIRA, Amílcar. A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.12, n. 17, p 25-45, 2º sem, 2011.

RÉMOND, René. Uma História Presente. IN: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996. p. 13-36.

RUBERT, Rosane Aparecida. Comunidades negras no RS: o redesenho do mapa estadual. IN: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos Cunha. (Orgs.) **RS Negro**: cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 165-182.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. No caminho para uma pragmática da cultura histórica. In: **Aprendizagem histórica**: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W. A. Editores, 2012, pp. 129-140.

SANTOS, José Antônio dos. **Raiou A Alvorada**: intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957). Pelotas: Ed. Universitária, 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Literacia histórica: um desafio para a Educação Histórica no século XXI. **História & Ensino**, Londrina, v. 15, p. 09-22, agosto 2009.

_____. História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação – RHE**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p. 73-91, maio/agosto 2012.

SEFFNER, Fernando. Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar. IN: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Edições Mec/Unesco, 2009. 125-139.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). 2011. 228 p. **Dissertação**. (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, Mozart Linhares. **Educação, etnicidade e preconceito no Brasil**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

SOBANSKI, Adriana de Quadros. Como professores e jovens estudantes do Brasil e de Portugal se relacionam com a ideia de África. 177 p. 2008. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. Linguagens escolares e reprodução do preconceito. IN: Ricardo Henriques. (Org.). **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03. Brasília: SECAD/MEC, 2005. P. 105-119.

ZARTH, Paulo. **Do arcaico ao moderno**: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX. Ijuí: Unijuí, 2002.

ANEXOS

ANEXO I

Categoria: Frente Negra Pelotense				
Tabela de análise de conteúdo referente ao periódico A Alvorada (1933)				
Hipótese: o jornal <i>A Alvorada</i> era o maior porta-voz e agitador e propagandeador da Frente Negra Pelotense.				
Objetivo: identificar as ideias mais frequentes no jornal relativas a Frente Negra Pelotense, analisando a que a FNP estava relacionada na cidade.				
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções contrárias a FNP.				
Unidade de Registro:	Descrição	Data	Pág	
Contrários a FNP	01	“ ‘Porto Alegre, 10. (‘A Alvorada’), Pelotas – Protesto energicamente funesta ideia fundação Frente Negra [...] ’ ” [telegrama que se coloca contra a fundação do Centro de Cultura Negro em Pelotas]	14/05/33	04
	02	“- Contra a Frente se levantará, aquele que jamais fez algo pelos seus irmãos, aquele que jamais cuidou de outra cousa sinão exclusivamente de si, aquele que hipocritamente escreve, dizendo que pelos outros se interessa, simplesmente para ver seu nome impresso no jornal, este que agora não se mostrou por seu <i>nome</i> não se achar na iniciativa, este agora <i>gritará</i> , pois que assim também se mostra (mau grado dele, ridicularizando-se a si mesmo) como sabido, sua <i>intelectualidade</i> .” (Creoulo Leugim)	21/05/33	03
	03	“A Frente Negra, - desprezando a critica dos vaidosos e repudiando os comodistas, - combaterá tenazmente o Preconceito de Cores , fruto da vaidade e incompreensão daqueles que julgam-se superiores a nós” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	04	“Não fás muitos dias que um vespertino de Pelotas, em tricas políticas com outro, só porque este aludiu a uma ‘Frente Negra’ em formação, aqui, desancou jogralescamente contra elementos negros que foram as umas sufragar seus candidatos!” (Rodolpho Xavier)	09/07/33	02
	05	“ ‘Avanta!’ – Este nome: Frente Negra Pelotense é como outro qualquer, nunca visando desunião, como acusam meia dúzia de ‘Tartufos’ , que com o tempo ainda serão os maiores propagandistas da grande obra que hoje desmoralizam” (J.P.)	09/07/33	03
	06	“Desde que se fundou a Frente Negra Pelotense, que um as veses diabólico, outras veses gracioso Sr. Xará, vem publicando uma serie de artigos em ataques contra a nossa sociedade educacional, como si nós os negros frentenegrinos, não estivéssemos preparadas para repelir-mos o monstro que José do Patrocinio já o classificava de maior inimigo da Raça Negra – o próprio Negro!” (Humberto de Freitas)	13/08/33	02
	07	“Para eu todos fiquem cientes de que a Frente Negra Pelotense, apesar dos obstáculos que encontrará pela sua frente e zombando dos que a combatem, há de proseguir triunfante”	10/09/33	01
	08	“F.N.P.” [título] “Está cada vês mais coesa esta novel organização. Enquanto os pessimistas ficam apático ao progresso da Raça, uma plêiade de Negros concientes procuram sem alarde, edificar um grande templo de Cultura, de Amor e de Civismo!”	08/10/33	01
	09	“Amigos, por hoje ponho ponto final nas linhas que ficaram, pois talvez já tenha me tornado aborrecido, mas uma cousa vos digo: “Combaterá a F.N.P., todo aquê que nunca visou o engrandecimento do Brasil”.” (José Penny)	17/12/33	01
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções a fundação da FNP.				
Fundação	01	“ ‘Frente Negra’ Está fundada e fadada a ser o máximo dos expoentes da raça.” (Creoulo Leugim)	14/05/33	04
	02	“Sabemos que assim que seja proclamada oficialmente a sua fundação, a F.N.P. expedirá em sessão extraordinária ofícios, reconhecendo como sócios fundadores o valente órgão da Raça – ‘A Alvorada’ [...]”(Zumbi dos Palmares)	11/06/33	03
	03	“Damos hoje a publicidade, a brilhante proclamação, com que a Frente Negra Pelotense, se apresentou ao Povo, em dias da semana finda, cuja leitura recomendamos aos nossos dignos leitores, pela utilidade que nelas encontrarão todos os que como nós, almejam	06/08/33	01

		uma pátria livre e poderoso pela sua cultura” “Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral” (Humberto de Freitas)		
	04	“Mas haja vista ser este ato posterior, quero crer, á fundação da Frente Negra Pelotense”	27/08/33	01
	05	“Se a Frente Negra de Pelotas, muito semelhante á de S. Paulo, tem algum pecado, é o de haver-se antecipado, na fundação e fixação do programa.”	27/08/33	01
	06	“Frente Negra Pelotense” “Foi fundada em Pelotas, essa organização”	27/08/33	02
	07	“Com a denominação de Frente Negra Pelotense, foi fundada, em Pelotas, uma sociedade, com o fim de educação e instrução principalmente dos elementos da raça preta”	27/08/33	02
	08	“Quando fundou-se a Frente Negra Pelotense, milhares foram as pessoas que aplaudiram nossa iniciativa”	03/09/33	01
	09	“Recebemos um officio communicando-nos a fundação da Frente Negra Pelotense” [Do ‘O Libertador’]	10/09/33	01
	10	“Devido aos esforços de um punhado de homens de boa vontade está fundada, nesta cidade a Frente Negra Pelotense” [“Do ‘Diario Liberal’ ...”]	08/10/33	01
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções a ideia de raça e negritude.				
Raça/Negro	01	“ ‘Frente Negra’ Está fundada e fadada a ser o máximo dos expoentes da raça.” (Creoulo Leugim)	14/05/33	04
	02	“- A Frente, deseja que se de a raça tudo o que á ela falta, tudo que ela necessita.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	03	“- A Frente, deseja unir. Ela não quer separação, seja na própria, como em outra raça.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	04	“- A Frente dará seu apoio a todo o homem consciente, todo aquele que além de interessar-se por si e pelos seus, interessa-se também pelos seus irmãos de raça.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	05	“= Pela educação da raça se levantou a F. N.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	03
	06	“Sabemos que assim que seja proclamada oficialmente a sua fundação, a F.N.P. expedirá em sessão extraordinária officios, reconhecendo como sócios fundadores o valente órgão da Raça – ‘A Alvorada’ [...]”(Zumbi dos Palmares)	11/06/33	03
	07	“A Frente Negra é uma entidade organizada por Negros e para Negros , por iniciativa de José Auto Ferreira da Silva, Carlos Torres, Humberto Luis de Freitas, Alexandre Corrêa e Valdemar Rodrigues da Silva [...]” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	08	“A Frente Negra, destina-se a pugnar pela união, educação, instrução, reabilitação e engrandecimento de todos os elementos da raça negra” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	09	“Portanto, a Frente Negra tem uma missão que ultrapassa as fronteiras da raça! – Deve rabalhar pra extinguir o preconceito de côr!” (Rui Topin)	18/06/33	01
	10	“- F. N. P. não quer dizer desunião entre brancos e pretos como gritam aos quatro ventos diversos elementos perniciosos, que nunca fizeram nada pelos seus irmãos de raça.” (José Penny)	09/07/33	01
	11	“- Ampareis a Frente Negra Pelotense que está fadada a destruir o preconceito de raças entre os brasileiros, e tereis dado um passo para a grandesa da cultura brasílica.” (José Penny)	09/07/33	01
	12	“- F.N.P. quer dizer união de brancos e pretos, pois o seu objetivo é espalhar a Luz e a Verdade entre a coletividade, logo, separatismo racial em seu meio, existe só para quem deseja o mal dos seus semelhantes.” (José Penny)	09/07/33	01
	13	“Como principais finalidades da nossa agremiação, a Frente Negra Pelotense terá como dever: Incentivar com vigor a campanha pró alfabetisação, instrução e educação, especialmente dos filhos da Raça(...)”“Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral” (Humberto de Freitas)	06/08/33	01
	14	Certo de que merecemos o apoio da culta população da nossa extremecida cidade, damos por apresentada a ‘Frente Negra Pelotense’ que tudo fará para enriquecer moral e intelectualmente a nossa nacionalidade, implantando, (assim esperamos), a crença de que os homens só se distinguem pelo – Saber, e de inaugurar uma	06/08/33	01

Raça/negro		Era felis, tanto para a Raça Negra, como para o nosso glorioso Brasil!" "Pela Frente Negra Pelotense O Secretário Geral" (Humberto de Freitas)		
	15	"Desde que se fundou a Frente Negra Pelotense, que um as vezes diabólico, outras vezes gracioso Sr. Xará, vem publicando uma serie de artigos em ataques contra a nossa sociedade educacional, como si nós os negros fretenegrinos, não estivéssemos preparadas para repelir-mos o monstro que José do Patrocinio já o classificava de maior inimigo da Raça Negra – o próprio Negro!" (Humberto de Freitas)	13/08/33	02
	16	"Com a denominação de Frente Negra Pelotense, foi fundada, em Pelotas, uma sociedade, com o fim de educação e instrução principalmente dos elementos da raça preta"	27/08/33	02
	17	"(...) Ao contrario do que esperávamos eles forma, agora conosco, unidos, fortes, e coesos, através a sua solidariedade inconfundível, demonstrando assim terem a perfeita compreensão de que a nossa causa não pertence a pessoas; que a nossa organização não foi iniciada pela nossa ousadia, ou pretensão de glórias, mas sim, que a Frente Negra Pelotense nasceu do seio da própria Raça, para a felicidade de nossas famílias, da nossa Patria e da Humanidade!"	03/09/33	01
	18	" – Não, estão perto, pertíssimo mesmo, pois são os meninos e meninas de hoje, no entanto é preciso que seus pais botem de lado os princípios conservadores usados até hoje, que nada trouxeram de positivo a raça, e procurem amparar a F.N.P, para que esta amanha encaminhe seus filhos para o verdadeiro caminho, que é o da Instrução e Educação"	10/09/33	01
	19	"Portanto, nobre e exímio povo Pelotense, representante da raça que leva em suas faces a côr de ébano gigantesco, prestai o inteiro apoio e propagai em prol da 'Frente Negra Pelotense' para que possamos realizar as aspirações presentes, imprimindo novas diretrizes para a gloria e a prosperidade de nós todos"	17/09/33	02
	20	"F.N.P." [título] "Está cada vês mais coesa esta novel organização. Enquanto os pessimistas ficam apático ao progresso da Raça, uma plêiade de Negros concientes procuram sem alarde, edificar um grande templo de Cultura, de Amor e de Civismo!"	08/10/33	01
	21	"Não obstante isto, éla [FNP] vai mais longe, não se limita unicamente á raça Etiopica e sim á todos, como se lê no brilhante manifesto" (ERNANI LIMA)	22/10/33	01
	22	"Frente Negra" [título] "Quinta-feira haverá sessão de Assembleia Geral da Frente Negra Pelotense, na sua sede provisória a rua General Argolo n. 415. São convidados todos os que se interessam pela Raça"	22/10/33	03
	23	"AVANTE! dai o vosso apoio a Frente Negra, e deixe que os vaidosos e ignorantes, prefiram o atraso da nossa Raça. O jornal não deve ser apenas um órgão de 'Pesqueis' e de 'Leilões' mas deve procurar evolver a mentalidade de seus leitores"	05/11/33	01
	24	"Reúne-se no dia 15 do corrente, em magnanima sessão de Assembleia Geral, a futura associação Frente Negra Pelotense, que visa o aperfeiçoamento moral social e intelectual dos filhos da Raça dos imortais Luiz Gama, José Mauricio Nunes Garcia, Henrique Dias, Rebouças, Crús e Sousa, e tantos outros" (Zumbi)	05/11/33	01
	25	"Frente Negra Pelotense" [título] "Assembleia Geral" [subtítulo] "A organização social Frente Negra Pelotense convida a todas as associações etiópicas, as exmas. famílias e ao povo etiópico em geral, para a Assembleia Geral a realizar-se no dia 15 de novembro próximo, na sede do 'C.C. Chove e não molha' a rua Dr. Cassiano n. 203, na qual serão explanados diversos assuntos com referencia á associação e de grande interesse á Raça" (O Conselho Executivo)	05/11/33	03
	26	"Falou nesse momento o sócio fundador da Frente Negra, o inteligente Sr. Ildéfedo Avendano que tendo que retirar-se, agradeceu em belo improviso, a acolhido que tivera no seio de uma raça diferente em côr, mas igual, perante a Humanidade civilisada."	19/11/33	02
27	"Será franca a entrada e não haverá seleção de raça, classe, sexo, credo religioso nacionalidade, traje, etc., isto é, todos que souberem manter a devida compostura em reuniões de semelhante ordem, podem comparecer, que não arrependêr-se-ão, mas aquêle que não	17/12/33	01	

		tiver a devida compreensão de seu papel perante a coletividade, é desnecessária a sua presença, isto agora, porque mais tarde, estes serão sempre os primeiros convidados, pois para estes é que a Frente foi creada.” (José Penny)		
	28	“25 de Dezembro” “Será nesta data que a Frente Negra Pelotense levará a eleito ás 15 horas da tarde na sua sede provisória a rua General Argolo, 415, uma grandiosa demonstração ao publico pelotense, que a raça etiópica será futuramente uma potencia , intelectualmente falando”	24/12/33	03
	29	“Frente Negra Pelotense – será amanhã, 2ª feira 25, ás 3 horas da tarde, que a futura sociedade de ideias nobres e justos para a coletividade, realizará a sua anunciada ‘Congregação Geral’ dos elementos da raça etiópica de Pelotas, que se acham aliados a boa vontade e querem amanhã ter em sua terra natal para orgulho, tanto dos que residem aqui como para os visitantes, uma associação que seja a primeira entre as primeiras”	24/12/33	07
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções a educação, alfabetização, instrução, cultura letrada, ensino.				
Educação/ alfabetizaã o	01	“- A Frente deseja educar e que se eduquem os filhos da Etiopia; porque a educação é a base toda evolução mental e moral.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	02	“- Assim sendo quer a F. N. em resumo a União e a Educação, sobre todos os pontos de vista.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	03	“= Pela educação da raça se levantou a F. N.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	03
	04	“Em vês de criarmos sociedades bailantes, que nenhum beneficio nos trás, procuremos fundar Centros de Cultura, moral intelectual e físico, ou unir-mo-nos a futurósa Frente Negra Pelotense , afim de que instruídos e educados possamos cantar o hino da nossa emancipação e integralizar o Negro na Sociedade Brasileira.” Da Redação (Negro)	04/06/33	02
	05	“ ‘Da Frente Negra’ Simplesmente formidável tem sido a atuação desta altruística congregação educacional, no curto período da sua iniciação. Pois basta diser-se que do dia 12 de maio, até hoje, realizou, nas sedes sociais da nossa esfera, nove comícios de propaganda” (Zumbi dos Palmares)	11/06/33	03
	06	“A Frente Negra, destina-se a pugnar pela união, educação, instrução, reabilitação e engrandecimento de todos os elementos da raça negra” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	07	“Apélo e concito a Frente Negra para que lute – não somente para a instrução da raça, mas para a instrução e emancipação da Classe! ” (Rui Topin)	18/06/33	01
	08	“ ‘F. N. P.’ - Tres letras simbólicas, pois representam: União, Instrução e Educação. ” (José Penny)	09/07/33	01
	09	“Campanha pró-educação – Suprema volição! Por Humberto de Freitas (Da F.N.P.)”	09/07/33	01
	10	Impulsionando pela força dinâmica da vontade e pela perseverança, nós os alfabetizados ensinaremos aos analfabetos hoje, e amanhã aprenderemos com as crianças matriculadas nos ginásios, por intermédio da “Frente Negra Pelotense”. (Humberto de Freitas)	09/07/33	01
	11	“Após gosar curtos dias de férias entre nós seguiu para a Capital do Estado o Sr. José Penny que cursa com raro brilhantismo o 4º ano da Escola J. de Castilhos, s.s. que teve ocasião de assistir algumas sessões da Frente Negra Pelotense manifestou-se estar confiante na iniciativa dos pelotenses, e na Capital, por delegação a F.N.P. será o representante especial nesta novel e já formidável congregação educacional”	16/07/33	03
	12	“- Constituirá uma nota chique nas sociedades locais a ‘Crusada do livro’ que breve será iniciada de um modo inédito, em beneficio da biblioteca da F.N.P.” (Zumbi dos Palmares)	16/07/33	04
	13	“É bom declarar mais uma vês, que a ‘Frente Negra’ não projeta realizar baile nenhum. Nós só queremos escolas... e livros” (Zumbi dos Palmares)	16/07/33	04
	14	“Auscultando as aspirações do Povo Brasileiro e a necessidade da nossa gente, que se esforçam por libertar-se da escravidão – do analfabetismo – foi que fundamos a nossa congregação, que pela	06/08/33	01

Educação/ alfabetizaçã o		sua munificência. e seu amplo programa denomina-se 'Frente Negra Pelotense' "Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral" (Humberto de Freitas)		
	15	"Tratando-se de uma organização estritamente autocéfala, sem nenhuma ligação política, ou ideologia setaria, tendo como única finalidade promover o alevantamento moral, físico, social e intelectual da Raça, e consequentemente cooperar para o progresso e grandesa da nacionalidade brasílica, a 'Frente Negra Pelotense' não é uma Entidade de competição racial e sim de cooperação cívica, para melhor espalhar entre os elementos negros brasileiros aqui domiciliados, os raios divinos e vivificadores da fulgurante lús da – INSTRUÇÃO!" "Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral" (Humberto de Freitas)	06/08/33	01
	16	"Como principais finalidades da nossa agremiação, a Frente Negra Pelotense terá como dever: Incentivar com vigor a campanha pró alfabetização, instrução e educação, especialmente dos filhos da Raça(...)" "Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral" (Humberto de Freitas)	06/08/33	01
	17	Certo de que merecemos o apoio da culta população da nossa estremecida cidade, damos por apresentada a 'Frente Negra Pelotense' que tudo fará para enriquecer moral e intelectualmente a nossa nacionalidade, implantando, (assim esperamos), a crença de que os homens só se distinguem pelo – Saber, e de inaugurar uma Era felis, tanto para a Raça Negra, como para o nosso glorioso Brasil!" "Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral" (Humberto de Freitas)	06/08/33	01
	18	"Desde que se fundou a Frente Negra Pelotense, que um as veses diabólico, outras veses gracioso Sr. Xará, vem publicando uma serie de artigos em ataques contra a nossa sociedade educacional, como si nós os negros frenthenegrinos, não estivéssemos preparadas para repelir-mos o monstro que José do Patrocinio já o classificava de maior inimigo da Raça Negra – o próprio Negro!" (Humberto de Freitas)	13/08/33	02
	19	"Da Frente Negra" "Causou vivo contentamento nos meios frenthenegrinos a indicação do talentoso Sr. Isidoro Lima, para representante especial desta Congregação educacional, no progressivo município de Cangussu"	13/08/33	02
	20	"Campanha Pró-educação" "Da Frente Negra Brasileira" "Impressão sobre esta associação educacional, do II anista de direito da Faculdade de Porto Alegre, Sr. Xenofonte Lopes"	27/08/33	01
	21	"Se a Frente Negra Pelotense não se arroga o direito de fazer-lhe festa, toma a peito a sua educação"	27/08/33	01
	22	"Com a denominação de Frente Negra Pelotense, foi fundada, em Pelotas, uma sociedade, com o fim de educação e instrução principalmente dos elementos da raça preta"	27/08/33	02
	23	"Auscultando as aspirações do Povo Brasileiro e a necessidade da nossa gente, que se esforçam por libertar-se da escravidão do – analfabetismo – foi que fundamos nossa congregação, que pela sua munificência, e seu amplo programa denomina-se 'Frente Negra Pelotense'"	27/08/33	02
	24	" – Não, estão perto, pertíssimo mesmo, pois são os meninos e meninas de hoje, no entanto é preciso que seus pais botem de lado os princípios conservadores usados até hoje, que nada trouxeram de positivo a raça, e procurem amparar a F.N.P, para que esta amanha encaminhe seus filhos para o verdadeiro caminho, que é o da Instrução e Educação"	10/09/33	01
	25	"Já é do domínio publico, que esta recente agremiação [FNP], destina-se ao nobre fim de educacionar aos decedentes de Patrocinio, inspirado no propósito de nivelar pela Educação, pelos princípios da são moral e da Justiça, os esplendentes raios da razão cultivada, para um dia, no futuro, ter a emancipação que prescindem." (Manoel Izidoro)	17/09/33	01
	26	"Impressão sobre esta agremiação [FNP] educacional, do jovem Moysés dos Santos Rodrigues, gloria da raça etiópica Santanense, ora no II ano da Faculdade de Direito de Porto Alegre"	17/09/33	01
27	"Campanha Pró-Educação" "Escolas gratuitas" "Entusiasticamente a	08/10/33	01	

		população de Pelotas, acóde ao apelo da F.N.P. para que não se descuidem no sentido de enviar os seus filhos á escola” (Zé Americo)		
28		“Campanha Pró-Educação” “Da Frente Negra Pelotense” “Impressão sobre esta associação restritamente educacional, do jovem I anista de medicina da Faculdade de Porto Alegre, ERNANI LIMA, gloria da magna raça etiópica portoalegrense”	22/10/33	01
29		“Pois a ‘frente’ clama em altos brados aos quatro pontos cardeais do pais ‘Instrução” (ERNANI LIMA)	22/10/33	01
30		“Ademais esta obra [FNP] é de alto quilate, é a obra das obras, que merece mesmo auxilio intelectual das coletividades e mesmo ela chega a realisar porestá via mais progresso que o governo com avultadas verbas na criação e manutenção de grupos escolares” (ERNANI LIMA)	22/10/33	01
31		“Há dias assisti uma sessão da mesma [FNP], onde foram ventilados assuntos da máxima importância, entre êles, a nomeação de Guarda Livros da novel organização cultural, do ilustre e batalhador jovem, Bacharel em Ciencias Comerciais, Miguel Barros, formado no veterano estabelecimento de ensino Ginasio Gonzaga, ainda uma nomeação de muito valor, foi sem duvida a de Cobrador , confiada ao distinto e acretitado Sr. João Pedro Ferreira” (José Penny)	17/12/33	01
32		“Na ultima sessão realizada 2ª feira passada, foi nomeada Guarda Livros desta associação [FNP], o inteligente correligionário e Bacharel em Ciencias Comerciais, jovem Miguel Barros, bem assim como Cobrador oficial, o acreditado Sr. João Pedro Ferreira, que dentro em breve iniciará a cobrança aos 80 socios inscritos no livro de presença.”	17/12/33	07

UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções a ideia de união em torno da FNP e entre os negros.

União	01	“- A Frente, deseja unir. Ela não quer separação, seja na própria, como em outra raça.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	02	“- Assim sendo quer a F. N. em resumo a União e a Educação, sobre todos os pontos de vista.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	03	“- A Frente dará seu apoio a todo o homem consciente, todo aquele que além de interessar-se por si e pelos seus, interessa-se também pelos seus irmãos de raça.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	04	“- Contra a Frente se levantará, aquele que jamais fez algo pelos seus irmãos, aquele que jamais cuidou de outra cousa sinão exclusivamente de si, aquele que hipocritamente escreve, dizendo que pelos outros se interessa, simplesmente para ver seu nome impresso no jornal, este que agora não se mostrou por seu <i>nome</i> não se achar na iniciativa, este agora <i>gritará</i> , pois que assim também se mostra (mau grado dele, ridicularizando-se a si mesmo) como sabido, sua <i>intelectualidade</i> .” (Creoulo Leugim)	21/05/33	03
	05	“= Pela educação da raça se levantou a F. N.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	03
	06	“A Frente Negra, destina-se a pugnar pela união, educação, instrução, reabilitação e engrandecimento de todos os elementos da raça negra” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	07	“ ‘F. N. P.’ - Tres letras simbólicas, pois representam: União, Instrução e Educação. ” (José Penny)	09/07/33	01
	08	“- F. N. P. não quer dizer desunião entre brancos e pretos como gritam aos quatro ventos diversos elementos perniciosos, que nunca fizeram nada pelos seus irmãos de raça.” (José Penny)	09/07/33	01
	09	“- F.N.P. quer dizer união de brancos e pretos, pois o seu objetivo é espalhar a Luz e a Verdade entre a coletividade, logo, separatismo racial em seu meio, existe só para quem deseja o mal dos seus semelhantes.” (José Penny)	09/07/33	01
	10	“A Frente Negra Pelotense ai está, dê-m-lhe forças, e amanhã seremos os paladinos do progresso brasílico, porque o Gigante que até hoje dormiu, despreocupadamente, está despertando para trazer LUZ e UNIÃO” (José Penny) “(Da F.N.P.)”	13/08/33	01
	11	“Unirmo-nos em torno da Frente Negra Pelotense, é aspirarmos a reforma dos nossos costumes, e fazer resurgir entre os humanos a desaparecida nobreza de caráter!”	03/09/33	01
	12	“Com o auxilio de todos, pois ela [FNP] defenderá os interesses de todos, cada um, deverá dar seu auxilio individual, para receber o	12/11/33	01

		auxilio coletivo" (Creoulo LEUGIM)		
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções a entidades e eventos recreativos, tais como sociedades, clubes.				
Sociedades e eventos recreativos	01	"Em vês de criarmos sociedades bailantes, que nenhum beneficio nos trás, procuremos fundar Centros de Cultura, moral intelectual e físico, ou unir-mo-nos a futurósa Frente Negra Pelotense , afim de que instruídos e educados possamos cantar o hino da nossa emancipação e integralizar o Negro na Sociedade Brasileira." Da Redação (Negro)	04/06/33	02
	02	"Por ocasião da esplendente festa do 'Bloco das Adalias', a convite, o consagrado aluno da nossa Escola de Belas Artes, o Sr. Miguel Barros, representando a F. N. P., dissertou sobre: 'As nossas finalidades'" (Zumbi dos Palmares)	11/06/33	03
	03	"Quase todas agremiações locais, em vibrantes ofícios endereçados a F.N. ofereceram-nas, suas sedes, sem remuneração alguma as suas sessões. Alta expressão de solidariedade a uma causa nobre e santa!" (Zumbi dos Palmares)	11/06/33	03
	04	"A Frente Negra, é completamente independente, não sendo filiada a partidos, nem religiões, nem a clubes ou sociedades recreativas, carnavalescas ou desportivas." (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	05	"Por essa ocasião [evento da Companhia Negra de Operetas, na sede do Fica Aí] fizeram uso da palavra os inteligentes srs. Otavio Gomes, secretario da companhia, que saudou o homenageado, a Frente Negra e a 'A Alvorada', Humberto Freitas, pela Frente Negra, Bugre Machado [...]"	18/06/33	04
	06	"É bom declarar mais uma vês, que a 'Frente Negra' não projeta realizar baile nenhum. Nós só queremos escolas... e livros" (Zumbi dos Palmares)	16/07/33	04
	07	"- Haverá três mesas, atendidas por gentis senhorinhas que, servirão como tendeiiras sendo a 1ª em homenagem a 'A Alvorada', 'Frente Negra', a 2ª em homenagem aos cordões Depois da Chuva, Chove e Fica ahi, e a 3ª em homenagem aos cordões Quem Ri, Está tudo certo e Independente"	30/07/33	04
	08	"Se a Frente Negra Pelotense não se arroga o direito de fazer-lhe festa, toma a peito a sua educação"	27/08/33	01
	09	"É que durante os intervalos das dansas serão vendidos lindos ramos de flores, em beneficio dos cofres da 'Frente Negra', a cuja associação o 'Está tudo certo', homenageará com a sua admiração incalculável proteção"	15/10/33	03
	10	"Cada jovem, a pedido da comissão, oferecerá uma ou mais flores (de preferencia artificiais), aos organizadores da festa, as quais serão vendidas em beneficio da futura 'Frente Negra Pelotense'"	22/10/33	03
	11	"A sessão será realizada na sede do 'C.C. Chove e não molha' de acordo com o sorteio feito, pois todas as sociedades locais, oferecem a F.N.P. suas sedes" (Zumbi)	05/11/33	01
	12	"Frente Negra Pelotense" [título] "Assembleia Geral" [subtitulo] "A organização social Frente Negra Pelotense convida a todas as associações etiópicas, as exmas. famílias e ao povo etiópico em geral, para a Assembleia Geral a realizar-se no dia 15 de novembro próximo, na sede do 'C.C. Chove e não molha' a rua Dr. Cassiano n. 203, na qual serão explanados diversos assuntos com referencia á associação e de grande interesse á Raça" (O Conselho Executivo)	05/11/33	03
	13	"Todos vós, deveis assistir a Assembleia da Frente Negra Pelotense, á realizar-se no dia 15 quarta-feira (feriado), ás 15 ½ horas na sede do 'C. Chove não Molha'" (Creoulo LEUGIM)	12/11/33	01
	14	"Realisou-se no dia 15 do corrente na sede do 'C.C. Chove e não molha' a grande sessão de Assembléa Geral, da útil organização social Frente Negra Pelotense"	19/11/33	02
	15	"Após foram consideradas sócias protetora da F.N.P. as seguintes sociedades e jornais: 'A Alvorada', 'C.C. Está Tudo', 'C.C.Chóve e não molha', 'S.R.Depois da Chuva', e 'C.C.Fica ai p'ra ir disendo', cujas sociedades muito tem contribuído para a F.N.P. cedendo suas sedes gratuitamente para sessões e outros misteres."	19/11/33	02
	16	"Amanhã, reunião da Frente Negra Pelotense na sede do 'Está Tudo	10/12/33	02

		Certo”		
	17	“Por ocasião da leitura dos feitos da “Frente” foi exaltado os serviços que o “Gremio 24 de Junho”, prestou a esta associação, tendo sido aprovado considerar-se esta sociedade representada na pessoa de seu presidente Sr. Acacio Caldeira, sócia protetora da “Frente””	10/12/33	04
	18	“Fiquei ciente de que no próximo dia 24 do corrente, haverá Sessão de Assembléa Geral na sede provisória, isto é, no salão do simpático e antecioso “Está Tudo Certo” às 3 horas da tarde, para ser tratado assuntos de elevada importância para a sociedade, o que equivale a dizer: para o bem da coletividade.” (José Penny)	17/12/33	01
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções a mulheres, senhoras, moças e nomes próprios femininos.				
Mulheres	01	“No dia 24 do corrente, em local oportunamente escolhido o jovem Humberto de Freitas, secretario geral da F.N.P. falará sobre o tema: ‘A Mulher Negra e o futuro da Raça’” (Zumbi dos Palmares)	11/06/33	03
	02	“A Frente Negra Pelotense ora em inicio, precisa de elementos dessa envergadura” [sobre o falecimento de Iolanda S. Cardoso] (José Penny)	09/07/33	02
	03	“Por ocasião da esplendente festa do ‘Bloco das Adalias’, a convite, o consagrado aluno da nossa Escola de Belas Artes, o Sr. Miguel Barros, representando a F. N. P., dissertou sobre: ‘As nossas finalidades’” (Zumbi dos Palmares)	11/06/33	03
	04	“- Haverá três mesas, atendidas por gentis senhorinhas que, servirão como tendeiiras sendo a 1ª em homenagem a ‘A Alvorada’, ‘Frente Negra’, a 2ª em homenagem aos cordões Depois da Chuva, Chove e Fica ahi, e a 3ª em homenagem aos cordões Quem Ri, Está tudo certo e Independente”	30/07/33	04
	05	“Os pais as mães e tutores, todos devem unir-se em torno da F.N.P. para minorar a situação dos nossos estudantes” (Zé Americo)	08/10/33	01
	06	“Frente Negra Pelotense” “A grande sessão de Assembleia – Proclamação da Diretoria – Comitê Feminino – Títulos honoríficos” [título e subtítulo]	19/11/33	02
	07	“Foi criada a ‘Legião Feminina Frentenegrina’ Tendo todas as senhorinhas presentes aderido espontaneamente.”	19/11/33	02
	08	“ Frente Negra Pelotense – Sessão de Diretoria. Será no dia 24 do corrente na sede do simpático ‘Está Tudo Certo’, que a novel sociedade educacional, realizará às 3 horas da tarde a Assembléa Geral, onde serão tratados assuntos de magna importância social.”	17/12/33	07
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções a homens, moços, jovens e nomes próprios masculinos.				
Homens	01	“- A Frente dará seu apoio a todo o homem consciente, todo aquele que além de interessar-se por si e pelos seus, interessa-se também pelos seus irmãos de raça.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	02	“A Frente Negra é uma entidade organizada por Negros e para Negros , por iniciativa de José Auto Ferreira da Silva, Carlos Torres, Humberto Luis de Freitas, Alexandre Corrêa e Valdemar Rodrigues da Silva [...]” (J. Bugre Machado, (M.C.P.))	11/06/33	06
	03	“Por essa ocasião [evento da Companhia Negra de Operetas, na sede do Fica Aí] fizeram uso da palavra os inteligentes srs. Otavio Gomes, secretario da companhia, que saudou o homenageado, a Frente Negra e a ‘A Alvorada’, Humberto Freitas, pela Frente Negra, Bugre Machado [...]”	18/06/33	04
	04	“A Frente Negra, será a continuadora da obra iniciada pelo maior negro de todos os tempos, o grande e insubstituível José do Patrocinio” (J. Bugre Machado, (M.C.P.))	11/06/33	06
	05	“Após gosar curtos dias de férias entre nós seguiu para a Capital do Estado o Sr. José Penny que cursa com raro brilhantismo o 4º ano da Escola J. de Castilhos, s.s. que teve ocasião de assistir algumas sessões da Frente Negra Pelotense manifestou-se estar confiante na iniciativa dos pelotenses, e na Capital, por delegação a F.N.P. será o representante especial nesta novel e já formidável congregação educacional”	16/07/33	03
	06	“Da frente Negra Pelotense” “-Durante esta semana, filiaram-se espontaneamente a F.N.P. trinta pais concientes!” (Zumbi dos Palmares)	16/07/33	04

Homens	07	Certo de que merecemos o apoio da culta população da nossa estremecida cidade, damos por apresentada a 'Frente Negra Pelotense' que tudo fará para enriquecer moral e intelectualmente a nossa nacionalidade, implantando, (assim esperamos), a crença de que os homens só se distinguem pelo – Saber, e de inaugurar uma Era felis, tanto para a Raça Negra, como para o nosso glorioso Brasil!" "Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral" (Humberto de Freitas)	06/08/33	01
	08	"Desde que se fundou a Frente Negra Pelotense, que um as vezes diabólico, outras vezes gracioso Sr. Xará, vem publicando uma serie de artigos em ataques contra a nossa sociedade educacional, como si nós os negros fretenegrinos, não estivéssemos preparadas para repelir-mos o monstro que José do Patrocinio já o classificava de maior inimigo da Raça Negra – o próprio Negro!" (Humberto de Freitas)	13/08/33	02
	09	"Da Frente Negra" "Causou vivo contentamento nos meios fretenegrinos a indicação do talentoso Sr. Isidoro Lima, para representante especial desta Congregação educacional, no progressivo município de Cangussu"	13/08/33	02
	10	"Isidoro Lima" " Seguiu para Cangussú, o ilustrado Sr. Isidoro Lima, nosso amigo e talentoso integrante da redação do 'O Cangussuêense'. S.s. será ali, o representante especial da Frente Negra Pelotense, a qual o recebeu cordialmente, representada na pessoa de seu secretaria geral".	13/08/33	03
	11	"Como representante ao mesmo tempo deste semanário e da Frente Negra Pelotense, nesta capital, assim que recebi a Proclamação lançada por esta associação educacional, procurei o Sr. Dali Jornada Barbosa, químico Industrial, 1º químico do Laboratorio de Analises da Alfandega de Porto Alegre e professor do (...)"	20/08/33	01
	12	"Campanha Pró-educação" "Da Frente Negra Brasileira" "Impressão sobre esta associação educacional, do II anista de direito da Faculdade de Porto Alegre, Sr. Xenofonte Lopes"	27/08/33	01
	13	"Já é do domínio publico, que esta recente agremiação [FNP], destina-se ao nobre fim de educacionar aos decendentes de Patrocinio, inspirado no propósito de nivelar pela Educação, pelos princípios da são moral e da Justiça, os esplendentes raios da rasão cultivada, para um dia, no futuro, ter a emancipação que prescindem." (Manoel Izidoro)	17/09/33	01
	14	"Impressão sobre esta agremiação [FNP] educacional, do jovem Moysés dos Santos Rodrigues, gloria da raça etiópica Santanense, ora no II ano da Faculdade de Direito de Porto Alegre"	17/09/33	01
	15	"Ao amigo Leuguim. DD. colaborador do 'A Alvorada'" "Longe de toda espécie de bajulação e 'chaleirismo', continuo a encoraja-lo como sempre, nesta tua árdua missão, confiada pela F.N., e que não émais do que apontar o caminho da luz a muitos dos nossos irmãos que ainda se acham mergulhados no labirinto das trevas" (Zaratusta)	01/10/33	02
	16	"Os pais as mães e tutores, todos devem unir-se em torno da F.N.P. para minorar a situação dos nossos estudantes" (Zé Americo)	08/10/33	01
	17	"Campanha Pró-Educação" "Da Frente Negra Pelotense" "Impressão sobre esta associação restritamente educacional, do jovem I anista de medicina da Faculdade de Porto Alegre, ERNANI LIMA, gloria da magna raça etiópica portoalegrense"	22/10/33	01
	18	"Reúne-se no dia 15 do corrente, em magnanima sessão de Assembleia Geral, a futura associação Frente Negra Pelotense, que visa o aperfeiçoamento moral social e intelectual dos filhos da Raça dos imortais Luiz Gama, José Mauricio Nunes Garcia, Henrique Dias, Rebouças, Crús e Sousa, e tantos outros" (Zumbi)	05/11/33	01
	19	"Após o fretenegrino Miguel Barros, falou sobre as finalidades e vantagens da 'Frente' cujas apreciações e comentários mereceu geral agrado."	19/11/33	02
20	"Falou nesse momento o sócio fundador da Frente Negra, o inteligente Sr. Ildefredo Avendano que tendo que retirar-se, agradeceu em belo improviso, a acolhido que tivera no seio de uma raça diferente em côr, mas igual, perante a Humanidade civilisada."	19/11/33	02	
21	"Por ocasião da leitura dos feitos da "Frente" foi exaltado os serviços que o "Gremio 24 de Junho", prestou a esta associação, tendo sido	10/12/33	04	

		aprovado considerar-se esta sociedade representada na pessoa de seu presidente Sr. Acacio Caldeira, sócia protetora da “Frente”		
	22	“Há dias assisti uma sessão da mesma [FNP], onde foram ventilados assuntos da máxima importância, entre eles, a nomeação de Guarda Livros da novel organização cultural, do ilustre e batalhador jovem, Bacharel em Ciências Comerciais, Miguel Barros, formado no veterano estabelecimento de ensino Ginasio Gonzaga, ainda uma nomeação de muito valor, foi sem duvida a de Cobrador , confiada ao distinto e acreditado Sr. João Pedro Ferreira” (José Penny)	17/12/33	01
	23	“Na ultima sessão realizada 2ª feira passada, foi nomeada Guarda Livros desta associação [FNP], o inteligente correligionário e Bacharel em Ciências Comerciais, jovem Miguel Barros, bem assim como Cobrador oficial, o acreditado Sr. João Pedro Ferreira, que dentro em breve iniciará a cobrança aos 80 socios inscritos no livro de presença.”	17/12/33	07
	24	“A Frente Negra Pelotense ai está, precisamos ampara-la e elevar seu nome, para que amanhã um Humberto de Campos não pergunte: ‘Dar-se-á, porém, esse milagre? os dez milhões de negros existentes no Brasil chegarão a organizar-se socialmente, saindo da passividade e da mediocridade em que se encontram, e a que os condenou a improvidencia da monarquia, atirando-os ás cidades, ignorantes e primitivos, com a lei de 13 de maio?’”	24/12/33	02
	25	“Com esta nova adesão [Sr. Francisco de Paula Alves, catedrático de Português do Ginasio Pelotense], felicitamos a Frente, e que não desanimem os seus dirigentes, porque em breve outros elementos de valor incontestável na cidade de Pelotas e no exterior, estarão registrados no livro de sócios, para mostrar aos que combatem a novel organização, que ela foi, é e será uma realidade cultural e intelectual”	24/12/33	03
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções a preconceito, racismo, discriminação racial.				
Preconceito	01	“A Frente Negra, procurará conquistar para o negro, o direto, a igualdade e a consideração, que a Lei lhe da mais o Preconceito , lhe nega” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	02	“A Frente Negra, - desprezando a critica dos vaidosos e repudiando os comodistas, - combaterá tenazmente o Preconceito de Cores , fruto da vaidade e incompreensão daqueles que julgam-se superiores a nós” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	03	“Portanto, a Frente Negra tem uma missão que ultrapassa as fronteiras da raça! – Deve rabalhar pra extinguir o preconceito de côr!” (Rui Topin)	18/06/33	01
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções as dificuldades e desafios da FNP.				
Dificuldade	01	“Pelos pontos acima descritos, compreende-se perfeitamente os nobres e patrióticos fins a que se destina a Frente Negra. Não pretendemos impossíveis, nem cousas irrealizáveis!” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	02	“A Frente Negra, - desprezando a critica dos vaidosos e repudiando os comodistas, - combaterá tenazmente o Preconceito de Cores , fruto da vaidade e incompreensão daqueles que julgam-se superiores a nós” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	03	“Nada de pessimismo! Nada de covardias! Nada de vacilações! Nada de comodismo! Filia-te a Frente Negra Pelotense.” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	04	“Entretanto, queremos, ao mesmo tempo que levar nosso aplauso á Frente Negra, nessa sua campanha, - apelar para que amplie sua ação a um terreno para o qual deve ser, em verdade, conduzida a sua formidavel tarefa ” (Rui Topin)	18/06/33	01
	05	“Ampara, oh! mais a F.N.P.”	06/08/33	01
	06	“Para eu todos fiquem cientes de que a Frente Negra Pelotense, apezar dos obstáculos que encontrará pela sua frente e zombando dos que a combatem, há de proseguir triunfante”	10/09/33	01
	07	“AVANTE! dai o vosso apoio a Frente Negra, e deixe que os vaidosos e ignorantes, prefiram o atraso da nossa Raça. O jornal não deve ser apenas um órgão de ‘Pesqueis’ e de ‘Leilões’ mas deve procurar	05/11/33	01

		evolver a mentalidade de seus leitores”		
	08	“ A Frente Negra Pelotense está firme, e assim há de continuar, pois associação como esta, poucas ou nenhuma existe no mundo, verdade é que encontrará dificuldades agora no princípio, mas dado um pugilo de homens intemeratos que trabalham na direção, estou confiante que semelhantes dificuldades hão de ser vencidas, e amanhã Pelotas orgulhar-se á de possuir um centro de cultura que não só elevará o nome da cidade como o do Brasil, sendo que mais tarde a sua obra há de fazer eco em todo o mundo” (José Penny)	17/12/33	01
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções a política institucionalizada, partidos políticos.				
Política/ partidos políticos	01	“Não fás muitos dias que um vespertino de Pelotas, em tricas políticas com outro, só porque este aludiu a uma ‘Frente Negra’ em formação, aqui, desancou jogralescamente contra elementos negros que foram as urnas sufragar seus candidatos!” (Rodolpho Xavier)	09/07/33	02
	02	“A Frente Negra, é completamente independente, não sendo filiada a partidos, nem religiões, nem a clubes ou sociedades recreativas, carnavalescas ou desportivas.” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	03	“Tratando-se de uma organização estritamente autocéfala, sem nenhuma ligação política, ou ideologia setaria, tendo como única finalidade promover o alevantamento moral, físico, social e intelectual da Raça, e consequentemente cooperar para o progresso e grandesa da nacionalidade brasílica, a ‘Frente Negra Pelotense’ não é uma Entidade de competição racial e sim de cooperação cívica, para melhor espalhar entre os elementos negros brasileiros aqui domiciliados, os raios divinos e vivificadores da fulgurante lús da – INSTRUÇÃO!” “Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral” (Humberto de Freitas)	06/08/33	01
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções e propagandas de eventos organizados ou em prol da FNP.				
Eventos da FNP		“- A próxima sessão da F.N.P. será na sede da rua Marechal Deodoro” (Zumbi dos Palmares)	16/07/33	04
	01	.”Pois basta diser-se que do dia 12 de maio, até hoje, realizou, nas sedes sociais da nossa esfera, nove comícios de propaganda” (Zumbi dos Palmares)	11/06/33	03
	02	“Por ocasião da esplendente festa do ‘Bloco das Adalias’, a convite, o consagrado aluno da nossa Escola de Belas Artes, o Sr. Miguel Barros, representando a F. N. P., dissertou sobre: ‘As nossas finalidades’” (Zumbi dos Palmares)	11/06/33	03
	03	“No dia 24 do corrente, em local oportunamente escolhido o jovem Humberto de Freitas, secretario geral da F.N.P. falará sobre o tema: ‘A Mulher Negra e o futuro da Raça’” (Zumbi dos Palmares)	11/06/33	03
	04	“- A próxima sessão da F.N.P. será na sede da rua Marechal Deodoro” (Zumbi dos Palmares)	16/07/33	04
	05	“Amanhã sessão da F.N.P. na sede da rua Marechal Deodoro” (Zumbi dos Palmares)	30/07/33	02
	06	“Damos hoje a publicidade, a brilhante proclamação, com que a Frente Negra Pelotense, se apresentou ao Povo, em dias da semana finda, cuja leitura recomendamos aos nossos dignos leitores, pela utilidade que nelas encontrarão todos os que como nós, almejam uma pátria livre e poderoso pela sua cultura” “Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral” (Humberto de Freitas)	06/08/33	01
	07	“Muito em breve serão criadas, em toda a cidade, novas zonas de concentrações dos elementos da F.N.P. onde os interessados poderão procura-los” (Zumbi dos Palmares)	30/07/33	02
	08	“Frente Negra” “Hoje, reúne-se extraordinariamente esta entidade educacional, ás 10 horas da manhã, na sede da rua M. Deodoro”	06/08/33	05
	09	“Isidoro Lima” “ Seguiu para Cangussú, o ilustrado Sr. Isidoro Lima, nosso amigo e talentoso integrante da redação do ‘O Cangussuêense’. S.s. será ali, o representante especial da Frente Negra Pelotense, a qual o recebeu cordialmente, representada na pessoa de seu secretaria geral”.	13/08/33	03
10	“É que durante os intervalos das dansas serão vendidos lindos ramos de flores, em beneficio dos cofres da ‘Frente Negra’, a cuja associação o ‘Está tudo certo’, homenageará com a sua admiração	15/10/33	03	

Eventos da FNP		incalculável proteção”		
	11	“Cada jovem, a pedido da comissão, oferecerá uma ou mais flores (de preferencia artificiais), aos organizadores da festa, as quais serão vendidas em benefício da futura ‘Frente Negra Pelotense”	22/10/33	03
	12	“Frente Negra” [título] “Quinta-feira haverá sessão de Assembleia Geral da Frente Negra Pelotense, na sua sede provisória a rua General Argolo n. 415. São convidados todos os que se interessam pela Raça”	22/10/33	03
	13	“Reúne-se no dia 15 do corrente, em magnanima sessão de Assembleia Geral, a futura associação Frente Negra Pelotense, que visa o aperfeiçoamento moral social e intelectual dos filhos da Raça dos imortais Luiz Gama, José Mauricio Nunes Garcia, Henrique Dias, Rebouças, Crús e Sousa, e tantos outros” (Zumbi)	05/11/33	01
	14	“A sessão será realizada na sede do ‘C.C. Chove e não molha’ de acordo com o sorteio feito, pois todas as sociedades locais, oferecem a F.N.P. suas sedes” (Zumbi)	05/11/33	01
	15	“Frente Negra Pelotense” [título] “Assembleia Geral” [subtítulo] “A organização social Frente Negra Pelotense convida a todas as associações etiópicas, as exmas. famílias e ao povo etiópico em geral, para a Assembleia Geral a realizar-se no dia 15 de novembro próximo, na sede do ‘C.C. Chove e não molha’ a rua Dr. Cassiano n. 203, na qual serão explanados diversos assuntos com referencia á associação e de grande interesse á Raça” (O Conselho Executivo)	05/11/33	03
	16	“Todos vós, deveis assistir a Assembleia da Frente Negra Pelotense, á realizar-se no dia 15 quarta-feira (feriado), ás 15 ½ horas na sede do ‘C. Chove não Molha” (Creoulo LEUGIM)	12/11/33	01
	17	“Frente Negra Pelotense” “A grande sessão de Assembleia – Proclamação da Diretoria – Comitê Feminino – Títulos honoríficos” [título e subtítulo]	19/11/33	02
	18	“Realisou-se no dia 15 do corrente na sede do ‘C.C. Chove e não molha’ a grande sessão de Assembléa Geral, da útil organização social Frente Negra Pelotense”	19/11/33	02
	19	“Amanhã, reunião da Frente Negra Pelotense na sede do ‘Está Tudo Certo”	10/12/33	02
	20	“ Frente Negra Pelotense – Ainda a grande Assembléa. ”	10/12/33	04
	21	“Fiquei ciente de que no próximo dia 24 do corrente, haverá Sessão de Assembléa Geral na sede provisória, isto é, no salão do simpático e antecioso “Está Tudo Certo” ás 3 horas da tarde, para ser tratado assuntos de elevada importância para a sociedade, o que equivale a dizer: para o bem da coletividade.” (José Penny)	17/12/33	01
	22	“Será franca a entrada e não haverá seleção de raça, classe, sexo, credo religioso nacionalidade, traje, etc., isto é, todos que souberem manter a devida compostura em reuniões de semelhante ordem, podem comparecer, que não arreponder-se-ão, mas aquêles que não tiver a devida compreensão de seu papel perante a coletividade, é desnecessária a sua presença, isto agora, porque mais tarde, estes serão sempre os primeiros convidados, pois para estes é que a Frente foi creada.” (José Penny)	17/12/33	01
	23	“ Frente Negra Pelotense – Sessão de Diretoria. Será no dia 24 do corrente na sede do simpático ‘Está Tudo Certo’, que a novel sociedade educacional, realizará ás 3 horas da tarde a Assembléa Geral, onde serão tratados assuntos de magna importância social.”	17/12/33	07
	24	“Na ultima sessão realizada 2ª feira passada, foi nomeada Guarda Livros desta associação [FNP], o inteligente correligionário e Bacharel em Ciencias Comerciais, jovem Miguel Barros, bem assim como Cobrador oficial, o acreditado Sr. João Pedro Ferreira, que dentro em breve iniciará a cobrança aos 80 socios inscritos no livro de presença.”	17/12/33	07
	25	“25 de Dezembro” “Será nesta data que a Frente Negra Pelotense levará a eleito ás 15 horas da tarde na sua sede provisória a rua General Argolo, 415, uma grandiosa demonstração ao publico pelotense, que a raça etiópica será futuramente uma potencia , intelectualmente falando”	24/12/33	03
26	“Frente Negra Pelotense – será amanhã, 2ª feira 25, ás 3 horas da tarde, que a futura sociedade de ideias nobres e justos para a coletividade, realizará a sua anunciada ‘Congregação Geral’ dos	24/12/33	07	

		elementos da raça etiópica de Pelotas, que se acham aliados a boa vontade e querem amanhã ter em sua terra natal para orgulho, tanto dos que residem aqui como para os visitantes, uma associação que seja a primeira entre as primeiras”		
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções a filiação à FNP.				
Filiação	01	“MÁIS! Insiste para que teus filhos se filiem a Frente Negra Pelotense, que é a única sociedade que lhe convem”	06/08/33	01
	02	“Da frente Negra Pelotense” “-Durante esta semana, filiaram-se espontaneamente a F.N.P. trinta pais concientes!” (Zumbi dos Palmares)	16/07/33	04
	03	“A vitória da nossa campanha está no vosso apoio! Filiai-vos na Frente Negra”	27/08/33	02
	04	“Une-te a Frente Negra Pelotense” (Zé Americo)	05/11/33	01
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções a imprensa e o papel da mesma.				
Imprensa	01	“Recebemos um officio comunicando-nos a fundação da Frente Negra Pelotense” [Do ‘O Libertador’]	10/09/33	01
	02	“Acompanha o officio uma proclamação expondo as finalidades da Frente Negra, as quaes são as seguintes:” [Do ‘O Libertador’]	10/09/33	01
	03	“Desejamos êxito, á Frente Negra, nos seus bellos objetivos” [Do ‘O Libertador’]	10/09/33	01
	04	“A Imprensa e a Frente” [menciona os periódicos locais que noticiaram a FNP: A Opinião Pública, Diário Liberal, O Libertador, Diário Popular]	10/09/33	01
	05	“O brilhante órgão ‘A Opinião Publica’ estampa em suas colunas o officio que a F.N.P. lhe dirigiu”	10/09/33	01
	06	“A imprensa e a F.N.P.” [título] [traz aparentemente uma transcrição do Diario Liberal “órgão oficial do Partido Liberal”]	08/10/33	01
	07	“Frente Negra Pelotense” [subtítulo e aparentemente é o título do artigo no Diario Liberal]	08/10/33	01
	08	“Devido aos esforços de um punhado de homens de boa vontade está fundada, nesta cidade a Frente Negra Pelotense” [“Do ‘Diario Liberal’ ...”]	08/10/33	01
	09	“AVANTE! dai o vosso apoio a Frente Negra, e deixe que os vaidosos e ignorantes, prefiram o atraso da nossa Raça. O jornal não deve ser apenas um órgão de ‘Pesqueis’ e de ‘Leilões’ mas deve procurar evolver a mentalidade de seus leitores”	05/11/33	01
UR: nesta unidade de registro, se englobam as menções positivadas a FNP, exaltando-a.				
Valência positiva	01	“ ‘Frente Negra’ Está fundada e fadada a ser o máximo dos expoentes da raça.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	02	“- A Frente, deseja que se de a raça tudo o que á ela falta, tudo que ela necessita.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	03	“- A Frente, deseja unir. Ela não quer separação, seja na própria, como em outra raça.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	04	“- A Frente deseja educar e que se eduquem os filhos da Etiopia; porque a educação éa base toda evolução mental e moral.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	05	“- Assim sendo quer a F. N. em resumo a União e a Educação, sobre todos os pontos de vista.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	06	“- A Frente dará seu apoio a todo o homem consciente, todo aquele que além de interessar-se por si e pelos seus, interessa-se também pelos seus irmãos de raça.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	02
	07	“- A Frente prossegue vitoriosa, nada a deterá. - Seu presidente provisório é o sr. Carlos Torres, acatado elemento nosso.” (Creoulo Leugim)	21/05/33	03
	08	“Em vês de criarmos sociedades bailantes, que nenhum beneficio nos trás, procuremos fundar Centros de Cultura, moral intelectual e físico, ou unir-mo-nos a futurósa Frente Negra Pelotense, afim de que instruídos e educados possamos cantar o hino da nossa emancipação e integralizar o Negro na Sociedade Brasileira.” Da Redação (Negro)	04/06/33	02
	09	“ ‘Da Frente Negra’ Simplesmente formidável tem sido a atuação desta altruística congregação educacional, no curto período da sua	11/06/33	03

Valência positiva		iniciação.”		
	10	“Quase todas agremiações locais, em vibrantes ofícios endereçados a F.N. ofereceram-nas, suas sedes, sem remuneração alguma as suas sessões. Alta expressão de solidariedade a uma causa nobre e santa!” (Zumbi dos Palmares)	11/06/33	03
	11	“A Frente Negra, será a continuadora da obra iniciada pelo maior negro de todos os tempos, o grande e insubstituível José do Patrocinio” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	12	“A Frente Negra, destina-se a pugnar pela união, educação, instrução, reabilitação e engrandecimento de todos os elementos da raça negra” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	13	“A Frente Negra, é completamente independente, não sendo filiada a partidos, nem religiões, nem a clubes ou sociedades recreativas, carnavalescas ou desportivas.” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	14	“Pelos pontos acima descritos, compreende-se perfeitamente os nobres e patrióticos fins a que se destina a Frente Negra. Não pretendemos impossíveis, nem cousas irrealizáveis!” (J. Bugre Machado, (M.C.P.)	11/06/33	06
	15	“Entretanto, queremos, ao mesmo tempo que levar nosso aplauso á Frente Negra, nessa sua campanha, - apelar para que amplie sua ação a um terreno para o qual deve ser, em verdade, conduzida a sua formidável tarefa ” (Rui Topin)	18/06/33	01
	16	“Portanto, a Frente Negra tem uma missão que ultrapassa as fronteiras da raça! – Deve rabalhar pra extinguir o preconceito de côr!” (Rui Topin)	18/06/33	01
	17	“Por essa ocasião [evento da Companhia Negra de Operetas, na sede do Fica Aí] fizeram uso da palavra os inteligentes srs. Otavio Gomes, secretario da companhia, que saudou o homenageado, a Frente Negra e a ‘A Alvorada’, Humberto Freitas, pela Frente Negra, Bugre Machado [...]”	18/06/33	04
	18	“- Ampareis a Frente Negra Pelotense que está fadada a destruir o preconceito de raças entre os brasileiros, e tereis dado um passo para a grandesa da cultura brasilica.” (José Penny)	09/07/33	01
	19	“[...] que teve ocasião de assistir algumas sessões da Frente Negra Pelotense manifestou-se estar confiante na iniciativa dos pelotenses, e na Capital, por delegação a F.N.P. será o representante especial nesta novel e já formidável congregação educacional”	16/07/33	03
	20	“- Haverá três mesas, atendidas por gentis senhorinhas que, servirão como tendeiiras sendo a 1ª em homenagem a ‘A Alvorada’, ‘Frente Negra’, a 2ª em homenagem aos cordões Depois da Chuva, Chove e Fica ahi, e a 3ª em homenagem aos cordões Quem Ri, Está tudo certo e Independente”	30/07/33	04
	21	“Damos hoje a publicidade, a brilhante proclamação, com que a Frente Negra Pelotense, se apresentou ao Povo [...]” “Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral” (Humberto de Freitas)	06/08/33	01
	22	“[...] fundamos a nossa congregação, que pela sua munificência. e seu amplo programa denomina-se ‘Frente Negra Pelotense” “Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral” (Humberto de Freitas)	06/08/33	01
	23	“[...] a ‘Frente Negra Pelotense’ não é uma Entidade de competição racial e sim de cooperação cívica, para melhor espalhar entre os elementos negros brasileiros aqui domiciliados, os raios divinos e vivificadores da fulgurante lús da – INSTRUÇÃO!” “Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral” (Humberto de Freitas)	06/08/33	01
	24	“Certo de que merecemos o apoio da culta população da nossa extremecida cidade, damos por apresentada a ‘Frente Negra Pelotense’ que tudo fará para enriquecer moral e intelectualmente a nossa nacionalidade [...]” “Pela Frente Negra Pelotense O Secretario Geral” (Humberto de Freitas)	06/08/33	01
	25	“A Frente Negra Pelotense ai está, dê-m-lhe forças, e amanhã seremos os paladinos do progresso brasilico, porque o Gigante que até hoje dormiu, despreocupadamente, está despertando para trazer LUZ e UNIÃO” (José Penny) “(Da F.N.P.)”	13/08/33	01
26	“Auscultando as aspirações do Povo Brasileiro e a necessidade da nossa gente, que se esforçam por libertar-se da escravidão do – analfabetismo – foi que fundamos nossa congregação, que pela sua munificência, e seu amplo programa denomina-se ‘Frente Negra	27/08/33	02	

Valência positiva		Pelotense”		
	27	“Quando fundou-se a Frente Negra Pelotense, milhares foram as pessoas que aplaudiram nossa iniciativa”	03/09/33	01
	28	“[...] que a nossa organização não foi iniciada pela nossa ousadia, ou pretensão de glórias, mas sim, que a Frente Negra Pelotense nasceu do seio da própria Raça, para a felicidade de nossas famílias, da nossa Patria e da Humanidade!”	03/09/33	01
	29	“Unirmo-nos em torno da Frente Negra Pelotense, é aspirarmos a reforma dos nossos costumes, e fazer resurgir entre os humanos a desaparecida nobreza de caráter!”	03/09/33	01
	30	“Para eu todos fiquem cientes de que a Frente Negra Pelotense, apesar dos obstáculos que encontrará pela sua frente e zombando dos que a combatem, há de prosseguir triunfante”	10/09/33	01
	31	“Já é do domínio publico, que esta recente agremiação [FNP], destina-se ao nobre fim de educacionar aos decedentes de Patrocinio, inspirado no propósito de nivelar pela Educação, pelos princípios da são moral e da Justiça, os esplendentes raios da rasão cultivada, para um dia, no futuro, ter a emancipação que prescindem.” (Manoel Izidoro)	17/09/33	01
	32	“Feliz iniciativa essa, tal a de cognominar a essa entidade ora em gestão, de Frente Negra Pelotense”	17/09/33	01
	33	“Por isso é, com otimismo que encaro essa agremiação racial [FNP]”	17/09/33	01
	34	“Portanto, nobre e exímio povo Pelotense, representante da raça que leva em suas faces a côr de ébano gigantesco, prestai o inteiro apoio e propagai em prol da ‘Frente Negra Pelotense’ para que possamos realizar as aspirações presentes, imprimindo novas diretrizes para a gloria e a prosperidade de nós todos”	17/09/33	02
	35	“Devido aos esforços de um punhado de homens de boa vontade está fundada, nesta cidade a Frente Negra Pelotense” [“Do ‘Diario Liberal’ ...”]	08/10/33	01
	36	“F.N.P.” [título] “Está cada vês mais coesa esta novel organização. Enquanto os pessimistas ficam apático ao progresso da Raça, uma plêiade de Negros concientes procuram sem alarde, edificar um grande templo de Cultura, de Amor e de Civismo!”	08/10/33	01
	37	“É com surpreendente admiração, que li há poucos dias um folheto com a epigrafe ‘Frente Negra Pelotense’” (ERNANI LIMA)	22/10/33	01
	38	“Não obstante isto, éla [FNP] vai mais longe, não se limita unicamente á raça Etiopica e sim á todos, como se lê no brilhante manifesto” (ERNANI LIMA)	22/10/33	01
	39	“Ademais esta obra [FNP] é de alto quilate, é a obra das obras, que merece mesmo auxilio intelectual das coletividades e mesmo ela chega a realisar poresta via mais progresso que o governo com avultadas verbas na criação e manutenção de grupos escolares” (ERNANI LIMA)	22/10/33	01
	40	“Assim como surgiu este núcleo [FNP] na vizinha cidade, em breve fatalmente surgirão em diferentes pontos do Pais outros tantos nucleos com os mesmos nobres e altruísticos fins” (ERNANI LIMA)	22/10/33	01
	41	“A sessão será realizada na sede do ‘C.C. Chove e não molha’ de acordo com o sorteio feito, pois toas as sociedades locais, oferecem a F.N.P. suas sedes” (Zumbi)	05/11/33	01
	42	“A Frente Negra, será a cabeça que dirigirá este grandioso movimento, que ora esboçamos” (Creoulo LEUGIM)	12/11/33	01
	43	“Heroicamente começada, a Frente Negra, será heroicamente continuada” (Creoulo LEUGIM)	12/11/33	01
	44	“Realisou-se no dia 15 do corrente na sede do ‘C.C. Chove e não molha’ a grande sessão de Assembléa Geral, da útil organização social Frente Negra Pelotense”	19/11/33	02
	45	“Foi criada a ‘Legião Feminina Frentenegrina’ Tendo todas as senhorinhas presentes aderido expontaneamente.”	19/11/33	02
46	“ A Frente Negra Pelotense está firme, e assim há de continuar, pois associação como esta, poucas ou nenhuma existe no mundo, verdade é que encontrará dificuldades agora no principio, mas dado um pugilo de homens intemeratos que trabalham na direção, estou confiante que semelhantes dificuldades não de ser vencidas, e amanhã Pelotas orgulhar-se á de possuir um centro de cultura que	17/12/33	01	

		não só elevará o nome da cidade como o do Brasil, sendo que mais tarde a sua obra há de fazer eco em todo o mundo” (José Penny)		
47		“Fiquei ciente de que no próximo dia 24 do corrente, haverá Sessão de Assembléa Geral na sede provisória, isto é, no salão do simpático e antecioso “Está Tudo Certo” às 3 horas da tarde, para ser tratado assuntos de elevada importância para a sociedade, o que equivale a dizer: para o bem da coletividade.” (José Penny)	17/12/33	01
48		“Combaterá a F.N.P., todo aquê que nunca visou o engrandecimento do Brasil”. (José Penny)	17/12/33	01
49		“ Frente Negra Pelotense – <i>Sessão de Diretoria</i> . Será no dia 24 do corrente na sede do simpático ‘Está Tudo Certo’, que a novel sociedade educacional, realizará às 3 horas da tarde a Assembléa Geral, onde serão tratados assuntos de magna importância social.”	17/12/33	07
50		“25 de Dezembro” “Será nesta data que a Frente Negra Pelotense levará a eleito às 15 horas da tarde na sua sede provisória a rua General Argolo, 415, uma grandiosa demonstração ao publico pelotense, que a raça etiópica será futuramente uma potencia , intelectualmente falando”	24/12/33	03
51		“Frente Negra Pelotense – será amanhã, 2ª feira 25, às 3 horas da tarde, que a futura sociedade de ideias nobres e justos para a coletividade, realizará a sua anunciada ‘Congregação Geral’ dos elementos da raça etiópica de Pelotas, que se acham aliados a boa vontade e querem amanhã ter em sua terra natal para orgulho, tanto dos que residem aqui como para os visitantes, uma associação que seja a primeira entre as primeiras”	24/12/33	07

ANEXO II

África -> Brasil

O tráfico de mão de obra escravizada da África foi a base da economia brasileira no período colonial. No século XVI, Guiné era a principal localidade da onde os negros eram sequestrados, depois, passou a ser Angola (século XVII) e mais tarde, da Costa da Mina – Benin e Daomé (século XVIII até 1815).

Os portugueses já utilizavam de escravos antes da colonização do Brasil, mas com a produção açucareira (1560) e a descoberta do ouro (século XVIII), o tráfico passou a ser compulsório, chegando a mais de **3 milhões de pessoas**, destruindo diversas famílias na África. **Cerca de 40% dos negros embarcados nos navios, morriam durante a travessia do Oceano Atlântico.**

No **Rio Grande do Sul**, as principais atividades econômicas em que os negros escravizados trabalhavam era principalmente a **pecuária** e a **charqueada**, pois estas eram as principais atividades econômicas no estado nos séculos XVIII e XIX.

Este processo de escravização fez com que a formação política, cultural, econômica e social do Brasil todo, fosse influenciada pela matriz africana. Para os negros brasileiros garantissem o mínimo de direitos, eles se organizavam de diversas formas, como através dos **quilombos, revoltas, sabotagem de produção**, etc.

Mesmo depois da abolição dos escravos, assinada em 1888, diversos direitos básicos da população negra não foram garantidos, como o acesso a educação, saúde, moradia, etc.

Por isso, desde então, a população negra tem que se organizado em movimentos sociais, até os dias atuais, para garantirem os reparos históricos que a escravidão os deixou. Entre estas organizações, se formou a **Frente Negra Brasileira**, em **1931**.

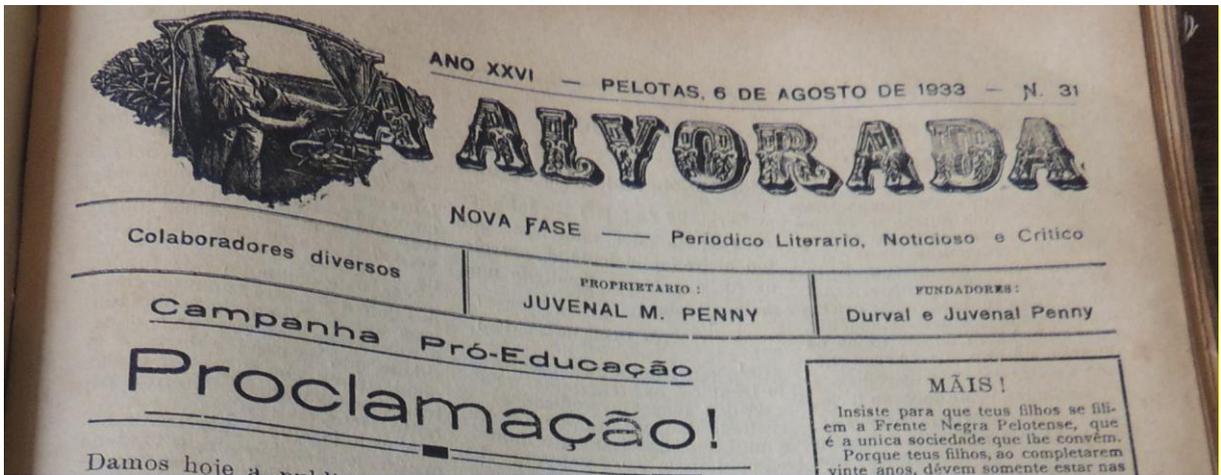
Frente Negra Pelotense

Em **1933**, inspirados na Frente Negra Brasileira, se formou aqui em Pelotas um núcleo chamado **Frente Negra Pelotense**. O principal objetivo deste grupo era garantir que a população negra da cidade tivesse acesso a educação, pois naquele tempo, muitas escolas não aceitavam jovens negros. Isso, porque embora a população negra tivesse sido a **responsável por toda a construção da cidade**, desde os atuais prédios históricos, hospitais, praças, etc., havia ainda a herança do racismo da época da escravidão.

A **Frente Negra Pelotense** tinha como parceiro um jornal que era considerado seu porta-voz, o jornal **A Alvorada**, que também era editado e mantido por trabalhadores negros que assim se organizavam para defender os interesses dessa parcela da população que não possuía nenhum espaço para expor seus problemas.

Assim como em Pelotas, diversas cidades de todo o Brasil organizaram suas Frentes Negras e também tinham seus jornais. As Frentes Negras foram extintas, quando em 1937, se instaurou uma ditadura no Brasil, conhecida como o período do Estado Novo, do presidente Getúlio Vargas.

ANEXO III



ANEXO IV-A

Frente Negra Pelotense

Assembléa Geral

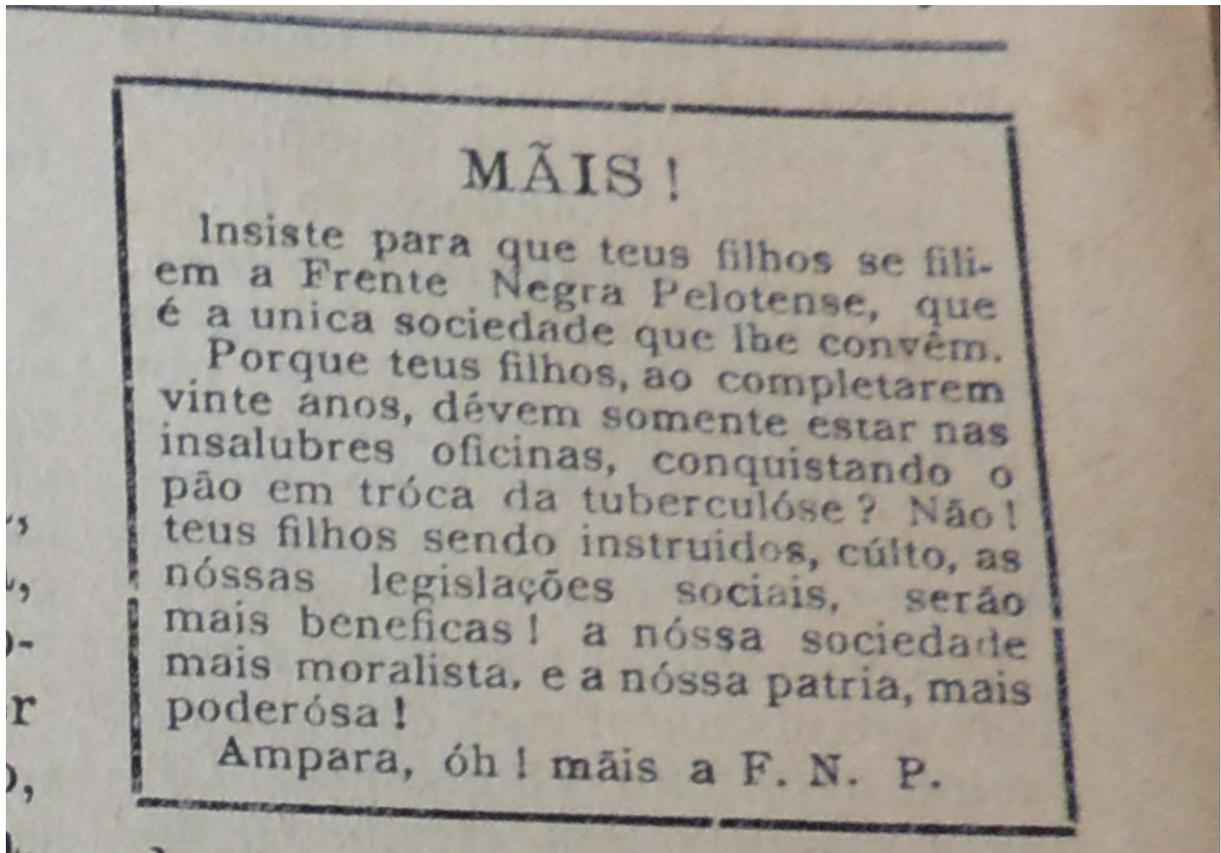
A organização social Frente Negra Pelotense convida a todas as associações etiópicas, as ex-mas. famílias e ao povo etiópico em geral, para a Assembléa Geral a realizar-se no dia 15 de novembro proximo, na séde do «C. C. Chove e não molha» a rua Dr. Cassiano n. 203, na qual serão explanados divérsos assuntos com referencia á associação e de grande interesse á Raça.

Certo do comparecimento de todos, desde já manifestamos gratos.

O Conselho Executivo.

A Alvorada, 5 de novembro de 1933.

ANEXO IV-B



A Alvorada, 6 de agosto de 1933.

ANEXO IV-C

Frente Negra

Está fundada e fadada a ser o máximo dos expoentes da raça.

— A Frente, deseja que se dê a raça tudo o que á ela falta, tudo que ela necessita.

— A Frente, deseja unir. Ela não quer separação, seja na própria, como em outra raça.

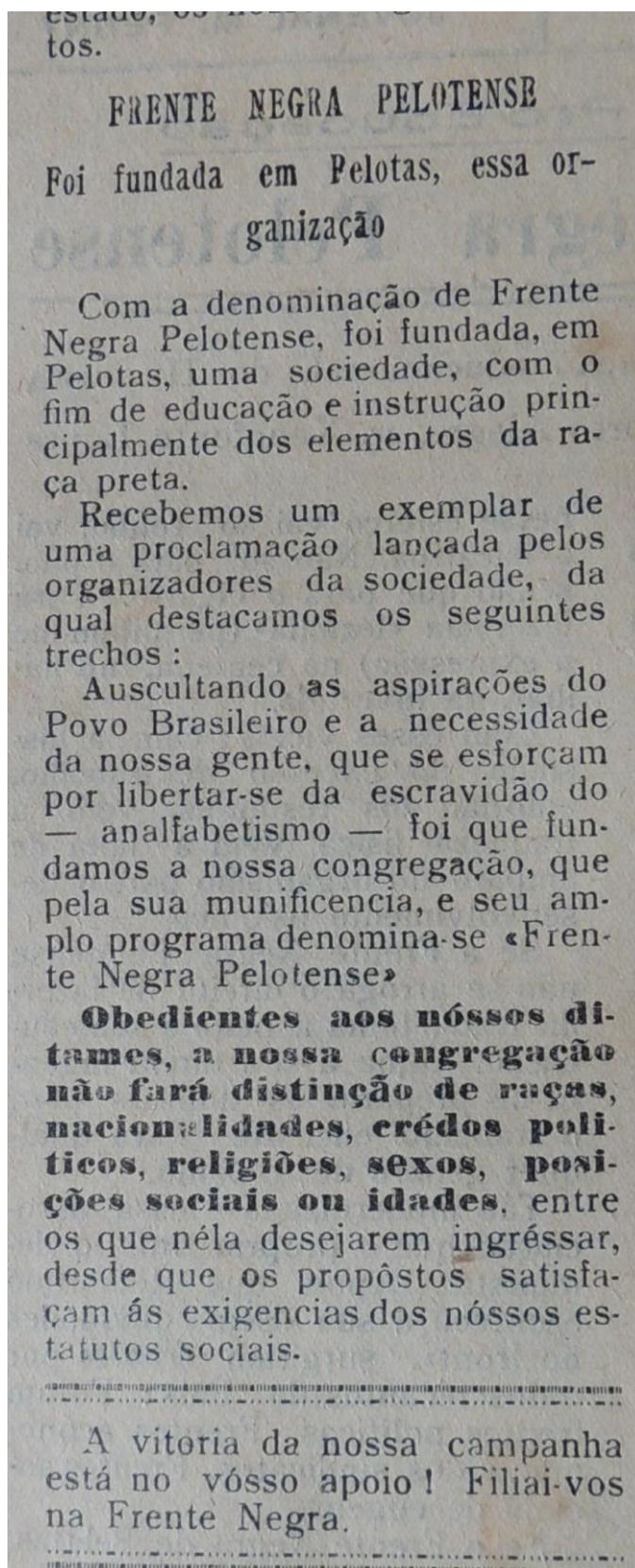
— A Frente deseja educar e que se eduquem os filhos da Etiopia ; porque a educação é a base de toda evolução mental e moral.

— Assim sendo quer a F. N. em resumo a União e a Educação, sobre todos os pontos de vista.

— A Frente dará seu apoio a todo o homem conciente, todo aquele que além de interessar-se por si e pelos seus, interessa-se

A Alvorada, 21 de maio de 1933.

ANEXO IV-D



A Alvorada, 27 de agosto de 1933.

ANEXO IV-E

O!

F. N. P.

— Tres letras simbolicas, pois representam : **União, Instrução e Educação.**

— Quereis o engrandecimento de tua raça e o teu proprio, procureis hoje mesmo auxiliar esta benemerita associação.

— Não vos importeis com os espiritos Maquiavelicos que perambulam pela estrada da Desorientação condenando este formidavel centro.

— F. N. P. não quer dizer desunião entre brancos e pretos como gritam aos quatro ventos diversos elementos perniciosos, que nunca fizeram nada pelos seus irmãos de raça.

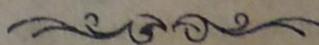
— Não deis ouvidos aos ignorantes e ambiciosos que tudo desmoralisam, porque nada sabem... Perdoemo-los.

— Ampareis a Frente Negra Pelotense que está fadada a destruir o preconceito de raças entre os brasileiros, e tereis dado um passo para a grandessa da cultura brasilica.

— F. N. P. quer dizer união de brancos e pretos, pois o seu objetivo é espalhar a Luz e a Verdade entre a coletividade, lógo, separatismo racial em seu meio, existe só para quem deseja o mal dos seus semelhantes.

— Frentenegrinos, não desanimeis na vossa obra, apesar das palavras de Patrocínio : «O negro é o maior inimigo do proprio negro,» ainda tereis do vosso lado Negros que se orgulham de o serem, e que até a sua ultima gota de sangue oferecem para batalhar no «Exercito do Saber...» Um destes sou eu

José Penny.



A Alvorada, 9 de julho de 1933.